



**Nem sempre
os **anjos** vivem
no **céu****

Jerusa Verpa

Confraria dos Livros Bons

Angela Dominguez

Revisão Ortográfica

Kátia Patricia Albano

Jerusa Verpa

Diagramação

Jerusa Verpa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Verpa, Jerusa

Confraria dos Livros Bons

Nem sempre os anjos vivem no céu / Jerusa Verpa. – 1. ed. Botucatu: edição do autor, 2014.

240 p.

ISBN 978-85-80458-33-6

1. Romance brasileiro I. Título.

14-00825
869.93

CDD-

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Confraria dos Livros Bons

Agradecimentos

A todos meus amigos e familiares que me apoiaram e me incentivaram nesse prazeroso trabalho. Em especial a minha mãe Regina, minha irmã Sandra e sobrinha Gabriela. “Trio” vocês sabem como foram essenciais para que isso acontecesse.

A amiga Kátia pela paciência e auxílio na revisão ortográfica.

Um beijo especial a todos vocês!

Jerusa Verpa

Esse romance foi inspirado em crenças e filosofias espiritualistas. Todos os personagens são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas ou fatos são mera coincidência.

“O amor transcende nosso corpo e viaja com nossa alma por toda eternidade”

Capítulo 1

Passava de 11:00 horas quando finalmente a atendente avisou:

- Sra. Júlia o Dr. Paulo já vai atendê-la!

Júlia agradeceu ao se levantar e Jackson respirou fundo resmungando.

- Finalmente não temos a manhã toda para perder.

Júlia já se acostumara com essas consultas, era o 3º especialista em reprodução assistida que consultavam nos últimos três anos. Conhecia toda a rotina, as perguntas, exames, orientações, medicamentos sugeridos para melhorar as condições uterinas, como calcular o dia mais fértil, só que Jackson insistira em ouvir outra opinião.

Dr. Paulo já havia analisado a ficha do casal. A Sra. Júlia Marques tinha 22 anos e queria engravidar. Há 3 anos fazia tratamentos e nada mudara. Seu marido Sr. Jackson Marques tinha 55 anos. Haviam procurado Dr. Paulo Peterson por indicação de um amigo.

- Então - disse ele finalmente. - Em que posso ajuda-los, sei que já procuraram outros especialistas e provavelmente não devo ter muito a acrescentar.

Jackson foi direto ao assunto.

- Queremos que faça uma laparoscopia ginecológica em minha esposa!

Dr. Peterson sorriu surpreso. - O senhor sabe que esse exame só é feito quando os outros não esclarecem a causa da infertilidade feminina?

- Sim?!

- Pois bem, já analisei os outros exames de sua esposa e considerando seu prontuário médico, não vejo indicação para esse exame, parece que está tudo bem com ela. Mas..., também fui informado que o senhor se recusa a fazer o espermograma. Porque? É um exame tão simples, indolor e fácil de fazer. Caso esteja normal aí pensaremos em realizar a laparoscopia em sua esposa, pois é um exame delicado e um pouco invasivo, vai necessitar de anestesia geral e não acho que devemos submetê-la a isso sem necessidade. E se em seus exames apresentar alguma anormalidade eu posso lhe indicar alguns tratamentos e...

- Dr. Paulo! - interrompeu Jackson. – Já ouvi essa ladainha de outros profissionais, e caso não queira colaborar nós iremos embora!

Peterson analisou melhor o casal a sua frente. A Sra. Marques era uma mulher atraente, os cabelos castanhos claros estavam discretamente presos, vestia-se

elegantemente com uma calça branca e blusa azul turquesa, escutava atentamente a conversa, e não se manifestou. Parecia calma, certamente acatava tudo o que o marido decidisse. Já o Sr. Jackson era um homem extremamente nervoso e autoritário.

Pobre moça pensou ele, tão bela e jovem se submetendo a essas coisas.

Mas não era a toa que o amigo de Jackson havia indicado Peterson. Ele era um jovem ambicioso, começando a carreira e precisava de capital.

- Talvez eu possa resolver isso, já que o senhor faz tanta questão, só que vai lhe custar um pouco caro.

- Agora sim chegamos aonde eu queria. Dinheiro para mim não é problema.

Júlia permaneceu quieta enquanto os dois combinavam os detalhes do exame, ela prometera a Jackson que faria tudo o que ele quisesse, em troca ele a levaria para visitar sua mãe.

O exame foi marcado para o dia seguinte. Júlia internou de manhã para fazer uma avaliação pré-anestésica e realizou o exame em seguida. Por ser um procedimento ambulatorial, apenas com uma incisão no interior da cicatriz umbilical, poderia ir para casa em seguida.

Ela colaborou em tudo, seguindo todas as recomendações médicas e o exame foi realizado com sucesso. Dr. Peterson pode avaliar com precisão suas trompas,

ovários e úteros e como já era previsto, não encontrou nenhuma anormalidade. Para ele tudo indicava que o problema do casal era com o Sr. Jackson.

Jackson se irritou ao ouvir do médico que tudo estava bem com sua esposa e que ela era perfeitamente normal. Falou também que se ele mudasse de idéia em relação ao espermograma poderia procura-lo e nem conseguiu concluir seus argumentos, sendo interrompido por ele.

- Júlia já pode ir?

- Ela ainda precisa ficar algumas horas em repouso!

Ele tirou um dinheiro da carteira o qual colocou sobre a cômoda do quarto dizendo:

- Pegue um taxi quando melhorar. Tenho umas coisas para resolver na cidade, a noite nos encontramos no hotel.

Saiu sem agradecer ao Doutor, já havia pago o exame com antecedência e do seu ponto de vista não havia nada para agradecer.

Apesar da falta de ética profissional, Peterson ficou compadecido com a situação e tentou confortar Júlia.

- Caso consiga fazê-lo mudar de ideia, estarei a disposição para ajuda-los.

Mais tarde quando foi ao quarto para lhe dar alta, ele se ofereceu para leva-la ao hotel, sentia-se atraído por ela e esta era uma oportunidade de se aproximar.

Pareceu uma ótima idéia para Júlia, pois com o passar da anestesia, ela sentia dores abdominais e um extremo cansaço.

Ele lhe indicou alguns analgésicos e solicitou que aplicassem um medicamento injetável para ajuda-la.

Ela estava pronta para sair, Peterson foi extremamente gentil e levou seus pertences ao carro, ao mesmo tempo em que lhe dava as mãos, procurando ajuda-la a caminhar.

Júlia foi apreciando as vitrines coloridas das lojas pelo caminho. Talvez Jackie pudesse leva-la fazer compras se ela se sentisse melhor mais tarde, pensou.

Peterson parou o carro a algumas quadras do hotel, distraída Júlia pensou já terem chegado e foi se preparando para descer.

- Sra. Marques..., quero dizer Júlia!..., posso te chamar assim?

Ela balançou a cabeça consentindo.

- Sei que hoje não está em condições..., é que estou encantado com você, talvez possamos nos encontrar novamente em outra ocasião - ele foi se aproximando e colocou as mãos maliciosamente em suas pernas.

Júlia sentiu náuseas. Não sabia o que fazer.

— Realmente não me sinto bem, e gostaria de chegar logo ao hotel.

— Pelo menos pode me dar um beijo de despedida.

E sem esperar, ele a agarrou e a beijou de maneira intempestiva. Seus lábios era macios e quentes e diferente dos beijos de Jackie, ele ia explorando sua boca lentamente enquanto lhe afagava os lindos cabelos soltos.

Júlia sentiu medo e o empurrou delicadamente, afastando-o de seu corpo. Observou que o jovem doutor de olhos negros e expressivos ficou meio sem jeito.

— Me desculpe Júlia! Não sei o que deu em mim... Não quero que tenha uma má impressão... eu... vou leva-la para o hotel.

Permaneceram em silêncio o resto do caminho. Quando o carro finalmente parou em frente ao hotel, um recepcionista se aproximou para ajuda-los com os pertences de Júlia. Antes de partir, Peterson entregou-lhe um cartão com o endereço e telefones dele no caso de precisar, sentir muita dor, ou qualquer outra intercorrência.

— Me desculpe mais uma vez Júlia! Não queria magoá-la.

Ela desejou do fundo do coração não precisar, mesmo assim pegou o cartão e agradeceu gentilmente.

— Não estou magoada, não se preocupe - e se despediu, lhe dando as mãos. — Obrigada por tudo!

Ficou ainda um tempo parada, observando o jovem médico entrar no carro e partir se misturando ao trânsito complicado das ruas de São Paulo.

Júlia dormiu o resto do dia. A noite encontrou Jackson no restaurante do hotel. Ele apreciava um drink no balcão do bar, enquanto a aguardava para jantar. Estava deprimido e cansado. Apesar dos 55 anos, ele era um homem extremamente charmoso e chamava a atenção por estar sempre impecavelmente vestido. Jackson dava muita importância a aparência. Avistou Júlia assim que ela entrou no restaurante, e em vez de ir ao seu encontro, ficou apenas a admirá-la. Ele era um homem de sorte, pensou, lembrando-se dos momentos íntimos dos dois, era uma pena que nunca poderia engravidá-la, certamente isso criaria um laço de união mais forte entre os dois. Não suportava a hipótese de perdê-la. Enquanto ela caminhava em sua direção, ele pode notar alguns olhares em sua mulher. Isso o deixava excitado, saber que era desejada por outros, e que pertencia a ele somente. Recebeu-a sorrindo, puxando-a pela cintura.

— Como se sente?

— Ainda dói um pouco, mas estou bem.

— Então vamos jantar.

Ele estava especialmente diferente, delicado e cordial, quase não conversou durante jantar. Júlia por sua vez, mal tocou na comida, ainda estava indisposta e Jackson parecia chateado. Ela sentiu vontade de perguntar o que estava acontecendo, porque ele estava triste, mas temia que isso resultasse em uma briga e não queria provocá-lo. Amanhã ele a levaria na fazenda para visitar sua mãe e isso era muito importante para ela, não queria que nada atrapalhasse. Após o jantar ela se recolheu, queria dormir cedo para estar disposta no dia seguinte e Jackson não querendo importuná-la, saiu a procura de diversão em uma casa noturna.

Capítulo 2

O Sol já se punha ao horizonte, quando Edith se deitou na rede da varanda da casa. Uma magia de raios multicoloridos que teimavam em resistir a escuridão da noite, ainda pintavam as poucas nuvens que se via no céu.

O entardecer na fazenda sempre é exuberante! pensou Edith.

A imagem da filha logo veio a sua lembrança, pois ela adorava o por do sol. “Venha Carlos” ela corria na frente do irmão. “Vamos ver de que cor o céu vai ficar hoje”, ela brincava com Carlos correndo pela campina.

Edith suspirou, estava ansiosa para ver a filha. Muita coisa havia acontecido desde que haviam lhe entregado para desposar o poderoso Sr. Jackson Marques. Já se passara 4 anos do enlace e desde então, ela e Júlia nunca mais se viram. Nem sobre a fatalidade ocorrida com seu pai ela pode lhe contar. Apenas 2 dias após o casamento de Júlia, Antonio, seu pai, se enforcou no estábulo da fazenda, não suportando a dor do remorso do destino que dera a filha. Quando ligaram para Jackson dando a notícia, ele os fez prometerem silêncio, isso estragaria sua lua-de-mel, e mesmo que quisessem não chegariam a tempo para o enterro do “velho”.

Desde então não conseguira contar a verdade para a filha, mentira dizendo ter sido um enfarto. “Ela sofrerá menos se dissermos ter sido um enfarto” foi o que Jackson aconselhou.

Lembranças daqueles dias foram passando como cenas de um filme nos olhos de Edith.

A fazenda de Atibaia pertencia ao Juiz Dr. Fernando Villas Boas, ele era candidato a Governador do Estado e estava em plena campanha. Antonio e Edith trabalhavam para ele de caseiros. Antônio administrava a fazenda e Edith mantinha a casa em ordem, além de cozinhar para a família Villas Boas. Os filhos, Júlia de 15 anos e Carlos apenas um ano mais novo, frequentavam a escola rural e nada lhes faltava. Levavam uma vida simples e feliz.

Quando Dr. Fernando começou a receber pessoas na fazenda, alguns figurões importantes para alianças políticas, Antonio alertou as crianças para não conversarem com estranhos, mas Júlia fora seduzida por Jackson, um elegante senhor de 48 anos, que patrocinava parte da campanha de Fernando, em troca de alguns favores particulares. Ele se encantara com ela, seu corpo já demonstrava traços característicos de uma adolescente, os cabelos castanhos claros, levemente ondulados, cobriam-lhe os ombros, seus lábios eram rosados e os brilhantes olhos discretamente verdes harmonizavam o seu perfil doce e

delicado. Iludindo a garota com um celular, Jackson sutilmente a levou para o paiol onde agarrou a menina, tentando lhe arrancar a roupa. Por sorte Carlos havia avisado Toni que vira a irmã e o estranho entrando no local. Toni chegou a tempo de impedir o canalha de se aproveitar de sua filha. Enfurecido com a cena, ele quis matar o desgraçado, gritava como louco dizendo que iria denunciá-lo e atirava para o lado ameaçando tirar-lhe a vida. Dr. Fernando o impediu de fazer essa besteira. Não podia se envolver em escândalo às vésperas da eleição. Jackson já estava na mídia carioca como suspeito de manter cassinos clandestinos e isso arruinaria sua campanha.

Então propuseram-lhe um acordo. Jackson lhe compraria uma fazenda, desposaria Júlia quando atingisse a maior idade e financiaria todos os estudos de Carlos, até completar a faculdade, em troca, Júlia lhe daria um filho.

Toni titubeou, sempre quis ter suas próprias terras, mas que preço isso lhe custaria! Seduzido pela idéia de conquistar seus sonhos e pressionado pela mulher, ele acabou aceitando. No fundo tinha esperança de que o homem de 48 anos desistisse de se casar com sua filha, dali a 3 anos. Mas Júlia se tornou uma obsessão para Jackson, além de manter a palavra, comprando uma fazenda para o Sr. Antônio, ele contratou uma professora particular para a garota, que foi morar junto com a família na fazenda e preparava Júlia para a vida na alta sociedade, dando-lhe aulas de etiquetas, boas maneiras, lhe ensinado música e até alguns passos de dança. No começo tudo foi como uma divertida brincadeira para Júlia. Ela adorava as coisas que aprendia, os presentes que Jackson lhe enviava, e a casa nova. Parecia estar se preparando para se tornar uma princesa, mas com o tempo ela foi tomando consciência de seu destino e uma angústia profunda tomou conta de seu ser.

Antonio percebia que os olhos da filha revelavam a mágoa que enchia seu coração, e quando perguntava:

— Está tudo bem com você, Júlia? - ela sorria para tranquilizá-lo dizendo que

sim.

O casamento foi realizado quando Júlia completou 18 anos, a cerimônia foi discreta com a presença de apenas algumas pessoas, Jackson contratou um bufê que organizou tudo. Um pequeno altar foi improvisado na fazenda mesmo e Júlia estaria deslumbrante, não fosse a tristeza que tinha no olhar. Toni não se conteve e chorou durante toda a cerimônia.

— Pai não precisa ficar assim... Não se preocupe, ficarei bem!

Tudo isso foi demais para Toni, ele não pode suportar... Que Deus o guarde, pensou Edith.

Com a morte de Antônio, em pouco tempo Edith se viu obrigada a vender a fazenda, pois não conseguia administrá-la sozinha, o dinheiro mal deu para pagar as dívidas que Antônio havia feito com os bancos para investir no plantio. Dr. Fernando procurou dar toda a assistência que ela precisava e até os convidou para voltarem a morar em sua propriedade, na verdade se sentia um pouco responsável por tudo que havia acontecido. Agora Edith morava sozinha na velha casa que lhes pertencera nas terras do Dr. Fernando, Carlos estava fazendo faculdade, financiada por Jackson e ela vivia apenas da pensão que o marido deixara.

Tudo teria sido diferente se Júlia tivesse obedecido ao pai, pensou ela. Sentia muita falta de Antônio e responsabilizava Júlia por todos esses infortúnios, nunca procurara saber como a filha estava. Decerto vive como uma madame, usufruindo do dinheiro do Sr. Jackson, frequentando os melhores restaurantes, viajando, e comprando tudo o que quer. Perdida nessas lembranças, Edith adormeceu na varanda.

Algum tempo depois acordou com barulho de carro parando em frente a casa. Já havia escurecido e os faróis acesos não permitia que visse quem estava no veículo.

— Mãe! Mãe, que saudades! Você estava dormindo na varanda?

— Oh Carlos meu menino! Que bom que você veio - eles se abraçaram.

Edith sempre tivera uma adoração por Carlos, ele era o filho idolatrado e às vezes ela até menosprezava Júlia dizendo, “O que Deus esqueceu de por em você, deixou para ele de sobra. Olha só os olhos dele como são verdes, não são como os seus que a gente precisa chegar perto para ver a cor e os cabelos claros então... ele não é lindo!” Júlia concordava com a mãe e apesar de tudo, não sentia ciúmes do irmão, sentia-se responsável por ele, por ser mais velha e também o amava demais. Já com Antônio era diferente, ele sempre dava a atenção por igual aos filhos, e isso fez com que Júlia se tornasse mais próxima do pai.

— Deixe-me apresentar - disse Carlos indicando um rapaz que estava tirando as mochilas do carro.

— Esse é um amigo meu, Lorenzo.

— Espero que não se incomode de eu ter vindo com o Carlos, ele insistiu tanto, queria muito ver a irmã.

— Não se preocupe, seja bem vindo meu filho!

Edith os recebeu com alegria, tinha uma preferência por Carlos e não se rogava em esconder.

Lorenzo e Carlos estavam no 2º ano de faculdade, cursavam medicina na PUC de Campinas. No começo Carlos era meio tímido, tinha poucas amizades. O dinheiro que Jackson lhe enviava era devidamente utilizado para compra de livros e despesas com a universidade. Já Lorenzo, era acostumado a boa vida, sua família lhe presenteara com um carro, por passar no vestibular, e ele não levava a faculdade a sério, assíduo frequentador de festas e baladas foi deixando os estudos em segundo plano. Quando percebera que precisava de ajuda com as provas, procurou a amizade de Carlos para auxiliá-lo com os estudos, em troca Lorenzo ia enturmando Carlos com a galera, e o arrastava para as festas noites afora. Cauteloso Carlos ia resistindo as tentações, negando os convites sempre que podia, mas acabara seduzido pela vida boa de orgias que Lorenzo lhe oferecia, e começou a acompanhá-lo sempre, tornando-se amigos inseparáveis.

— Pensei que Júlia já estivesse por aqui.

— Acho que ela só chega amanhã cedo.

Eles entraram e Edith foi preparar algo para comerem.

Capítulo 3

O interfone tocava insistentemente quando Júlia acordou.

— Pois não?

— Júlia! É Jackie.

— Oi... Bom Dia! Desculpe-me, acho que perdi a hora, deve ser por causa dos medicamentos.

— Tudo bem - ele a interrompeu falando apressado. - Estou te ligando para avisar que não vamos mais para Atibaia, esteja pronta em meia hora.

— Jackie, por favor! Você prometeu - disse ela chorosa. – Minha mãe está esperando.

— Não posso Júlia, tenho assuntos importantes para resolver no Rio, preciso voltar hoje mesmo.

Jackson administrava cassinos clandestinos na cidade maravilhosa e havia recebido um telefonema importante sobre o fechamento de um deles, precisava voltar urgente para tomar algumas providências.

— Por favor, é meu aniversário! - ela insistiu.

— Não tenho tempo para lamúrias, esteja pronta em meia hora, mandarei buscá-lo as malas.

Ela sentou na cama desanimada, com os olhos marejados, ansiava por essa visita. Ele não podia fazer isso com ela.

Mais tarde quando se encontraram, ela suplicou:

— Posso ir de ônibus até Atibaia e pego um táxi para a fazenda... Você me deixa na rodoviária.

Jackson ficou furioso, puxou-a para perto de si apertando seus punhos, e fixou bem seus olhos, dizendo com raiva.

— Você está sendo estupidamente teimosa dessa vez! - teve um ímpeto de bater-lhe, mas pensou melhor e a soltou.

Contrariada ela entrou no carro e para sua surpresa ouviu Jackie dizer ao motorista.

— Tom, siga para a rodoviária primeiro!

— Obrigada Jackie!

— Não precisa agradecer! Quero que você esteja em casa na sexta-feira! Esteja lá Júlia - ele disse em tom ameaçador.

— Eu estarei... – ela falou suspirando

No ônibus a caminho de Atibaia, Júlia soltou os cabelos, Jackson nunca permitia que ela os usasse assim quando saiam, pois dizia chamar demais a atenção. Essa sensação de liberdade, mesmo que por pouco tempo, lhe trouxe felicidade. Desde o casamento sua vida se tornara um verdadeiro pesadelo.

Praticamente vivia enclausurada em Trindade, uma vila de pescadores à 30 km de Paraty. Era lá que Jackson mantinha sua pequena fortaleza no alto de um morro. No começo ela o respeitava e até pensou em amá-lo por gratidão a tudo que fazia por sua família, mas as constantes agressões e humilhações que sofria, faziam com que cada vez mais sentisse total repulsa por ele toda vez que a tocava. Por sorte ele sempre estava viajando a negócios, deixando-a por semanas somente na companhia dos empregados. Às vezes mandava busca-la para acompanhá-lo em algum evento social, pois gostava de exibir sua juventude e beleza aos amigos e conhecidos, mas ao perceber que alguns homens a olhavam diferente, ele ficava enlouquecido de ciúmes e quando chegavam em casa, sempre a agredia para depois possuí-la, como se tivesse lhe dando uma lição.

“É a mim que você pertence Júlia! Nunca vai se livrar de mim! Se um dia fugir, eu mato seu irmão!” Jackson às vezes dizia isso a ela.

E para complicar um pouco mais a situação ela não conseguia engravidar, como estava no acordo que ele fizera com seu pai.

Assim, sozinha, ela respirava aliviada por estar longe dele por algum tempo e mesmo sabendo que a viagem até Atibaia era curta, ela se acomodou na poltrona e aproveitando esse momento de paz, adormeceu tranquilamente.

Júlia chegou de táxi na fazenda ainda pela manhã. Carlos a recebeu com um abraço caloroso, rodopiando-a.

— Júlia! Nossa como você está linda! Eu estava morrendo de saudades.

— Eu também Carlos. Que bom que você está aqui. Não esperava te encontrar.

— Quando liguei, esta semana, mamãe me disse que viria, então eu fiz o possível para poder estar aqui.

— Que bom! Espere um pouco, vou pagar o táxi.

O motorista já olhava impaciente. Enquanto ela pegava sua bagagem e acertava com o motorista, Carlos continuou.

— Por que não avisou que vinha de ônibus? Nós iríamos busca-la na rodoviária.

Lorenzo se aproximou para ajudá-la com a mala.

— Júlia! Quero que conheça meu amigo Lorenzo. Ele também faz medicina, foi ele quem me trouxe - disse indicando o carro do amigo.

— Oi! – ela disse cumprimentando Lorenzo - Obrigado por trazer meu irmão, você não imagina a alegria que me proporcionou.

— Não foi nada, ele ameaçou arrancar meus olhos enquanto eu dormia. Por isso eu não tive escolha. Não queria perder meus lindos olhos azuis.

Júlia ficou séria e ele fez uma cara engraçada e caiu na gargalhada.

— Ele está brincando Jú, não foi nada disso.

Lorenzo continuou falando.

— Rapaz, quando você falou que sua irmã era bonita, eu não pensei que fosse tanto assim - e deu um sorriso encantador para Júlia.

— Parem com isso, que já estão me deixando encabulada.

Edith que estava na varanda, observando há algum tempo, interviu.

— Tenha mais respeito com sua irmã Carlos, ela é uma senhora casada.

Eles se calaram. Júlia se aproximou para abraçar a mãe, mas não sentiu a mesma receptividade do irmão, ela parecia fria e distante.

A conversa entre os irmãos continuou animada na sala.

— E vocês? Como vão na faculdade?

— Esta tudo bem.

— Papai iria se orgulhar de você Carlos. Imagine só ter um filho doutor!

— E você Júlia, como vai o casamento? - perguntou Edith.

— Tudo bem mãe! - Júlia mentiu, não queria estragar o encontro com lamúrias sobre a sua vida, principalmente porque sabia de que nada adiantaria contar-lhes a verdade.

— Não parece muito bem assim - observou Carlos enquanto analisava para a irmã. — Você nunca foi boa em mentiras, seus olhos, sua voz não conseguem mentir para mim, Jú. E por que o velho não veio?

— Não chame o Sr. Jackson de velho! - Edith o repreendeu.

— Mas ele é mãe, é sim, um velho asqueroso e filho da mãe que arruinou a nossa família.

— Não diga isso Carlos, ele está pagando a sua faculdade.

— Ei! parem de brigar, eu estou aqui, faz 4 anos que a gente não se vê, eu não gostaria...

— Desculpe Júlia, mas não dá para aguentar, mamãe fica sempre endeusando seu marido, para mim ele não passa de um vigarista. Conta para ela mãe! Conta o que ele disse ao pai antes de sair daqui.

— Carlos não faça isso! - Edith se alterou e num minuto estava gritando com ele.

Júlia olhava para os dois procurando entender o que estava acontecendo. Lorenzo apenas observava a cena.

— Antes de ir embora com você Júlia, ele falou ao papai que finalmente ia “comer você com a benção dele!”

Ela perdeu a fala, envergonhada pela presença de Lorenzo. Edith avançou em Carlos gritando.

— Você não tinha o direito de fazer isso moleque!

— Tenho sim! Chega de mentiras mãe, a Júlia merece, precisa saber que papai se matou. Afinal, é a vida dela que está sendo sacrificada por esse marginal. Ele é o culpado de tudo.

— Não Carlos, sua irmã é culpada. Foi ela que começou essa história. Não obedeceu seu pai e foi com Jackson para o celeiro.

— Mas ela era apenas uma criança...

Eles gritavam como loucos. Júlia cambaleou, aquilo que ouvira lhe atingiu como uma faca rasgando-lhe o peito, lágrimas corriam pela sua face e Lorenzo a amparou. Sentia que ia desmaiar e ele achou melhor conduzi-la até a cozinha onde lhe serviu um copo de água. De lá ainda podiam ouvir os gritos dos dois.

— Bebe um pouco, vai se sentir melhor.

Minutos depois Carlos entrou na cozinha ainda alterado e a abraçou chorando.

— Me desculpe Jú, não suportava mais guardar esse segredo.

Sentou a mesa ao seu lado e segurando em suas mãos lhe contou com detalhes os

acontecimentos. Ela ficou arrasada, se recolheu no quarto que lhe pertencera quando criança e ficou ali o resto do dia, não conseguiu sair nem para almoçar. Sua visita estava se tornando um pesadelo, como tudo na sua vida. Ela não tinha forças nem para se levantar.

Capítulo 4

Marck acordou com raios de sol que clareavam seu rosto, abriu os olhos com dificuldade percebendo que o telefone tocava.

Quem será que deixou as cortinas abertas, ele pensou.

Enquanto atendia, olhou para o lado e viu que a garota que levava ao apartamento na noite anterior também acordava.

— Aló!

— Oi querido porque está com essa voz?

— É que acabei de acordar ! Aliás você me acordou...

A moça começou a beijar-lhe o tórax deixando-o arrepiado.

— Ei... dá um tempo... - ele disse baixinho.

— O que você disse meu filho?

— Nada MÃE, não é com você - frisou bem quem era para que a moça não o interrompesse mais.

— Tem alguém aí com você?

— Sim - respondeu receoso de que isso geraria uma série de perguntas por parte dela.

A moça se vestiu com uma camisa dele, que estava jogada na poltrona e perguntou baixinho se podia fazer o café. Ele consentiu lhe indicando onde ficava a cozinha.

— É minha futura nora?

— Não mãe, é só uma amiga - disse tentando se lembrar o nome da moça.

— Marck meu filho, você precisa arrumar uma mulher logo, eu e seu pai estamos loucos por um neto.

— Ta bom, vou pensar no seu caso! E como está o pai?

— Estamos com saudades! Quando mudamos para cá pensamos que iríamos vê-lo mais vezes. Por que você não pega essa garota e vem almoçar por aqui, assim nós a conhecemos.

— Eu agradeço mãe, já tenho compromisso para o almoço, com o pessoal da agência.

— Marck você tem trabalhado demais, esse pessoal não te dá folga nem no final de semana?

— É um churrasco mãe, apenas diversão, não é serviço.

— Promete que vai almoçar comigo amanhã então?

— Está bem. Eu te ligo. Ok?! - falava assim na esperança de que ela desligasse logo, mas dona Tereza Tuner era difícil de ser convencida, brasileira, se apaixonara por um americano “John” que conhecera em uma viagem. Parecia ser apenas um romance de verão, não fosse o rapaz aparecer no Brasil quatro meses depois para pedi-la em casamento. Da união nascera Marck, que cresceu praticamente entre as duas nações, um pouco em Nova York, sua cidade natal, um pouco no Brasil, país de origem de sua mãe pelo qual era apaixonado.

Quando se formou em publicidade, Marck resolveu montar uma agência de

propaganda e publicidade no Rio de Janeiro, onde havia muitas oportunidades para o negócio.

Empresário bem sucedido em seus negócios, Marck fazia sucesso também com as mulheres, com apenas 30 anos e dono de um belo par de olhos azuis, ele era sempre disputado no universo feminino. E gostava disso! Nunca levava as mulheres a sério, apenas as usava ao seu mero prazer, não se envolvia emocionalmente com nada, apenas com sua agência.

Após vinte minutos de conversa com a mãe, ela finalmente desligou e ele se vestiu rapidamente, pensando em uma desculpa para se livrar da garota.

Ela chegou com uma bandeja trazendo o café, frutas e torradas.

— Obrigada! - Marck falou enquanto pegava uma xícara de café. – Não precisava se preocupar, eu tomava na cozinha mesmo.

— É que eu pensei, que talvez não quisesse se levantar - disse maliciosamente se deitando insinuante na cama.

— Desculpe desapontá-la, eu tenho compromisso para o almoço, se você se vestir, eu posso te levar para casa!

— Que pena Marck! - ela percebeu a agitação dele e continuou – mas vou te livrar da responsabilidade de me deixar em casa. Eu moro no 14º andar, já, já vai se ver livre de mim, é só o tempo de eu me trocar.

Ele ficou sem graça e se desculpou.

— Eu sinto muito mesmo, não queria ser grosseiro, é que fiquei irritado com a ligação da minha mãe.

— Eu já disse, está tudo bem... sei quando preciso sair de cena. A propósito, enquanto fazia o café, o garoto, filho do síndico veio pegar seu cachorro, disse que está acostumado a leva-lo passear para você, como pareciam se conhecer eu o deixei levar.

— Ah, tudo bem, o Lucas sempre leva o Dallas para passear. Não é fácil manter um Golden retriever preso em um apartamento.

— Você devia levá-lo às vezes, faria bem para você uma caminhada de vez em quando.

— Está me dizendo que estou fora de forma?

— É que se cansou muito rápido ontem... só isso, não se preocupe foi muito bom para mim - ela tirou um cartão da bolsa com o número de seu telefone. — Sou “personal trainer”, se precisar, pode me ligar.

Ele sorriu ao mesmo tempo que ela, quando entendeu a observação. Pegou o cartão onde estava escrito “Melissa Antunes – personal trainer”, ele não costumava sair de novo com a mesma garota, mas era melhor ficar quieto, isso

irritava as mulheres, ficou apenas observando a bela morena se trocar e não se intimidou em beijá-la ardentemente, agradecendo a noite maravilhosa que tiveram. Depois acompanhou-a até a porta e se despediram. Sorriu aliviado quando o elevador fechou. Tinha o churrasco para ir do pessoal da agência, onde estariam as modelos recém contratadas para uma campanha publicitária e ele não pretendia ir acompanhado. Feliz, terminou de se arrumar e saiu.

Marck chegou na casa de Ruan por volta de 14:00h, o sol estava quente e a piscina lotada de garotas. Apesar dos princípios de Marck em nunca convidar garotas do serviço para sair, pois não gostava de misturar trabalho com prazer, Ruan, seu braço direito na agência foi insistente para que convidassem as modelos da campanha para uma festa, elas eram belíssimas e ele estava encantado.

Ele entrou meio sem jeito, apesar da fama de conquistador não se sentiu muito bem naquele ambiente, as garotas acenaram para ele da piscina. Ruan estava na churrasqueira e abriu um sorriso quando viu o amigo se aproximar.

— Ei cara, pensei que você não vinha! A noite deve ter sido muito boa heim!

Os outros rapazes da agência e alguns amigos riram ao ouvirem o comentário. Todos estavam na boate na noite anterior e viram quando Marck saía acompanhado da bela morena.

— Ela acabou comigo – disse ele. Não sabia por que, mas não estava se sentindo muito bem.

— Então se prepare, pois tem alguém aqui que não parou de perguntar de você.

— Ah?

— Pegue uma cerveja e vá se divertir garanhão, que nós vamos tentar aprender alguma coisa.

Ruan era um ótimo profissional e também o melhor amigo de Marck. Sabia como gostava de se divertir e nunca se amarrava em mulher nenhuma, e admirava como ele conseguia facilmente envolver as mulheres.

Marck pegou uma cerveja e se sentou em uma cadeira na sombra ao lado dos amigos, estava transpirando e sentia um leve mal estar. A modelo de quem Ruan lhe falou era Alice uma jovem loira, com temperamento inquieto. Ela logo se aproximou.

— Que bom que veio Marck.

— Oi.

Trocaram um beijo no rosto e ela se sentou no chão ao seu lado, tinha o corpo perfeito, talvez um pouco magra demais para o gosto de Marck. Ficaram ali por algum tempo jogando conversa fora, quando ela o convidou para um mergulho na piscina. Marck refletiu um pouco devido ao mal estar que sentia, e achou que talvez fosse se sentir melhor, se entrasse na água um pouco, amenizando o calor. A garota se insinuava para ele e chegaram a trocar alguns beijos ardentes, mas ao contrário do que Marck pensou a água fria lhe causou mais incômodos, começou a sentir náuseas e uma leve dor no peito, pediu licença para a moça e saiu da

piscina, tendo que ir ao banheiro para vomitar. Ficou algum tempo por lá, ao que estranhando seu comportamento, Ruan foi ver o que estava acontecendo.

— Ei você está bem?

— Não, estou péssimo! - e se sentou no chão.

— Bebeu demais ontem? O que você tem? - Ruan ficou preocupado, pois o amigo estava pálido e suando frio.

— Eu não sei, nunca me senti assim antes - Marck falava com dificuldade. - Estou com uma dor no peito, pensei que ia passar mas está aumentando.

— É melhor a gente ir ao Pronto Socorro.

— Não, eu vou melhorar, só preciso ficar quietinho aqui um pouco.

— Tem certeza? É melhor você entrar então e se deitar um pouco.

Marck concordou, Alice e seus amigos ficaram preocupados, e apesar dos protestos, Marck não aceitou ir ao hospital.

Ele dormiu a tarde toda e a noite Ruan o levou para casa.

— Amanhã cedo passo aqui para levá-lo ao serviço, já que seu carro ficou em casa.

— Não precisa não, eu pego um táxi!

— Tá brincando comigo néh, acha que vou te deixar na mão? Ei..., quer que eu durma por aqui?

— Não precisa Ruan já estou bem.

— Tá bom então, te vejo às 8:00h

— Ok! Obrigado.

Capítulo 5

Já passava de 18:00 horas quando Carlos bateu na porta do quarto. Júlia ainda estava deitada.

— Posso entrar? - disse deixando a porta entreaberta.

— Sim.

Ele se aproximou e sentou na beira da cama beijando-lhe a testa.

— Me desculpe mais uma vez.

— Tudo bem..., eu percebi mesmo que havia algo estranho.

— Olha! Eu sei que não é hora para isso, mas você ficou aí trancada o dia todo e não pensa que esqueci que é seu aniversário! - ele falou abraçando-a.

Ela sorriu desanimada, pois até mesmo ela queria esquecer disso, e Carlos continuou falando agora com ela aninhada em seus braços.

— O clima aqui em casa tá meio tenso e eu e o Lorenzo resolvemos ir à cidade para comermos uma pizza. O que acha? Vem com a gente!

— Não... talvez não seja uma boa idéia! Acho que não seria uma boa companhia.

— Ah Jú, que isso! Você sempre é boa companhia, e não aceito não como resposta. Te dou uma hora para se arrumar ok?

— Não sei não...

— Por favor... - ele ajoelhou fazendo biquinho suplicando... Ela sorriu passando as mãos nos cabelos loiros dele.

— Está bem então, mas não vamos voltar muito tarde.

— Eu prometo - ele disse num largo sorriso.

Carlos e Lorenzo se mostraram ótimas companhias para Júlia, que conseguiu se descontraír enquanto conversavam e saboreavam a comida, em uma discreta pizzeria na cidade. Eles estavam animados demais para voltar para casa e insistiram com ela para esticarem a noite em uma boate.

— Acho melhor eu voltar para a fazenda, vocês podem ir, eu volto sozinha - Júlia resistia, mas os dois foram convincentes e conseguiram arrastá-la para a casa noturna.

— Você não vai ter outra oportunidade dessas na vida! - Carlos falava com entusiasmo.

Assim que entraram ele a puxou para a pista de dança e se divertiram como duas crianças que a muito tempo não brincavam juntas.

Júlia nunca havia entrado em uma boate antes, e ficou encantada com as luzes

piscando. Meio tímida, logo pediu a Carlos para se sentar, pois preferia ficar apreciando a dançar na pista, sem contar que ainda sentia dores pelo exame que havia feito no dia anterior.

Carlos logo arranjou uma mesa para ela, foi pegar uma bebida e procurar por Lorenzo. Júlia pode observar de longe, no balcão do bar, Carlos pegar uma balinha com Lorenzo e colocar na boca. Aquilo lhe pareceu estranho e a deixou meio intrigada.

Quando retornou com um refrigerante e uma cerveja, ela indagou o irmão.

— O que era aquilo que Lorenzo lhe deu no bar?

— Aquilo o que Jú?

— Carlos não vai me dizer que está usando drogas! - ela foi diretamente repreensiva, estava perplexa, precisa ouvir de Carlos que aquilo não era droga, não podia admitir que ele estava usando drogas, enquanto ela sacrificava sua vida para pagar a faculdade dele.

— Calma Jú! Não precisa gritar ok? Aquilo é apenas para tirar um pouco a timidez, é um estimulante..., vem cá você devia experimentar... vai te deixar animada.

— Não... – disse balançando a cabeça desconfiada, procurando acreditar no irmão.

— Olha, eu garanto a você que não faz mal... Ei? - ele levantou a cabeça dela segurando em seu queixo. - Não fica assim... eu vou ser médico lembra! Acha que tomaria alguma coisa que não fizesse bem a minha saúde?

— Não sei... acho que tem razão, mas estou bem assim.

— Não quer mais dançar?

— Não, vou ficar por aqui mesmo. Só mais um pouco, depois vou embora. Estou meio cansada. Você e seu amigo podem ficar, se a mamãe perguntar, eu explico para ela.

— Você quem sabe, vai ficar bem mesmo?

— Pode deixar...

Ele a beijou na testa e se afastou, ela ficou pensativa apenas observando e poucos minutos depois viu que ele e Lorenzo dançavam freneticamente na pista acompanhados de duas garotas.

Éh! pensou Júlia. Já está na minha hora mesmo, e pegando sua bolsa saiu para tomar um táxi.

Júlia tirou as sandálias na varanda e entrou sorradeira na sala. Não queria acender a luz para não acordar sua mãe. Passava de três horas da manhã.

Amanhã, pensou, tentaria falar com ela, afinal Edith e Carlos eram as duas pessoas que lhe restavam neste mundo.

Tentava andar no escuro sem bater nos móveis, quando foi surpreendida pela voz de Jackie, ao mesmo tempo em que ele acendia as luzes.

— Boa noite Júlia, ou devo lhe dizer bom dia!

— Jackie! O que você...

Antes que terminasse a frase ele a golpeou no rosto com as costas das mãos, desequilibrando-a. Ela caiu ao chão e sentiu uma dor aguda no pulso ao tentar se proteger da queda. Um gosto de sangue molhou seus lábios.

— Sua vagabunda! - Jackie gritou. - O que estava fazendo na rua até essa hora?

Enquanto tentava se levantar, ele agarrou seu pulso e torceu-lhe o braço até as costas. Ela estremeceu de dor e lágrimas brotaram de seus olhos.

— Jackie, por favor, está me machucando... - Júlia tentava se explicar, mas Jackie parecia implacável, enfurecido apertava cada vez mais o braço ferido com a queda, fazendo-a gemer. Quando finalmente Edith entrou na sala.

— Acho que já chega Sr. Jackson, a mocinha já deve ter aprendido a lição. Pode soltá-la, por favor.

— Desculpe pelo barulho Dona Edith, não queria acordá-la - ele disse soltando sua presa.

— Júlia, minha filha onde está seu irmão?

— Ele ficou mais um pouco mãe, queria aproveitar a noite - respondeu assustada, sentia muita dor no pulso e não entendia o que Jackie estava fazendo lá.

— Aquele irresponsável do seu irmão! Além de levar você para gandaia, ainda deixa você vir para casa sozinha - Jackie começou a falar alto novamente.

— Não tem nada a ver com Carlos Sr. Jackson, eu o chamei por causa de Júlia, meu filho sabe muito bem se comportar - Edith falou ríspidamente com Jackie, e Júlia ficou atônita ao saber que sua mãe o havia chamado.

— Você ligou para o Jackie mãe? Por que? Eu não fiz nada de mais...

— Acho que sua visita já foi o bastante Júlia, está na hora de você voltar para sua casa.

— Mas mãe, eu acabei de chegar...

— Não discuta com sua mãe Júlia, pegue suas coisas e vamos embora.

Júlia saiu da sala com lágrimas que teimavam em brotar de seus olhos, um misto de dor e raiva invadiam seu ser, ainda nem havia desfeito as malas, precisou apenas recolher alguns de seus pertences.

Alguns minutos depois voltava a sala, encarando sua mãe, sentia uma tristeza profunda que refletia em seu olhar.

— Trouxe-lhe um presente - disse-lhe Júlia voltando-se a ela. - Ia lhe dar amanhã - e entregou-lhe um pacote delicadamente decorado com um laço dourado.

Edith pegou meio sem jeito, queria tanto que a filha fosse embora logo, por isso havia ligado para Jackie lhe contando sobre o incidente com Carlos, mas não pensou que ele fosse ser agressivo, e nem que aparecesse no meio da noite para leva-la a força. Agora não podia voltar atrás, e sentiu-se arrependida por sua atitude.

— Filha, eu...

— Não precisa dizer nada mãe, acho que eu já ouvi o suficiente por hoje. Deixe um beijo em Carlos por mim.

E se despediram com um beijo no rosto. Em seguida ela e Jackie saíram rumo ao aeroclube, onde um helicóptero os aguardavam para leva-los até Paraty.

Durante todo o caminho Jackie ameaçava Júlia, com palavras agressivas, e ela parecia estar em transe, sem se importar. A dor no pulso não passava, começando a latejar e refletindo no braço.

Quando chegaram em casa o dia já amanhecia e ela sorriu aliviada ao ver o rosto familiar de Nani que a recebia com os braços abertos. Jackie entrou sem cumprimentá-la.

— Oi meu anjo! Que bom que voltou!

— Oi Nani, também é muito bom te ver.

— O que aconteceu com você, meu anjo?

— Não foi nada.

— Não tente enganar a velha Nani, seus olhos não mentem, estão mais tristes do que nunca.

— Oh meu Deus! Você é uma feitiçeira? - Júlia brincava com ela tentando disfarçar a dor no coração e em seu corpo.

— Não, não... você não engana a velha Nani!

— Não se preocupe Nani, só estou precisando descansar. Por favor, me traga um analgésico, vou subir e tentar dormir um pouco. Tenho certeza que quando acordar estarei melhor.

Capítulo 6

Quando Marck chegou a agência na segunda-feira, solicitou à Vanessa, sua secretária, que lhe marcasse uma consulta, e se fosse preciso, cancelasse seus compromissos.

— Sua mãe ligou - ela avisou.

— Está bem.

— Está preocupada, pediu para você ligar para ela.

Marck olhou para Ruan e disse em tom de reprovação.

— Você não contou para ela, contou?

Ruan saiu correndo da sala.

— Seu traste, eu te pego depois.

Após ligar para Dona Tereza, Marck verificou seus e-mails e atendeu alguns clientes. Pediu a Vanessa que lhe arrumasse algum analgésico, pois sua cabeça doía.

— O senhor não parece muito bem hoje.

— Já disse para não me chamar de senhor. Gostaria que eu lhe chamasse de senhora?

— É só um sinal de respeito, não é por acha-lo velho.

— Está bem então, senhora Vanessa - ele disse a provocando.

— Você está muito chato hoje. O final de semana não parece ter sido muito bom.

— É..., eu tive uma indisposição.

— Dá para se notar. Marquei sua consulta para às 14:00 horas, com o Dr. Marcelo, como sempre.

Vanessa falava sem olhar para ele. Marck se levantou e a puxou pela cintura dizendo.

— Eficiente como sempre. Já lhe disse que está muito bonita hoje?

— Marck, não brinque assim, sabe que sou noiva - os pensamentos de Vanessa voaram, houve uma época em que se sentira atraída por Marck, mas como ele nunca lhe dava uma brecha, sempre o tratou profissionalmente, e agora que ela estava bem, ele estava agindo de maneira estranha.

— Você está certa, me desculpe - disse se recompondo - Espero que isso não estrague nossa amizade. Vamos esquecer, ok? Eu nem sei por que agi assim.

— Ei, o que você tem? Está diferente.

— Diferente como?

— Não sei, parece inseguro.

— Talvez esteja mesmo, inseguro, com medo de estar doente, não me sinto muito bem ultimamente - Marck não tinha com quem desabafar e a pergunta de Vanessa veio a calhar. Se dissesse isso a sua mãe, com certeza ficaria horas

aconselhando-o, com Vanessa era diferente confiava nela, em sua discricção, em sua lealdade.

— Não pense bobagens Marck, não está doente, só deve estar um pouco cansado, tem trabalhado muito, saído muito, na certa precisa de umas férias. Você vai ver, vai dar tudo certo.

O telefone tocou interrompendo a conversa, e Vanessa atendeu prontamente.

— Agencia de Modelos e Propaganda Tuners. Quem quer falar com ele? Alice?

Marck acenou a mão negativamente para ela.

— Meu bem ele não está agora. Quer deixar recado? Há sim, eu direi que ligou.

Ela desligou o telefone e se dirigiu a ele, enquanto caminhava até a porta.

— Ela vai ligar mais tarde.

Marck saiu para almoçar com a mãe, ela insistiu em vê-lo, pois queria ter certeza de que estava bem e depois, apesar de seus protestos, o acompanhou até a consulta.

Dr. Marcelo o atendeu com um pouco de atraso, seu consultório estava lotado.

— Boa tarde Marck, faz tempo que a gente não se vê - ele o recebeu com um largo sorriso, abraçando-o.

— Oi Marcelo, pena que são nessas circunstâncias - eles eram amigos e já haviam saído algumas vezes juntos, antes de Marcelo se casar.

— Por que, o que você tem?

— É que não ando me sentindo muito bem, tive um mal estar súbito no domingo.

— Percebi mesmo que a sua secretária foi insistente em arrumar a consulta. Como pode ver o consultório está cheio hoje, mas a gente sempre abre uma exceção para os amigos. Vamos lá então? - Marcelo se levantou e começou a examiná-lo.

Marck estava com a pressão alta. Levava uma vida desregrada e cheia de excessos. Depois de algumas perguntas e do exame físico, Dr. Marcelo constatou.

— Vou pedir alguns exames, mas acho que você está precisando mesmo de umas férias. Sem excessos, nada de álcool, procure dormir cedo, comidas leves. Está praticando algum exercício?

— Não tenho muito tempo ultimamente com a agência.

— Esqueça um pouco da agência Marck, de nada vai adiantar ela prosperar se você não estiver bem de saúde. Por ora deixe os exercícios de lado até que os exames fiquem prontos. E também vou lhe receitar um medicamento para pressão, a gente suspende se for o caso em seu retorno. Certo?

— Tudo bem!

Eles se despediram e Dr. Marcelo o acompanhou até a porta, Dona Tereza veio ao seu encontro.

— Então doutor, como está meu filho?

— Não se preocupe, ele vai ficar bem, só está um pouco estressado, precisando de umas férias.

— Eu já disse isso a ele doutor.

— Mãe, por favor... Marcelo está ocupado agora - Marck tentou em vão interromper a conversa.

— Pode deixar Marck, sua mãe é sempre agradável e preciso mesmo de um tempo para um café. A senhora aceita?

Marck olhou em vão, a repreendendo.

— Claro, obrigada! Marck meu filho, você podia ficar um tempo em Trindade, na casa de sua prima Beatriz.

— Ah não!

— Dra. Beatriz? É mesmo, como ela está? Seria muito bom para Marck, soube que ela é naturalista.

— Ah obrigado! Vai querer que eu faça uma dieta forçada. Gente, a Bia só come verdura. Nem sei como pode estar viva. E eu não estou fora do peso.

— Na verdade não, mais está fumando e bebendo muito, o que não te faz bem. Além disso mora sozinho e duvido que se alimente direito.

— Eu já disse que estou tentando largar o cigarro.

— Sua mãe está certa, vai ser bom para você Marck, pense nisso, saia um pouco de circulação e veja como vai voltar com as energias renovadas, e quando os exames estiverem prontos, a gente conversa novamente.

Ele voltou para casa, pensativo. Não adiantava mais voltar para agência, pois

Vanessa tinha cancelado seus compromissos. Tomou um café e foi caminhar com Dallas na praia. Quando retornou, sua mãe ligou novamente para saber se já havia jantado.

Marck pensou que ela não lhe daria sossego e que talvez fosse bom mesmo sair um pouco de circulação, isso com certeza a tranquilizaria, e o deixaria em paz, no fundo estava mesmo com medo de ter um enfarto, ou coisa parecida, mas tentava se convencer de que estava bem e só fazia isso por ela. Assim ele resolveu que no dia seguinte ligaria para Beatriz.

Capítulo 7

Ao contrário do que pensava, Júlia não melhorou, a dor no pulso aumentou e ela só conseguiu dormir depois de 3 analgésicos. Passou o dia no quarto e a noite sentia o corpo queimar. Não queria incomodar Jackson, então teve que solicitar auxílio de Nani. Ela se assustou ao ver que a moça queimava de febre.

— Meu anjo, precisamos avisar ao patrão.

— Não Nani, é só me ajudar com um banho morno que eu vou melhorar.

Mas quando se levantou sentiu o corpo tremer e tudo girar ao seu redor. Cambaleou e Nani correu, segurando-a.

— Meu anjo o que está sentindo, está pálida! - Nani perguntou assustada, mas

Júlia não ouviu direito, a voz de Nani estava longe, muito longe!

— Júlia meu anjo! Filha!

A voz ficou distante, em seguida foi se aproximando vagarosamente, Júlia viu Nani sentada chorando.

— Júlia!

Ouviu novamente a voz mais próxima, mas não conseguia identificar de onde vinha. Olhou confusa ao seu redor. Sentiu alguém segurar suas mãos, não sabia quem era.

— Acalme-se, você vai ficar bem!

— Mas eu estou bem! Por que Nani está chorando? Por que ela não me ouve?

Júlia tentava entender o que estava acontecendo, ouvia vozes estranhas ao seu redor. Por que Nani não podia ouvi-la?

— Você vai ficar bem agora, meu anjo!

Em seguida viu a imagem de seu pai desolado, chorando.

— Pai? Me perdoe pai, não queria desobedece-lo. Por favor não faça isso! Não... por favor - ela tentou em vão ampará-lo, mas não pode se mover. – Alguém, por favor, ajude meu pai...

— Calma Júlia, agora está tudo bem... está tudo bem... nós vamos ajuda-lo.

As palavras foram se repetindo e se distanciando. Ela ouviu um barulho forte e uma luz cegou-lhe a visão forçando-a a fechar os olhos, sentiu uma profunda paz interior, alguém segurou suas mãos suavemente e lentamente ela abriu os olhos com dificuldade.

Júlia acordou e viu Nani sentada ao seu lado na cama.

— Oi meu anjo, que bom que acordou.

— Nani, o que aconteceu? - ela disse meio confusa, querendo lembrar-se.

— Você desmaiou, tivemos que trazê-la ao hospital. Sente-se melhor agora?

Júlia tentou se levantar, mas Nani a impediu.

— Não meu anjo! Você precisa ficar deitada, daqui a pouco a Dra. Beatriz vem falar com você.

Minutos depois, Beatriz entrou no quarto, com o sorriso carinhoso de sempre, dizendo:

— Como se sente minha paciente preferida!

— Bem! Um pouco confusa - Júlia não entendia como isso foi acontecer.

— Bom, antes de mais nada, eu também gostaria de saber de você, o que são esses pontos em seu umbigo.

— É que fiz um exame em São Paulo.

— Sei, posso saber que exame?

— Uma laparoscopia ginecológica.

— Ah!?! - Beatriz balançou a cabeça intrigada. Sabia que Jackson havia obrigado a pobre garota a fazer esse exame sem necessidade. - E só para saber, qual foi o resultado?

— Está tudo normal.

— Perfeito! Bom, mocinha, você está com o pulso quebrado, por isso sente dores que correm para os braços, nós vamos imobiliza-la agora, para que alivie a dor. Com certeza teve febre alta por causa da fratura, seguida desse exame invasivo, por isso desmaiou. Tem idéia de como foi que você quebrou?

Júlia corou, desviando o olhar de Bia, ela mentiu dizendo que caíra de um cavalo na fazenda.

Beatriz não se fez de rogada. Há tempos Júlia era sua paciente e ela odiava Jackson pelo tratamento que dava a esposa.

— O Sr. Jackson está cada vez pior Júlia, você precisa se cuidar. Tenho medo de que o pior lhe aconteça.

— Não se preocupe, vou ficar bem.

— Eu já ouvi isso de você outras vezes... eu me preocupo com você.

— Sei disso e fico grata por tudo que já me fez, mas você sabe que não tenho outra opção.

— Sempre existe outra opção, você apenas não a encontrou, ou não tem coragem de encontra-la.

— Eu sempre digo isso para ela, doutora.

— Vem comigo, Nani, enquanto Júlia é atendida pelo pessoal da ortopedia, quero te passar uma série de recomendações e medicamentos que ela vai precisar tomar. É bom saber que ela tem você para cuidar dela.

Enquanto conversava com Nani, o celular de Bia tocou, ela se desculpou e atendeu quando viu de quem se tratava.

— Marck? Nossa, quanto tempo... Claro que pode vir. Olha estou atendendo agora, depois te ligo para saber quando você vem? Ok? Beijos.

— Era um primo meu da capital - ela disse querendo se desculpar. — Parece que está precisando de umas férias e vai passar uns dias em casa. Bom... isso é tudo! - Bia lhe entregou a receita. — Cuide bem dela Nani.

— Pode deixar doutora.

Em casa Júlia sentou-se na cama e abraçou as pernas, chorando compulsivamente.

— Meu Deus Júlia, o que você tem?

— Nani, você acha que Deus pode perdoar uma pessoa que tira a própria vida?

— Por que você está dizendo isso meu anjo?

— É por causa de meu pai Nani! Ele não morreu de enfarte, eu soube que ele se enforcou... por minha causa..., acho que não vou conseguir viver carregando essa culpa. Isso tá doendo muito.

— Minha filha, quem te disse isso?

— Todos quiseram esconder de mim. Jackie, minha mãe, meu irmão... todos sabiam - ela falava entre lágrimas com a voz embargada. - Eu sei que ele fez isso por minha causa.

— Não diga isso meu bem, procure se acalmar. Seu pai fez a sua escolha, você deve aceitar e rezar para que ele encontre a paz. Deus irá perdoá-lo - Nani a abraçou, confortando-a. - Ficar assim não fará bem a ele. Vem, vamos rezar.

— Eu não consigo...

— Eu rezo por você então. Apenas procure se acalmar.

Nani começou a rezar e Júlia foi se acalmando aos poucos, até adormecer, mas teve um pesadelo com seu pai, o que a fez acordar no meio da tarde toda suada. Aproveitou para tomar um banho e desceu para tomar café com Nani.

— Você pode ficar na sua casa o resto da semana Nani, Jackie só volta na sexta a

noite e sei que seu filho está de férias. Acho que deveria aproveitar a companhia dele.

— Não queria lhe deixar sozinha, meu anjo.

— Eu vou ficar bem - Júlia a abraçou. – Você já me ajudou bastante hoje.

— Tem certeza de que não vai precisar de mim?

Nani respondeu que iria com o coração apertado só de pensar em deixá-la sozinha, mas Júlia estava certa, seu filho estava de férias e ela desejava muito desfrutar de sua companhia. Desde que fora morar na capital, não tinha muitas oportunidades de vê-lo.

— Vai me prometer que se precisar de alguma coisa manda me chamar.

— Pode deixar, eu envio um sinal de fumaça - Júlia brincou.

— Engraçadinha... vejo que já está melhor mesmo. Assim eu fico mais tranquila, mas não se esqueça dos remédios.

— Está bem, pode deixar.

Júlia fez de propósito para tranquilizar Nani. Sentia uma enorme tristeza por tudo que acontecera nas últimas 24 horas, e queria ficar sozinha. Tocar seu piano e passar horas lendo romances, coisas simples que a faziam viajar e lhe traziam a paz de espírito. Mas aquela semana ela não passou muito bem, teve sonhos horríveis com seu pai, o que a fazia acordar sempre gritando ou suada no meio da noite.

Jackie chegou na sexta-feira a tarde à tempo de jantar. Júlia preparou uma comida leve. Ele reclamou:

— Por que Nani não está por aqui?

— Eu a dispensei Jackie, seu filho a está visitando e achei que seria bom para ela.

— Você não devia ter feito isso – ele disse segurando em seu pulso agressivamente.

Ela fixou seus olhos no dele, liberando seu braço e se atrevendo a desafia-lo.

— Por que, você não gosta da minha comida?

— Não... é que não gosto que faça as coisas sem a minha autorização.

— Mas você não estava aqui, e nem ligou para saber como eu estava.

— Você está certa, me desculpe, mas eu disse a Dra. Beatriz que me ligasse caso fosse necessário... bem... vamos jantar então, só espero que amanhã Nani venha, temos uma festa para ir, e não quero que se preocupe com os afazeres da casa.

Capítulo 8

O final de semana chegou e o dia amanheceu maravilhoso, não havia uma nuvem no céu e o calor era promissor. Querendo evitar o trânsito, Marck acordou bem cedo e partiu com Dallas para Trindade. A viagem demorava umas 3 horas até Paraty mais uns vinte minutos até chegar a Vila de Trindade. Dallas foi curtindo o vento na cara amarrado na carroceria da caminhonete. Há tempos que não saíam juntos. Sempre ocupado com o trabalho e mulheres, Marck havia negligenciado a companhia do “melhor amigo”. Dallas por sua vez que sempre o aguardava paciente noite adentro, já parecia agradecer a companhia e o passeio de carro.

Quando finalmente chegaram, Beatriz o recebeu com um abraço caloroso.

— Quanto tempo hein Marck? Deixe-me ver - ela segurou sua face olhando seus olhos. — Você está muito bem!!

— Você também Bia! - ele respondeu sorrindo. – Espero que não tenha problema mesmo eu ficar por aqui com Dallas!

— Que isso Marck!, sabe que você é como se fosse meu irmão. Vem, vamos

entrar, Dallas deve estar com sede.

A casa de Bia, embora fosse de frente para o mar, era bem simples, ela herdara de seu pai, um naturalista Belga, que se fixara na cidade, apaixonado pelas belezas naturais. Sua mãe nunca aceitou a maneira simples de viver que ele queria, por isso o casamento não durou. Beatriz passava todas as férias com o pai, o que despertou nela a mesma paixão pela natureza e pelas coisas simples da vida. Com a morte do pai e recém formada em medicina, Bia não pensou duas vezes em tentar residência médica em Paraty e se mudar para Trindade. A casa ficava bem na ponta da praia, ainda conservava a estrutura rústica de uma típica casa de pescador, mas Bia havia feito algumas melhorias, pois também apreciava o conforto da vida moderna.

— Nossa! - disse Marck surpreso ao entrar. - Agora sim! Isso se parece com um lar.

Ela riu do jeito dele enquanto colocava água em uma tigela para Dallas e ele continuou:

— Eu preciso confessar, fiquei com medo de ter que dormir na rede, como quando vínhamos passar às férias aqui!... só mais uma coisinha... tem chuveiro quente?

— Temos sim seu bobo! E tem telefone e micro-ondas também.

—Ah... não acredito... telefone?

— Marck já viu médica sem telefone? Vem vou lhe mostrar seu quarto, preciso sair fazer umas compras e a tarde vou ao cabeleireiro, tenho uma festa em Paraty hoje, gostaria muito que me acompanhasse, apesar de saber que veio para descansar e...

— Ei ...ei - ele a interrompeu. – Eu vou adorar acompanhá-la nessa festa! Só não sei se trouxe roupa apropriada para a ocasião, pois não pensei que ia para baladas.

— Não é uma balada, é só uma festa de aniversário, e prometo que vamos chegar cedo, se precisar de um paletó eu alugo um em Paraty para você quando for ao cabeleireiro, ok?

— Ok - ele falou segurando-a pela cintura e olhando sedutoramente em seus olhos. — É você quem manda.

— Está bem... - ela disse meio sem jeito se livrando dele. — Então... fique a vontade - Marck tinha o poder de desconcertá-la, ela nunca sabia ao certo se ele estava apenas brincando ou tentando conquistá-la. — Mais tarde a gente conversa.

Bia saiu pensativa, seu primo era um homem muito atraente, mais nunca imaginaria ter um caso com ele, sabia como era mulherengo e sua vida estava certinha demais para arrumar confusão.

Ahhh!, ela pensou. Acho que preciso arrumar um namorado, pois já estou vendo coisas, ele é como um irmão, só preciso me acostumar de novo com seu jeito.

Marck ajeitou suas coisas no quarto e depois caminhou até a varanda, apreciando a paisagem. Pensou em caminhar nas areias claras da praia, mas se conteve, o sol já estava forte e o calor era intenso. Céu e mar se encontravam no infinito deixando a vista maravilhosa.

— É... - ele disse, afagando Dallas, que balançava o rabo agitado. – Acho que dá para entender a paixão de Bia por esse lugar - e assim se deitou na rede, contemplando o espetáculo das ondas, quebrando nos rochedos da encosta.

Júlia se olhava no espelho desanimada, estava com uma péssima aparência, desde que voltara da fazenda, não conseguia dormir direito, devido aos constantes pesadelos que tinha com seu pai.

Escutou alguém subindo as escadas e estremeceu quando bateram à porta. Não queria ver Jackson.

— Pode entrar - disse quase sem forças.

Para seu alívio era Nani.

— O patrão disse para eu ver se precisa de ajuda.

— Não tenho a menor vontade de me arrumar para essa festa Nani.

— Minha querida, sabe que vai ter que ir mesmo assim... o patrão não vai aceitar nenhuma desculpa.

— Sei..., mas está cada vez mais difícil sair com ele. Não posso usar um vestido porque ele sempre acha muito decotado, ou muito colado, ou muito chamativo, ou muito qualquer coisa! -Júlia falou irritada. — Ele sempre acha um defeito em minhas roupas! Não entendo porque ele mesmo as comprou.

— Meu anjo, você precisa se acalmar e ter paciência.

— Acho que estou perdendo a cabeça Nani.

— Não diga isso, você é a pessoa mais calma e doce que já conheci e não queremos que o patrão se irrite - Nani falou, passando as mãos em seu rosto, procurando acalmá-la, pois sabia que essa revolta causaria problemas para ela e não queria que ele a machucasse. Não suportava mais ver as agressões de Jackson, e ao mesmo tempo não pedia demissão porque gostava muito de Júlia, sentia prazer em cuidar da casa e cozinhar para ela, embora muitas vezes era humilhada pelo patrão, agüentava tudo quieta para não ter que se afastar de Júlia.

— As outras mulheres vão estar lindas, com seus cabelos arrumados, de certo por algum cabeleireiro famoso, com roupas de grife, todas se exibindo. Estou cansada disso!

— Mas você é linda meu anjo! Não vai fazer feio, venha vamos escolher uma roupa para você... - Nani abriu o guarda roupas e não foi difícil escolher uma saia e uma blusa, que embora discretas, deixavam Júlia elegantemente vestida para a ocasião.

Júlia fez uma maquiagem leve e enquanto tentava, aborrecida, prender os lindos cabelos num coque, Nani teve uma idéia.

— Espera um pouco, eu vi um penteado esses dias numa revista. Acho que vai ficar lindo em você. Será que a gente consegue fazer?

— Não sei Nani, onde está essa revista? - Júlia falou meio desconfiada.

— Vou pegar lá embaixo.

Nani voltou com uma revista popular, embora um pouco velha, e abriu em uma reportagem cujo título era “Look perfeito para Festas”, onde mostrava fotos de tranças e outros modelos de cabelos presos para festas, com o passo a passo, para se fazer em casa. Júlia ficou toda animada, e embora não fosse “expert” em penteados, com a ajuda de Nani conseguiu prender os cabelos fazendo uma trança lateral.

Jackson já estava impaciente quando Júlia desceu as escadas. Estava deslumbrante com o penteado improvisado.

— Está linda meu bem, como eu gosto.

— Obrigada - ela disse sem muito entusiasmo. Sabia que a noite seria longa, que teria todos os seus passos controlados e observados e que apanharia de qualquer forma quando chegasse, por mais que ficasse quieta sentada a mesa, ele sempre acharia um motivo para bater nela e depois a possuir como uma qualquer, não tinha como fugir desse destino, então, caminhou lentamente para o carro onde Tomas os aguardava para levá-los à Paraty.

— Não parece muito animada! - Jackson falou enquanto a acompanhava.

— Impressão sua.

— Talvez esteja sendo muito duro com você ultimamente.

Ela desviou o olhar e ele segurou em suas mãos, colocando nelas uma pequena caixinha onde continha um anel de brilhantes.

— Jackson, o que é isso? Ah! Você não devia...

— É seu presente de aniversário querida. Meio atrasado, é lógico, mas depois de tudo que aconteceu, eu estava esperando uma ocasião para te dar e pedir desculpas pelo que fiz.

Júlia ficou pensando em como Jackson era louco, e que talvez Beatriz tivesse mesmo razão em se preocupar com sua vida, ele oscilava entre amá-la e feri-la, talvez por saber que não era correspondido, ele a agredia, distanciando cada vez

mais essa possibilidade. Quando esse pesadelo iria acabar, ou de que forma? Somente Deus poderia ajudá-la a encontrar um caminho. Mesmo assim, agradeceu o anel colocando em seu dedo e beijando-lhe o rosto, isso era o melhor que tinha a fazer naquele momento.

Quando chegaram à festa, o salão já estava lotado. Alice, esposa do Prefeito, foi super detalhista e cuidadosa com a decoração. Havia um mix de flores brancas e hortências azuis, vasos altos e médios compunham o bom gosto e velas em vidros lilás davam um toque especial ao ambiente. Num canto do salão um painel reproduzia fotos do casal, de amigos e parentes no ambiente. Sem dúvida, era uma festa muito elegante.

Júlia e Jackson tinham lugar reservado junto à mesa de Paulo e Alice. Eles se abraçaram, se cumprimentando.

— Seu penteado está maravilhoso Júlia – observou Alice. - Qualquer dia precisa me passar o endereço de seu cabeleireiro!

— Obrigado! Você também está linda, alías, tudo aqui está muito bonito e de muito bom gosto, meus parabéns.

— Obrigada Júlia, mas vindo de você, eu fico desconfiada, você sempre é tão gentil.

— Pode acreditar Alice, você se superou.

Ficaram conversando animadas enquanto os maridos andavam pelo salão fazendo o social.

Marck e Beatriz chegaram mais tarde e logo foram se encontrar com o prefeito.

— Dr. Paulo meus parabéns, eu sou a Dra. Beatriz e esse é meu primo Marck.

— Prazer! - disse Marck lhe estendendo a mão. - Linda festa!

— Obrigado! Os créditos são todos para minha esposa! Agradeço muito sua presença doutora. Por favor, fiquem a vontade e divirtam-se.

— Obrigado.

O jantar foi a americana e logo se formou uma fila para se servirem. Júlia resolveu esperar um pouco, pois estava sem fome. Quando pode observar que a fila diminuía, ela se levantou para se servir e encontrou Beatriz.

— Oi Bia.

— Júlia, como está? – elas se abraçaram. - Estou vendo que já tirou a proteção do punho.

— Não combinava com a ocasião Bia, por isso achei que não tinha problema ficar um pouco sem.

— Você está certa! Desculpe minha observação, isso é coisa de médico, com certeza estaria linda do mesmo jeito.

— Você também está muito linda, é estranho não te ver de branco.

Beatriz vestia um longo perolado que contrastava com seus cabelos negros.

— Está sozinha? - Júlia pensou que talvez fosse uma boa idéia convidá-la para se sentar com eles, caso estivesse só.

— Não, na verdade estou com um primo! - falou indicando a mesa. Ambas olharam em sua direção e Marck acenou. Júlia sorriu, querendo ser agradável.

Quando Beatriz voltou à mesa, ele observou.

— Quem era a moça com quem conversava na fila?

— É uma amiga.

— Muito bonita.

— Ela é casada - Bia falou em tom reprovador, percebendo o interesse em sua voz.

— Isso não é um defeito, pode até ser uma qualidade...

— Marck! não se atreva, ela é minha paciente.

— Ahh, estamos progredindo.

— Estou falando sério, acredite, essa moça é o cartão de visita para o além.

— Nossa Beatriz isso é coisa que se fale?

— É sério, não pense que está no Rio, aqui as coisas são diferentes. O marido dela é violento. Nem se atreva a paquerá-la.

— Ok, tudo bem, o velho Marck já entendeu - e ele se levantou.

— Onde você vai?

— Vou ao banheiro, ou será que aqui devo pedir... Posso fazer xixi? - ele

sussurrou.

Bia atirou um guardanapo nele dizendo — você é insuportável...

Marck cruzou o salão procurando ver onde Júlia se sentara e viu Jackson abraçando a moça na mesa do prefeito e falando ao seu ouvido. Quando saiu, percebeu que Júlia estava novamente se servindo na fila, certamente para o marido. Sem pensar duas vezes, se colocou na fila atrás dela. Podia sentir o perfume suave que vinha dos seus cabelos e observar mais de perto a delicadeza de seus movimentos. Ela era mesmo encantadora. Porque será que Beatriz falou aquilo? Certamente queria preservar a moça. Apesar de ser um paquerador nato, não conseguiu pensar em nada que pudesse fazer para interagir com ela, sem que Bia visse claro, então se comportou direitinho, até que Júlia derrubou um talher. Marck se apressou em pegar colocando de volta a mesa, para que o garçom recolhesse.

— Me desculpe - disse Júlia corando.

— Tudo bem senhora - falou o garçon.

— Obrigado - ela disse se dirigindo a Marck.

— Não foi nada.

Seus olhos se cruzaram e ele pode sentir a tristeza que vinha deles. Marck tentou prendê-los por mais tempo dando-lhe um sorriso sedutor e quando ia falar, ela

desviou o olhar rapidamente e olhou para sua mesa, saindo em seguida.

Ele ficou pensativo, e quando voltou à mesa, Beatriz lhe repreendeu.

— Eu vi o que você fez.

— Não fiz nada de mais, somente peguei um talher que caiu.

— Não se faça de bobo, não precisava ficar na fila atrás dela.

— E o que eu devia fazer? Roubar a frente dela?

— Está bem Marck, coma logo para a gente ir embora.

— Mais agora que vai ficar bom? - Marck se referia ao conjunto que se preparava para tocar.

— Amanhã tenho plantão, eu preciso descansar e você também, não deve fazer extravagâncias.

— Só mais um pouquinho, prometo que me comporto. Olha só, eu só bebi guaraná.

Eles riram e resolveram ficar mais um pouquinho.

O conjunto começou a tocar e Beatriz foi surpreendida por um convite para dançar. O jovem se apresentou como Gustavo, recém chegado a cidade, era investigador de polícia.

Beatriz o achou interessante e eles chegaram a trocar números do celular. Marck continuou a observar Júlia de longe. Jackson a tirou para dançar e para seu deleite, eles permaneceram na pista por um bom tempo. Marck observou cada gesto, cada passo, o sorriso meigo e tímido, os gestos delicados, o olhar triste e ficou totalmente encantado e curioso, porém se manteve discreto, do jeito que Bia queria. Beatriz voltou a mesa poucas horas depois.

— Parece que a pressa de ir embora acabou.

— Não seja bobo, vamos embora agora.

— Gostou do rapaz?

— Digamos que é interessante. Ficou com medo de você.

— De mim?

— Pensou que podia ser meu namorado.

— Não contou para ele que somos casados? Você é mesmo uma pervertida. Vou ter que dar uma lição nesse moço - ele brincou, fingindo que ia levantar para tomar satisfação com o rapaz.

— Marck não seja bobo, vamos embora.

— Está bem então, Cinderela, o relógio já já vai dar as badaladas...

— Olha, sei que é difícil para você dormir cedo, mas precisa descansar, lembra?

— É por isso que veio aqui... - ele completou a fala dela. – Ok, vamos então.

Júlia e Jackson se retiraram mais tarde e como já era esperado, Jackson que se excedera na bebida, a agrediu quando chegaram em casa para em seguida submetê-la a um sexo frio e doloroso.

Capítulo 9

No dia seguinte Beatriz acordou cedo e foi para o hospital, Marck resolveu sair para explorar a cidade.

O Café dos Bassos era um lugar bem simples, mas servia o pão de queijo mais delicioso que Marck já provara, costumava tomar café ali outras vezes que estivera na cidade. No local havia também uma pequena prateleira com livros, revistas e jornais para os fregueses desfrutarem enquanto saboreavam o desjejum. Muitas pessoas entravam apenas para comprar o jornal. Marck nunca conseguia levantar cedo por isso solicitou a Sra. Bassos que lhe guardasse o jornal todas às manhãs. Por voltas de 11:00hs estava sentado em uma mesa do café quando Júlia adentrou o mesmo. Ela parecia um anjo, vestia roupas claras e leves, os cabelos soltos estavam levemente ondulados devido a trança que fizera na noite anterior, e usava óculos escuros.

— Bom dia Patric! Meus livros chegaram?

— Ah sim, bom dia Sra. Marques, vou buscá-los lá dentro, não os coloquei na prateleira por estarem reservados - Patric deixou o balcão por alguns instantes e adentrou para os fundos do estabelecimento.

Enquanto esperava, Júlia caminhou até a prateleira com revistas e começou a folheá-las, Marck observava cada passo da moça, não conseguia tirar os olhos dela, e num impulso se levantou, abordando-a.

— Olá Srta...

— Sra. Marques, Júlia Marques - ela respondeu surpresa.

— Ah sim, perdoe a intromissão, mas é que estive observando-a no baile ontem

à noite, e agora também, permita-me dizer que possui uma beleza incomum, talvez esteja perdendo seu tempo aqui nessa cidadezinha. Sou dono de uma agência de modelos na capital, quem sabe se interesse em fazer um teste fotográfico. Seria uma oportunidade única e você pode estar na capa de uma dessas revistas um dia - ele tirou um cartão de visita do bolso e ofereceu a ela.

Júlia ficou perplexa, nervosa correu os olhos pelo café para ver se mais alguém tinha ouvido aquilo, por sorte estavam apenas os dois e Patric que vinha vindo dos fundos segurando sua encomenda.

Marck continuou... – poderia tirar o óculos para que eu possa ver melhor os seus olhos, eu gostaria de ver

— Sr. - Júlia o interrompeu, sentindo seu rosto corar.

— Tuner, Marck Tuner! Sou o primo da Dra. Beatriz. Muito prazer! - e lhe estendeu a mão!

— Não quero parecer indelicada, agradeço muito os elogios, mais já sou feliz aqui! - Júlia mentia. - E quanto aos meus olhos, posso lhe garantir que não são azuis como os seus, estou de óculos porque estou com conjutivite e garanto que não vai gostar de vê-los - ela foi bem dura, não pegou o cartão, pediu licença e caminhou em direção a Patric.

Marck se sentiu um estúpido. Porque não conseguiu se controlar! Quem ele pensava que era? Aquela literalmente não era sua praia, onde costumava ser venerado por todas as moças que conhecia. Voltou para a mesa chateado e abriu o jornal, fingindo que lia, enquanto continuava a observá-la.

Júlia pegou sua encomenda e em seguida, segurou as mãos de Patric, lhe suplicando baixinho.

— Por favor Patric, não comente com ninguém que me viu conversando com o Sr. Tuner.

— Pode ficar tranqüila, isso não sai daqui.

Ela sorriu, agradecendo e em seguida saiu da loja.

Marck se levantou rapidamente e num impulso de segui-la, foi em direção ao balcão para pagar o café. Enquanto guardava apressado o troco na carteira, Patric segurou em seu braço e olhando nos olhos dele, falou rispidamente.

— Sr. Tuner, fique longe da Sra. Marques, o senhor poderá causar problemas para ela.

Marck ficou desconcertado, o jovem sempre fora muito educado com ele todas as vezes que esteve ao café e não pareceu nada gentil com aquele gesto. Talvez estivesse com ciúmes da moça, ele também era jovem e devia admirá-la como ele estava fazendo, quantas coisas bobas, pensou ele. Apenas sorriu consentindo e saiu do café.

Percorreu os olhos pela rua, mas não conseguiu ver para onde ela havia ido, assim resolveu caminhar um pouco. Ao passar pela porta da drogaria conseguiu

identifica-la através do vidro. Entrou e fingiu estar escolhendo um produto masculino. De onde estava pode ver Júlia tirar os óculos para o farmacêutico, ela estava com a pálpebra inchada e o olho esquerdo levemente fechado com o contorno roxeado, Marck escutou os lamentos do atendente.

— Precisa se cuidar Júlia. Talvez seja melhor marcar um especialista.

— Não posso fazer isso, Jackie ficaria muito irritado. Por favor, Jonas, me indique algum medicamento – ela parecia estar aflita.

— Está bem... mas vai ter que prometer que se não melhorar em dois dias, você vai procurar um médico.

— Combinado - respondeu aliviada, e ele percorreu as prateleiras procurando um medicamento específico.

Marck ficou perplexo e revoltado ao pensar que Júlia apanhara do marido. Porque ele faria isso, não conseguia entender, ela parecia ser uma boa pessoa, todos na cidade simpatizavam com ela e pareciam tentar ajudá-la, inclusive sua prima Beatriz. Era melhor desistir daquela paquera, afinal tinha ido a Trindade para descansar um pouco dos agitos da cidade grande e principalmente dos excessos, e se envolver com uma mulher casada não era bem o que estava em seus planos, por mais que ela parecesse irresistível, mas ele não queria ter deixado uma má impressão e num impulso pegou uma caixa de lenço de papel, abriu, tirou um no qual escreveu algumas palavras e se dirigiu ao encontro da moça.

— Com licença - disse ele abordando-a novamente.

Júlia não sorriu ao vê-lo e suspirou aborrecida.

— A senhora deixou cair esse papel! - e lhe entregou o lenço dobrado para que o balconista não pudesse ver que estava escrito.

— Não deve ser meu - ela disse se recusando a pegar.

— Tenho certeza que é da senhora, eu vi quando caiu - e foi colocando o mesmo em suas mãos, sem dar muita importância ao que ela dizia e fingindo a ignorar, em seguida pediu ao balconista que cobrasse o que havia pegado, pois estava com pressa.

— Me desculpe! A Sra. Marques chegou primeiro.

— Não se preocupe Jonas, eu posso esperar - disse Júlia. E observando aquele estranho homem de olhos azuis que parecia ter invocado com ela, fechou as mãos colocando o bilhete no bolso, curiosa por saber do que se tratava. Percebeu que ele tinha traços delicados, apesar de parecer arrogante e convencido. Estava elegantemente vestido com uma camisa de seda que, colada ao corpo, revelava um abdômen bem definido, com certeza não pertencia a cidade, era da capital, ela se lembrou do que ele havia dito. Os cabelos pretos e lisos caíam um pouco na testa, por mais que ele os colocasse para atrás e os olhos eram de um azul infinito.

Ele pagou e saiu da farmácia sem lhe dirigir o olhar. Dessa vez foi Júlia que ficou a observá-lo até entrar no carro.

Ao chegar em casa, Júlia se recolheu ao quarto, levando algumas pedras de gelo para fazer compressas, como orientado pelo farmacêutico.

Deitou-se em sua cama e pegou o papel do estranho. Ficou irritada ao ler o que havia escrito.

“Desculpe o atrevimento, não queria causar problemas. Posso ser discreto, caso mude de idéia. 9222-1006.”

— Convencido! - ela disse amassando o bilhete que jogou no vaso e deu descarga até se certificar que havia ido embora.

Capítulo 10

Marck estava jogado no sofá lendo um livro quando Beatriz chegou do plantão.

— O que você está fazendo acordado até está hora?

— Eu estava sem sono e resolvi ler um pouquinho.

— Ah! Você devia descansar, é para isso que veio aqui. Vou fazer um chá para

mim, quer um também?

— Pode ser. Como foi o plantão hoje?

— Calmo, e você como passou o dia?

— Explorando a cidade e já terminei, acho que já posso voltar para casa, pois não tem mais nada para se fazer por aqui. -disse em tom irônico fazendo Beatriz ficar irritada.

— Você não tem jeito mesmo.

— Bom! Tirando sua paciente que é muito interessante, não achei mais nada de atrativo. Sério! Não sei como consegue viver aqui.

— Marck! Por favor, já disse para você ficar longe dela.

— Então me dê um bom motivo. O que é que ela tem de perigoso, além de ser casada com um velho rico?

— Não quero lhe falar sobre isso.

— Bom, então acho que vou ficar mais um pouco por aqui, talvez eu descubra

sozinho...

— Marck você não se atreveria fazer isso! - Bia ficou muito séria — Se você pensa em paquerá-la vou ter que pedir que vá embora, para seu próprio bem.

— Nossa! Que mistério é esse, por acaso ela é igual a aranha viúva negra, que mata seus machos depois de acasalar?

Ele estava realmente interessado e curioso e Beatriz não viu outro jeito de afastá-lo que não fosse lhe contar tudo.

— Está bem, vou lhe contar o que sei, só que vai ter que prometer que vai ficar longe dela depois disso.

— Vou ficar na minha, ok?

Ela balançou a cabeça negativamente.

— Você tem que prometer...

— Está bem, eu prometo - disse cruzando os dedos na frente dela de maneira irônica.

— Ah! Marck você não tem jeito mesmo.

Mesmo assim, Beatriz contou-lhe o que sabia da história de Júlia, pois sentia que isso ajudaria Marck a ficar longe dela, ou pelo menos, a não se envolver com problemas.

— Não sei muito sobre a vida dela, parece que o Sr. Jackson a comprou...

— O que? Sabia que estamos no século XXI, isso é história dos tempos medievais?

— Olha, se vai ficar tirando sarro e interrompendo eu não vou te contar mais nada.

— Está bem... vai, continua.

Bia serviu o chá e ambos foram se sentar na sala.

— Bom, o que sei é que ele a comprou, parece que deu terras em troca de se casar com ela e que financia os estudos de um irmão que ela tem. Ele mantém negócios ilícitos no Rio de Janeiro, é muito rico e perigoso, segundo os moradores locais, já matou algumas pessoas, mas isso não sei se é verdade.

— E o que seriam esses negócios? Drogas? Ele é traficante?

— Não, acho que são cassinos, não sei se também vende drogas ou armas.

— E Júlia, sabe disso?

— Acho que sim, mas não se envolve nos negócios, ele a mantém afastada de tudo, gosta de exibi-la apenas em eventos sociais como os de ontem. Ah! fazia parte do acordo que ela lhe desse um filho, e apesar de ser jovem e saudável, não consegue engravidar.

— Está explicado então por que é sua paciente.

— Sim, me procuraram a algum tempo, já fiz vários exames e não vejo problema algum com ela, só que o velho se recusa a fazer exames e apesar de lhe explicar que existem outros meios, ele se nega a utilizar qualquer outro método para ter um filho. E cá entre nós, acho que isso foi uma benção para ela. Depois disso ficamos amigas, sempre que ela precisa me procura. Ela é uma pessoa muito doce e gentil, é quase impossível não gostar dela.

— Isso eu já notei.

— Marck! - Bia falou repreendendo-o — Eu estou aqui contando coisas pessoais minha paciente, e você...

— Eu o quê?

— Ora, você está sendo irritante com esse jeito...

— Desculpe... pode continuar.

— Não sei se devo..., acho que já falei demais, isso é antiético na minha profissão.

Bia se levantou e pegou as xícaras para levar na cozinha. Marck foi atrás dela.

— Quanto a isso não precisa se preocupar, não vou dizer nada - ele estava sério.

Bia estava chateada, parecia que o assunto a aborrecia, mesmo assim, continuou.

— Sabe Marck, eu sinto muita pena dela. Eles dormem em quartos separados, pois ele sempre leva outras mulheres para casa. Jackson a agride de várias maneiras, física, moral e não sei por que, desde que a conheci, sinto que essa história não vai terminar bem.

— Como assim, ele bate nela?

— Acho que sempre bate nela, apesar de ela negar, mas quando vai consultar, posso ver as marcas em seu corpo, é revoltante.

— Você já a aconselhou a denunciá-lo?

— É claro, mas acho que tem medo dele. Não posso culpá-la por isso, também sinto medo dele e por isso mesmo você deve ficar longe dessa história ok? E vamos dormir agora que já estou cansada.

— Ok! Estou cansado também.

— Tomou seu remédios direitinho hoje?

— Sim senhora - ele respondeu batendo continência.

Assim eles sorriram e se recolheram aos quartos.

— Boa noite Marck - Bia ainda lhe disse quando se deitou.

— Boa noite Bia - ele respondeu pensativo.

Capítulo 11

Dois dias depois, Júlia corria na praia, aproveitando a ausência de Jackie. Ele havia lhe dado uma esteira dizendo ser bobagem sair de casa para se exercitar, mas ela adorava correr admirando a bela paisagem e sentindo a brisa do mar. Em sentido contrário, caminhava Marck com Dallas. Quando se cruzaram, ele cordialmente acenou, e ela fingiu não o notar.

Você merece isso Marck! , ele pensou. Por ser tão babaca.

Tudo seria normal, não fosse Dallas intempestivo sair correndo em direção a ela.

— Dallas volte aqui! - Marck gritou com autoridade. Ele não obedeceu e continuou.

Ao perceber que o labrador partia em sua direção, ela se assustou e desequilibrada caiu na areia.

— Dallas! - Marck também achou estranho, ele nunca agia desse jeito, parecia que iria atacá-la, mas quando se aproximou, ele tentou lambe o rosto, que Júlia protegia com as mãos.

— Para já com isso! - Marck se aproximou, afastando-o de Júlia — Me desculpe, não sei o que deu nesse cachorro idiota.

Ela sorriu para seu alívio dizendo.

— Não se preocupe, está tudo bem.

Ele lhe estendeu a mão para ajuda-la se levantar e perceberam que havia torcido o tornozelo. Júlia fez uma careta ao dizer:

— Acho que torci o pé!

— Deixe-me ajuda-la, espero que não tenha sido nada grave. Vamos até minha casa, fica a poucos metros, você coloca um pouco de gelo até melhorar.

Eles caminharam devagar com ela apoiada ao seu ombro.

— Se não se incomodar poderia carrega-la - disse educadamente.

— Não precisa, dá para aguentar - Júlia evitava qualquer contato visual ou físico.

Ao se aproximarem do portão da casa, Marck subiu as escadas para buscar gelo. Quando voltou, ela estava sentada em uma pedra. Ele se ajoelhou e tirou-lhe o tênis.

— Está inchado - disse colocando o gelo. - Está doendo? - delicadamente ele virava o pé dela de um lado para o outro.

— Só um pouco. Não se preocupe eu já disse. Vou ficar bem.

Eles se olharam por alguns instantes.

— Eu... acho que não deixei uma boa impressão! - disse se referindo ao bilhete.

— E agora então, o Dallas acabou comigo.

Ela sorriu — Ele é um bom menino, só me pegou desprevenida, acredite. Não estou chateada.

— Que bom - disse envergonhado. — Quanto ao bilhete, eu queria dizer...

— Vamos esquecer seu bilhete ok?

— Eu fui um idiota, me desculpe.

— Foi mesmo... - ela concordou balançando a cabeça enquanto sorria.

Marck sentiu o coração acelerar, ela estava abaixando a guarda e isso era um bom sinal.

— Sem ressentimentos, então... amigos? - ele lhe estendeu a mão.

Júlia consentiu lhe dando a sua. Se é primo de Beatriz não pode ser tão ruim assim, pensou consigo mesma.

— É a primeira vez que vem a Trindade? - perguntou tentando ser agradável, enquanto Marck segurava o gelo em seu tornozelo.

— Não! Eu sempre vinha para cá quando criança, o pai de Bia ainda era vivo. Nós passávamos quase todas as férias por aqui.

Descontraído Marck começou a contar-lhe alguns episódios engraçados de sua infância. Logo pareciam grandes amigos, rindo e contando passagens de suas vidas. Há tempos que ela não se sentia tão a vontade assim com uma pessoa, sempre evitava conversar com estranhos, mesmo com Nani, procurava se manter discreta, pois Jackie não gostava de vê-la conversando com a empregada.

O sol já ia se pondo quando Beatriz chegou e avistou os dois na praia. Rapidamente se juntou a eles.

— Oi Bia! - eles a cumprimentaram

— O que aconteceu? - ela disse ao ver o gelo nas mãos de Marck!

— Foi o Dallas que atacou a Júlia!

— Não! Não foi assim Bia, acredite, foi só um acidente, eu me desequilibrei.

— O que deu nesse cachorro Marck?

Ele deu de ombros

— Sei lá? Talvez essa dieta não esteja fazendo bem para ele –disse zombando.

— Ahh!! Vem Júlia, devo ter uma pomada anti-inflamatória em casa. Marck, pode levá-la?

— Claro doutora. Com licença.

Sem que tivesse tempo de protestar ele a pegou em seus braços e subiu a escada atrás de Bia. Pode sentir o perfume suave de seus cabelos ao tocarem seu rosto quando balançava ao vento e se sentiu um tolo por desejar que a escada fosse mais longa. Quase suspirou ao deixá-la no sofá, quando os olhos verdes fitaram os seus e entre um sorriso ela lhe agradeceu.

Bia passou a pomada e ofereceu-lhe um chá, enquanto receitava-lhe um analgésico.

— Obrigada, prefiro só um copo de água mesmo, eu... não tomo chá - ela falou tímida.

— O que? Isso é porque ainda não experimentou as ervas da minha prima. Não acredito que nunca lhe receitou nenhuma delas Bia!

— Não ligue para ele Júlia! Ele gosta de ficar me zoando. Acho melhor eu te levar para casa agora. Jackson deve estar preocupado.

— Ele não está, mas acho que já devo ir mesmo, Nani já deve estar me esperando para jantar.

Marck a levou até o carro, se despedindo e se desculpando por Dallas novamente. Bia foi dirigindo.

— Espero que meu primo não tenha sido inconveniente com você, Júlia!

— Não Bia, ele apenas foi gentil. Obrigada por me trazer.

— Se cuida!

Capítulo 12

O sol já estava forte quando Júlia acordou, ela observou a paisagem da janela de

seu quarto, era a visão agradável do mar sob o sol da manhã. Seu tornozelo não doía, mas não achou prudente correr na praia, então resolveu ler um pouco. Por várias vezes se viu sorrindo lembrando-se de como o primo de Bia era divertido, e sentiu uma enorme vontade de encontrá-lo novamente.

Quando retornou à praia dias depois, ela o surpreendeu pescando com um garoto.

— Olá Júlia! - ele gritou meio atrapalhado com a vara, tentando segurá-la contra o vento.

— Oi - ela acenou, ao mesmo tempo em que acariciava Dallas, que se aproximou assim que a viu.

— Eu arrumei um amigo, deixe-me apresentá-lo - ele falava meio gritando contra o vento.

— Oi Vitor! Como está sua mãe? - ela disse amigavelmente.

— Boa tarde Dona Júlia, ela está bem obrigado.

Marck ficou com cara de bobo, é lógico que Júlia e Vitor já se conheciam, pois eles moravam ali. Como podia ser tão ingênuo?

— Vou correr um pouco, posso levar o Dallas?

— Se você conseguir! Ele não costuma acompanhar outras pessoas.

— Vem comigo Dallas! - Júlia chamou assim que começou a correr e para surpresa de Marck, ele foi no mesmo instante.

Quando voltou, Marck e Vitor já haviam parado de pescar e estavam jogando bola, ela sentou na areia para observá-los, com Dallas sempre ao seu lado.

Outras crianças se aproximaram, atraídas pela brincadeira e pediram para brincar também, em pouco tempo formaram dois times e disputavam uma pelada. Júlia foi convidada para ser goleira, e apesar dos protestos, foi rendida pelos apelos das meninas.

Eles sorriam felizes com a brincadeira, o que fez que o dia fosse perfeito. As crianças combinaram de se encontrar novamente no dia seguinte e antes de irem embora, deram beijos em Tia Júlia e Tio Marck, como passaram a ser chamados.

No dia seguinte, Júlia corria pela praia quando encontrou Marck caminhando com Dallas, as crianças ainda não haviam chegado.

— Oi! - ela parou ao cruzar com eles.

— Oi - ele respondeu retribuindo o cumprimento com um sorriso.

— Vamos correr um pouco? - Júlia o convidou, deixando-o constrangido.

— Eu... estou proibido de correr! - falou meio sem jeito. - São recomendações médicas

— Porque? Você está doente?

— Não... bom, não sei, ainda estou fazendo alguns exames - que droga ele pensou, que mulher vai flertar com um homem doente?

— Espero que tudo esteja bem, posso chamar o Dallas então?

Ele balançou a cabeça consentindo e Dallas correu em sua direção. Quando voltou, Marck já brincava de queimada com as crianças.

— Não acha que esse tipo de brincadeira também te cansa muito? Talvez fosse melhor descansar um pouco - disse preocupada.

— Eu estou bem! Acredite! E depois o médico falou caminhada, não disse queimada - ele falou ironizando.

Júlia balançou a cabeça com ar de reprovação.

Beatriz chegou a tempo de vê-los brincando com as crianças. Ela foi convidada a dar reforço para o time feminino e virou a partida, fazendo-as ganhar. Fim da brincadeira, despediram-se das crianças e Bia a convidou para entrar. Júlia agradeceu, mas achou melhor ir para casa, estava suja de areia e queria se banhar logo.

— Não me disse que estava se encontrando com ela Marck? - Bia falou assim que entraram

— Você não perguntou - ele foi evasivo

— Eu devia ficar brava com você, mas... acho que desde que a conheci, nunca a vi assim tão leve e feliz. Só espero que você não cause problemas para ela.

— Porque causaria?

— Marck eu vou ser bem clara. Por favor, não tente levá-la para a cama, como faz com todas as garotas que conhece.

— Nossa! Não precisa ficar assim! - disse se defendendo — Até parece que sou um maníaco por sexo. E não se preocupe, sei dos problemas dela e estou mantendo a distância necessária. Já tem notícias de meus exames?

— Liguei para o Marcelo hoje e ele encaminhou os resultados. Não estão muito ruins, não!

— Que bom, já vão me liberar da dieta?

— Ainda não seu bobo, vamos repetir seus exames para verificar como estão agora. Mas não pense que vai poder voltar aos excessos de antes. Marck você já tem 30 anos, precisa cuidar mais da sua saúde. Sabe.... beber menos, comida saudável, caminhada, coisas assim...

— Que tédio.

Capítulo 13

A semana passou e eles se encontraram todos os dias, tirando o final de semana em que Jackie estava em casa e Júlia não saiu. Eles estavam cada vez mais encantados um com o outro. Marck não conseguia pensar em outra coisa que não fosse conquistá-la, e ela por sua vez, apesar de estar rendida aos seus encantos, sabia que ele trabalhava com modelos e não se achava interessante o bastante para ele, além disso, era casada, pensava entristecida.

Na semana seguinte, Júlia chegou um pouco mais tarde para as brincadeiras com as crianças, ela era uma pintura para seus olhos que brilharam assim que a viram e Marck percebeu que estava triste.

— O que aconteceu? Você não está bem?

— É que estou um pouco cansada hoje, acho que não vou participar da

brincadeira.

Marck ficou pensando que talvez ela tivesse apanhado do marido de novo, e isso o revoltou.

— Está bem, então venham crianças, a Tia Jú vai ficar de Juiz hoje.

Ele agachou na areia da praia cochichando com as crianças, que soltavam alguns risinhos enquanto ele falava, surpresa ela pode ouvir sua voz:

— 1..., 2..., 3 e já!!!

Eles deram um grito de guerra e partiram em sua direção, se atirando contra ela num abraço coletivo, forçando-a a se deitar no chão.

— Ok! Ok! Eu também amo todos vocês! Obrigado pelo carinho - Júlia repetia enquanto abraçava as crianças e olhava para Marck, que ria dela.

— Tia Júlia, porque não casa com o Tio Marck? - Vitor se arriscou dizendo.

— Não seja bobo - falou uma das meninas. — Ela já é casada.

— Mas o Tio Marck é mais legal! Além disso minha mãe falou que o marido

dela é perigoso.

— Está bem, está bem - interrompeu Marck, vindo ao seu socorro — Lamento informá-los que hoje a brincadeira vai acabar mais cedo, a Jú não está boa hoje e eu vou cuidar dela, ok?

As crianças se despediram desanimadas, resmungando, enquanto Marck se sentava ao seu lado.

— Quer conversar? - ele segurou suas mãos, tentando confortá-la.

— Não... - ela o surpreendeu com a resposta. — Nem sei porque vim, estraguei a brincadeira com as crianças - e soltando de suas mãos, ela se levantou.

— Para te falar a verdade, eu já estava enjoado de brincar também, o que você acha de darmos uma volta?

— Eu... não posso.... se Jackie ficar sabendo...

— Você se esconde até a gente sair da cidade.

— Está me ofendendo Marck, onde pensa em me levar? – disse percebendo suas intenções.

— Me desculpe! Não quis dizer isso! É que você é muito complicada!

— E você está acostumado a mulheres fáceis, não é?

— Não! Não foi isso que eu quis dizer, você está colocando as palavras em minha boca. Por favor, pare com isso - ele disse segurando novamente suas mãos, tentando detê-la. — Não vá embora!

Por um instante, ela o olhou intensamente percebendo o quanto estava apaixonada, e como isso era perigoso. Não pensou em outra coisa que pudesse fazer que não fosse magoa-lo para protegê-lo.

— Está se envolvendo com a pessoa errada Marck! Eu sou casada, lembra? E estou feliz com minha condição. É melhor acabarmos de vez com essa história. Acho melhor a gente não se ver mais.

— Júlia, por favor, está fazendo tempestade num copo d'água. Me desculpe, eu não queria ofendê-la.

Ele tentou de todas as maneiras convencê-la, mas ela se foi, se livrou de suas mãos que tentavam detê-la, suplicando que ficasse e subiu pela trilha da encosta com os olhos marejados.

— Que droga! - Marck esbravejou. - Eu estava quase lá... e estraguei tudo, pensou.

Subiu a escada a passos largos, pegou a chave do carro e saiu, dirigindo sem destino.

Assim que Júlia entrou em casa, Nani percebeu-lhe as lágrimas.

— Meu anjo, o que aconteceu?

— Nada não Nani, foi só areia que entrou em meus olhos. Eu vou para o quarto lavá-los.

Nani ficou desconfiada, nós últimos dias percebera que o comportamento de Júlia mudara, não tinha mais pesadelos, estava mais tranqüila, até pode ouvi-la tocando piano na sala, coisa que há muito tempo ela não fazia. Sabia que ela brincava com as crianças todas as tardes e que isso tinha a ver com sua mudança, mas imaginava que não seria só isso, alguma coisa estava acontecendo com ela, e estava lhe fazendo muito bem. Quisera fosse sempre assim.

Júlia entrou no quarto, fechando a porta atrás de si e respirou fundo. Como foi deixar isso acontecer? Não devia ter se deixado levar. Mas como negar o tremor que sentia toda vez que seus olhos azuis fixavam nela? Ou do calor que seu corpo sentia quando ele a tocava.

— Porque fui me apaixonar? Isso não é para mim! Eu preciso esquecê-lo - murmurou deitando-se na cama, sentindo as lágrimas aflorarem.

Marck foi de carro até Paraty, parou em um bar quando o celular tocou. Pediu

uma cerveja ao garçom enquanto atendia.

— Oi Ruan! Fala garoto!

— Marck, você sumiu cara! Como estão as coisas?

— Desculpe, acho que me desliguei mesmo da agência. Tá tudo bem?

— Com os negócios sim, tudo do jeito que você deixou. E você, quando volta?

— Logo! Eu espero!

— Olha não te liguei por nada sério não, se precisar ficar mais por aí fique, aqui tá tranquilo! O lance é a Alice, ela não para de falar em você e me pediu para contar onde você esta. O que você acha?

— Ruan... não me diga que já contou?

— Bem, na verdade não, ou melhor, quase. Não acredito que você vai deixar passar Marck, a garota é um violão. E ela vai para o México a semana que vem.

Ele pensou um pouco enquanto se servia da bebida.

— Acho que talvez eu possa gostar da companhia – falou sem emoção. — Pode mandar ela vir. Peça para me ligar quando chegar a Paraty que eu a pego.

— Tá bom então... falô!

Marck desligou o celular, pois não queria mais conversar com ninguém, tomou a cerveja e pediu outra, e mais uma... até não conseguir pensar mais e estava quase dormindo no bar quando o garçom avisou que já iam fechar. Ele mal conseguia parar em pé. Caminhou com dificuldade até o carro e dormiu por ali mesmo. No dia seguinte acordou com o sol batendo em sua face e uma tremenda dor de cabeça. Pensou em como seria bom tomar um banho e voltar para sua casa, mas isso significava desistir de Júlia, o que lhe causava um certo desconforto. Sem outra opção no momento, ele voltou para Trindade, onde Beatriz o aguardava ansiosa.

— Marck, pelo amor de Deus, onde você estava? Está com uma aparência horrível.

— Eu dormi no carro, estava cansado e bêbado, se é o que quer saber. Não tinha condições de dirigir.

Bia franziu a testa e balançou a cabeça, querendo entender o que tinha acontecido. Ele sempre pareceu tão controlado, e firme na dieta, não havia bebido nem fumado durante todos aqueles dias.

— O que aconteceu? Porque saiu para beber?

— Estou de saco cheio dessa dieta. Preciso me divertir, aliás, preciso lhe pedir um favor. Posso receber uma amiga por uns dias na sua casa? Você quase não para por aqui mesmo.

O velho Marck estava de volta, Beatriz pensou. Parecia bem irritado e ela achou melhor não enchê-lo com perguntas.

— Tudo bem! Mas nada de sacanagem na minha casa ok?

— Tudo bem, eu a levo ao motel! - disse friamente enquanto entrava no banheiro.

Capítulo 14

Marck não viu mais Júlia, que parecia ter se enclausurado em casa. As crianças voltaram a procurá-lo para brincar, mas seu humor estava péssimo e ele dispensou-as todos os dias. Alice chegou na quinta-feira a tarde e Marck foi encontrá-la em Paraty, aproveitou para levá-la para jantar e saborearam uma lagosta com um bom vinho. Enquanto pagava a conta, ele viu Jackson entrando com duas garotas de programa, o que lhe deu nojo.

— Esse velho asqueroso, não merece a mulher que tem - deixou escapar.

— Aconteceu alguma coisa? — Alice escutou e perguntou a ele, enquanto olhava em direção ao velho.

— Nada meu amor, vem, estou mesmo precisando de você – disse puxando-a pela cintura.

Eles trocaram beijos ardentes no carro, que quase fizeram Marck transar com ela ali mesmo. Alice estava louca por ele e o deixava muito excitado, fazendo carícias provocantes. Foram direto ao Motel.

Mais tarde, quando chegaram a Trindade, Beatriz já dormia, e Marck falou que dormiria na sala, deixando o quarto para Alice. Dallas não gostou muito da moça, que se esquivava dele sempre que se aproximava para cheirá-la.

— Dá para você tirar esse cachorro daqui Marck! Porque ele não dorme lá fora?

— O Dallas está acostumado no meu apartamento - ele respondeu, deixando-a sem graça ao perceber que o cachorro era dele.

— Não sabia que tinha um cachorro. Eu odeio animais. Eles espalham pelos pela casa, são bagunceiros e fedidos, como você consegue, amor?

Marck não gostou da observação e se calou, pegando o travesseiro para dormir na sala. Ela ainda lhe deu um beijinho de boa noite antes dele sair do quarto, e protestou.

— Sua prima é bem atrasadinha! A gente bem que podia dormir juntinho.

Ele se deitou no sofá, e pensou em como foi tolo deixando Ruan mandar a moça. Não a conhecia direito e parecia que ficar três dias com ela seria uma verdadeira tortura.

Acordou algumas horas depois com Beatriz fazendo o café.

— Como foi a noite garanhão?

— Foi muito boa, engraçadinha!

— Quer um café?

— Sim - ele levantou e pegou a xícara que Bia lhe oferecia.

— Eu estou de folga hoje e vou aproveitar para sair com o Gustavo.

— O moço da festa? Mas você nem conhece ele direito.

— Olha quem esta falando? Por acaso está com ciúmes?

— Você tem razão! Podíamos sair juntos, o que acha? Deve ter algum passeio de barco em Paraty. “Assim eu não fico sozinho de vez com essa ninfomaníaca.”- falou baixinho, fazendo Beatriz rir.

— Acorde sua princesa então! - ela disse olhando o relógio - senão, vamos nos atrasar.

Marck mostrou a língua para ela e entrou no quarto abrindo as cortinas e deixando Alice furiosa.

— Vamos acordar meu bem. Você é muito dorminhoca, teremos um dia cheio.

O Passeio de escuna foi uma ótima idéia, Beatriz e Gustavo pareciam enamorados, sorriam felizes abraçados, trocavam carinhos e beijos. Em compensação, Marck e Alice eram o avesso, ele ficava tentando fugir dela, que mais parecia um carrapato, pendurada em seu pescoço o tempo todo, deixando-o muito constrangido.

O tempo se arrastou para ele, parecia que o dia nunca ia acabar. Por várias vezes se pegou pensando em Júlia, em como ela era diferente e delicada. Durante o almoço, ele comunicou a Beatriz que havia decidido voltar ao Rio com Alice no domingo, Bia se mostrou muito triste por perder a companhia, mas sabia que os negócios precisavam da sua presença, por isso não insistiria para ele ficar.

No sábado, Beatriz trabalhou durante o dia e Marck teve que ficar sozinho com Alice. Ela acordou tarde e não quis almoçar, pois já havia comido demais no passeio do dia anterior e em sua profissão precisava manter a forma. A tarde ele reuniu as crianças para brincar e se despedir, ela não quis participar, pois estava

fraca demais para correr.

— Porque a Tia Júlia não vem hoje? - arriscou Vitor.

— Não sei! Acho que ela não gosta mais de brincar com a gente - Marck observou tentando dar uma desculpa.

— Você brigou com ela?

— Não! - ele ficou pensativo. — Ela que brigou comigo.

— Às vezes eu também brigo com meus amigos e depois a gente pede desculpas.

— Eu já pedi, acreditem, mas ela não quis me ouvir - ele falava com as crianças abaixado, com as mãos nos joelhos - Vamos lá gente, do que vamos brincar hoje?

— Se você quiser eu posso falar para ela que o senhor se arrependeu - disse uma das garotinhas abraçando ele pelas pernas.

— A gente vai chamar ela! – as crianças gritaram em coro.

—Não! Não! Não podemos fazer isso - e engrossando a voz para dar um ar de mistério ele continuou — O marido dela é perigoso e...

— Ele não veio esse final de semana - Vitor o interrompeu cruzando os braços.

— Como você sabe disso? - Marck perguntou interessado.

— É que minha vó trabalha na casa dela. E disse que o Sr. Jackson viajou esse fim de semana por isso ela ia dormir no trabalho com a dona Júlia.

Marck hesitou, porém a vontade de vê-la era maior, não queria deixar Trindade sem vê-la novamente, então encheu a camionete com as crianças para tentarem trazer Júlia. Quando ligou o carro, Alice correu em sua direção dizendo que iria também, ele tentou em vão persuadi-la a ficar, dizendo que voltariam logo, mas ela insistiu.

Nani atendeu o portão admirada com a visita do neto e dos amiguinhos, acompanhados do que ela achou um casal muito simpático.

— Ela está lendo no quarto, não sei se vai recebê-los Vitor.

Júlia ficou surpresa, não achou que Marck seria capaz de se atrever indo até ali, ela hesitou um pouco, mas a curiosidade em saber quem estava com ele foi maior, então desceu para recebê-los.

As crianças estavam todas sentadas comportadas no sofá, como fora solicitado por Nani, com a ajuda de Marck, e não se contiveram em vê-la descendo as escadas, correndo ao seu encontro. Ele também sentiu uma enorme vontade de correr e abraçá-la, porém, apenas deu um sorriso encantador, feliz por vê-la. Ela olhou curiosa para Alice.

— Oi Júlia, desculpe o atrevimento, é que vou embora amanhã e resolvi reunir as crianças para brincar. Elas insistiram em vir buscá-la - Marck foi se adiantando e falando tudo correndo, parecia um pouco nervoso.

— Vamos, tia Júlia. Por favor! - elas suplicaram.

Júlia sorriu para elas de forma delicada e antes que falasse alguma coisa, ouviu Alice dizer:

— Que belo piano você tem, sabe tocar? Nós não nos conhecemos ainda, eu sou Alice, estou com o Marck - disse se aproximando para cumprimentá-la.

Júlia não pode acreditar, ele devia ter feito isso de propósito! Num instante, ela quis dizer às crianças que não iria, mas era boa demais para dar lhes essa decepção. Marck quis grudar no pescoço de Alice. Como pode ser tão bobo? Porque não a apresentou logo como sua amiga? Devia saber que ela falaria alguma besteira.

— Prazer Alice! - Júlia falou educadamente retribuindo-lhe o cumprimento. — Eu toco sim, não muito bem, mas toco.

Vitor que escutava a conversa desmentiu Júlia.

— Ela toca muito bem sim. Vovó sempre diz que chora quando Dona Júlia está no piano.

Júlia olhou para trás estranhando a observação.

— Você nunca me disse isso antes Nani!

— Pode tocar para gente agora? - Vitor continuou.

— Acho que não Vitor - e pegou o garoto no colo. — Senão vamos nos atrasar para a brincadeira.

Antes de sair, Júlia ainda solicitou a Nani que fizesse um bolo de chocolate para comerem quando voltassem mais tarde. Nani ficou surpresa com a novidade, nunca recebiam ninguém naquela casa, mas isso parecia deixar Júlia feliz e Jackson nunca saberia.

— Ebaaaa! - as crianças gritaram.

Todos sorriram e resolveram voltar para praia, como não cabiam todos na caminhonete, Júlia desceu com as crianças pela trilha por trás da encosta, enquanto Marck voltou com Alice de carro.

— Você gosta dela não é Marck?

— De onde tirou essa idéia? Ela é casada.

— Isso não importa, eu vi como ficou, quase a despindo com os olhos. Por isso parece tão distante.

— Você está louca Alice! — ele dizia mentindo para si mesmo.

Na praia eles brincaram, com as crianças, quase sem conversar. Seus olhares já diziam por si mesmo. Alice entrou para se deitar, como não havia comido nada, estava com dor de cabeça. Passado duas horas, Júlia achou melhor voltarem para saborear o bolo da Nani. Para alívio de ambos, Alice não quis ir junto, pois não podia comer doce.

Marck parou no portão vendo as crianças entrarem felizes.

— Se quiser, eu posso esperar do lado de fora - ele falou receoso.

— Não seja bobo, não estou mais brava com você. Entre!

Ele entrou meio tímido, tentando encontrar algo que representasse ela na casa. Na cozinha, as crianças já comiam o bolo de Nani.

— Porque nunca me disse que tocava piano?

— Você nunca me perguntou.

— Engraçadinha... - ele disse apertando os olhos. — Toca para mim?

— Ah não!... não sei se consigo.

Ele fez uma careta, implorando e ela cedeu. Sentando-se ao piano tocou “My Immortal”. Aos poucos, a música encheu o ambiente, atraindo as crianças, acompanhadas de Nani com os olhos marejados. Enquanto ela deslizava as mãos sobre o teclado, Marck observava encantado. Os últimos raios de sol entravam sorrateiros pelas cortinas da sala que balançavam com a suave brisa do mar e iluminavam sua face, deixando-a delicadamente mais bela. Quando a música acabou, eles aplaudiram e Marck segurou suas mãos, beijando-as.

— Foi maravilhoso! - disse enquanto a olhava como se quisesse guardar a sua imagem para sempre.

Ficaram alguns instantes em silêncio e Júlia se levantou encabulada, sentindo o rosto queimar.

— Crianças! Acho que devemos ir. Júlia e Nani precisam descansar.

— Obrigado Marck! Por trazer as crianças - Nani se aproximou. — Devia levar um pedaço de bolo, você nem comeu.

— É verdade Nani, mande um para Beatriz e.... como é mesmo o nome da sua namorada?

— Alice, é uma amiga na verdade - ele quis se explicar.

Marck pegou a vasilha com o bolo e foi saindo, acompanhado de Júlia e Nani com as crianças. Enquanto Nani as acomodava no carro. Eles se despediram.

— Eu peço desculpas novamente, por aquele dia, acho que estraguei tudo, não é mesmo?

— Você não tem culpa Marck! Eu sou complicada mesmo.

Ele deu-lhe um beijo no rosto e a abraçou suavemente, podendo ver que seus olhos estavam marejados.

— Vou sentir saudades - ele disse.

Ela balançou a cabeça, concordando. Não conseguia dizer nada, apenas ficou olhando aquele homem que despertara nela um sentimento tão profundo. Jamais poderia viver esse sentimento, era bom saber que ele iria embora, pois não queria lhe causar problemas.

Nani, que escutava tudo, permaneceu calada, entristecida pela cena. Marck se despediu dela.

— Oh seu Marck, foi muito bom conhecê-lo! - ela o abraçou, tentando conter o choro.

Ele partiu com o coração despedaçado. Um sentimento estranho de perda tomava conta dele. O que perdera afinal? Nem chegara a dormir com ela? Pela primeira vez em toda sua vida havia fracassado em uma conquista e isso mexia com seu orgulho, ao mesmo tempo sentia que não era apenas isso. Queria abraçá-la, confortá-la e protegê-la. Não conseguia pensar em outra coisa, que não fosse Júlia. Sua vida no Rio de Janeiro certamente seria difícil de voltar ao normal.

Capítulo 15

Segunda-feira, já no escritório, Marck foi recebido com euforia.

— Marck! E aí? Bom te ver! - Ruan entrou em sua sala abraçando-o.

— Também estou feliz em voltar.

— Você está com uma aparência ótima! - ele tentava animá-lo e sentou-se na cadeira à sua frente. — Me conta como foi com a Alice?

— Alice? Cara você me botou numa fria. A garota é mimada, cheia de nove horas, com a cabeça vazia..., há e o estomago também, não come nada. Além disso, não quis de jeito nenhum viajar com o Dallas no carro, eu tive que deixá-lo. Vou ter que voltar para buscar ele no fim de semana.

— Mas... como ela é na cama? - ele falou achando meio estranho as observações do amigo.

— Humm! Na cama? - Marck olhou malicioso sorrindo. — Ela foi muito boa! Mas você sabe, que isso não é tudo que importa.

Ruan deu um sorriso sarcástico

— Eu não acredito. Não foi você quem sempre falou “Não importa o que saem da boca delas, só importa como se saem na cama!”

— Eu disse isso!? - Marck franziu a testa.

— Pode crer!

Ele levantou as sombrancelhas enquanto rabiscava uma folha, se distraíndo com a caneta e virou a cabeça levemente suspirando — Acho que estava errado.

— Ei, o que aconteceu? Você está diferente.

— É que... eu conheci uma garota!... uma mulher na verdade! - Marck queria dividir seus sentimentos com alguém e Ruan sempre foi seu melhor amigo, achou que seria um bom ouvinte.

— Aaaaah! Eu sabia que devia haver algum motivo para você demorar tanto naquele lugar! Me conta, como ela é?

— Ela é diferente das outras, linda, delicada, sensível, inteligente...

— E na cama? Você transou com ela né? - Ruan o interrompeu apressado, cortando-lhe os pensamentos.

Marck olhou para ele pensando “acho que criei um monstro.”

— Você só pensa em sexo Ruan! Não, eu não dormi com ela! Ela é casada - ele afirmou olhando para o amigo.

— E qual o problema? Já levou outras mulheres casadas para cama. Lembra da esposa do Dr. Marcel? Ela ficou louca por você.

Ele se lembrou com tristeza do affair que tivera com a esposa de um cliente.

— Sabe, eu acho que me arrependo do que fiz - confessou ao amigo. — Além disso coloquei o nome da empresa em risco.

— Ahh... - Ruan ralhou com ele. — Não posso acreditar! Leve-a para cama Marck e vai ver como vai voltar ao normal – e dizendo isso ele se levantou e saiu da sala para pegar alguns relatórios e contratos que tinha fechado para mostrar ao amigo.

Quando voltou, colocou as pastas sobre a mesa e começou a explicar a Marck o que havia se passado durante sua ausência. Percebeu que ele estava distante.

— Ei cara! Você tá me ouvindo?

— Desculpe, acho que estava distraído, pode continuar.

— Quer saber de uma coisa Marck, eu menti para você, está com uma aparência horrível, eu acho que você devia comer ela de uma vez, assim você desencana!

— Quer parar de falar assim! - ele se irritou.

— Porque? Você resolveu dar uma de samaritano agora? Transe com ela e vai ver como vai se sentir melhor!

— Ruan, por favor, para, sai daqui!

— Eu só to querendo ajudar...

— Sai daqui, agora! - ele disse alterado, lhe indicando a porta.

— Mas eu nem comecei a lhe mostrar os relatórios.

— Eu posso ver os papéis sozinho, se tiver alguma dúvida lhe chamo depois - Marck se levantou e foi até a porta abrindo para ele. — Por favor, saia!

Vanessa olhou curiosa a atitude de Marck. Ruan saia da sala sob protestos, tentando se desculpar e Marck, pediu para que ele ficasse quieto.

— Ei, chiii, você está ouvindo? - Se aproximou da mesa de Vanessa e perguntou
— Você está ouvindo música?

— Oh! Me desculpe Marck, não pensei que pudesse atrapalhar! - ela foi desligar o rádio correndo.

— Não faça isso, por favor, aumente o som.

Eles olharam intrigados.

— Você sabe que música é essa? - perguntou a Vanessa.

— Humm? My Immortal? - ela respondeu um pouco insegura.

— Não acredito! - Ruan se intrometeu na conversa. — De que planeta vocês são Heim? Marck você não se lembra? “Emy Lee” no Rock in Rio ano passado. Morena “sexy” ao piano...

— Acho que não fui nesse dia - ele respondeu evasivo, enquanto tentava escutar a letra da música que era a mesma que Júlia tocara.

— Pois eu acho que você estava fazendo aquilo que faz melhor. Azarando alguma gatinha - Ruan lhe provocou.

— Me faça um favor Vanessa - Marck disse tirando algum dinheiro da carteira, não dando importância ao comentário — Vá ao shopping e compre esse CD para mim.

— Eu posso ir... na minha hora do almoço – ela disse meio sem jeito.

— Você não entendeu Vanessa, eu estou dispensando você, pode ir agora.

— E quem vai atender ao telefone? – Ruan perguntou achando muito estranho a atitude do amigo.

— Você atende! – e dirigindo-se a Vanessa que estampava um sorriso vitorioso para Ruan, completou — Pode ir!

Ruan sentou irritado na mesa da secretaria, Marck se fechou no escritório e Vanessa saiu para concretizar sua missão. Quando voltou, horas depois, satisfeita com o CD na mão, entregou a Marck curiosa.

— Desde quando se interessa por música?

— Essa é muito especial. Obrigada! – ele disse pegando o CD.

— Fico feliz em poder ajudar.

No final do dia ele voltou para casa escutando o CD, a música tocava, trazendo a imagem de Júlia ao piano. Seu sorriso, seus cabelos, seu perfume, não conseguia se concentrar em nada, só pensava nela. E quanto mais ouvia, mais ele queria ouvir a música, talvez Ruan tivesse mesmo um pouco de razão, mas o modo vulgar como ele dizia não combinava com ela. Ele estava louco de paixão, de desejo, de um sentimento tão confuso que nem ele sabia como definir. Só o tempo lhe daria a resposta que precisava.

Evitou a presença de Ruan o restante da semana, almoçou com sua mãe quase todos os dias, e voltar para casa também era um tormento sem a companhia do seu velho amigo Dallas. A semana se arrastava. Até tentou se divertir em um barzinho, no final do expediente, mas sentia um grande vazio, apesar de rodeado de amigos, ele se sentia sozinho.

Ligou para Beatriz para ver como Dallas estava.

— Oi Bia, é Marck!

— Oi, Don Ruan, como foi voltar a realidade?

— Estou bem! Como vai o Dallas?

— Ahh?? Pensei que tinha esquecido do pobrezinho. Acho que está sentindo sua falta, pois arranhou toda a porta da sala na noite em que fiz plantão.

— Me desculpe. Eu pego ele no final de semana e dou um jeito na sua porta.

— Não precisa se preocupar. Eu tenho plantão de novo na sexta-feira a noite.

— Não entendo, porque dá tantos plantões? Precisa curtir um pouco. Sair às vezes faz bem viu?

Beatriz riu. – Marck, eu gosto de atender no Pronto Socorro, é como uma escola de medicina, a gente vê de tudo, é assim que me mantenho atualizada, além disso, não consigo me manter só com a bolsa da residência.

— Você quem sabe. Vou tentar ir na sexta-feira mesmo depois do expediente, assim durmo com Dallas e no sábado arrumo a sua porta.

— Já lhe disse para não se preocupar com a porta, venha quando quiser.

Eles se despediram com um beijo e Marck ficou pensando em ir na sexta-feira, depois do almoço. Talvez tivesse a sorte de ver Júlia novamente. Pois no final de semana, sabia que era muito difícil ela sair de casa, com a presença do marido.

Capítulo 16

O fim de semana chegou com temperaturas baixas e previsão de tempestades. Preocupada com o tempo, Júlia deu folga para Nani, sabia que ela se sentiria melhor se estivesse com a família e não tinha certeza se Jackson viria, uma vez ele que detestava esse tempo.

Por volta de 11:00 hs de sexta-feira, Júlia já havia se recolhido e tentava ler, apesar do barulho da chuva que batia insistentemente em sua janela, quando escutou o carro de Jackson chegando. Apagou as luzes e fingiu dormir, na esperança de que ele não a importunasse.

Minutos depois, Jackie abriu a porta de seu quarto e acendendo a luz, se dirigiu a ela dizendo:

— Levante-se Júlia, eu trouxe uma pessoa que vai lhe ensinar algo muito importante.

Olhou curiosa para a jovem que o acompanhava enquanto ele a apresentava.

— Está é Sharon, ela vai lhe ensinar como dar prazer de verdade para um homem! Ela é muito boa nisso!!

Jackie cheirava bebida e falava alto. Sharon sorriu, revelando os dentes da frente um pouco separados, e passou as mãos na cabeça, enrolando seus cabelos ruivos.

— Tire sua roupa Júlia! - ele gritou, enquanto tirava as calças.

Júlia hesitou e Jackie lhe mostrando a cinta, disse rispidamente

— Anda logo, não quero lhe bater hoje!

Sharon se sentia importante, sorria à toa, pois Jackie a levava para conhecer sua mansão.

Assustada, temendo o que estava por vir, Júlia se levantou e tirou as roupas.

Jackie se sentou na borda da cama, vestindo apenas a camisa e pediu a Júlia que se sentasse ao lado dele, em seguida disse a Sharon

— Agora mostre a ela!

A moça também se livrou das roupas e ajoelhando-se na frente de Jackie segurou-lhe o pênis e começou a chupar-lhe o membro.

Enquanto ele gemia de prazer, passava as mãos no corpo de Júlia, procurando

excitá-la avidamente. Com o membro já bem rígido, ele gritou:

— Agora chega, chega senão vou gozar - e puxando Júlia pelos cabelos, ele falou - Agora é sua vez minha boneca, vem com o papai!

Sharon se levantou e tomou o seu lugar na cama, enquanto Jackie obrigava Júlia a se ajoelhar. Ela chorava, não queria fazer aquilo.

— Vamos lá garota, é só fechar os olhos - disse Sharon tentando encoraja-la. — Depois você vai gostar!

Júlia tentava em vão tirar as mãos de Jackie de sua nuca, que a forçava a se ajoelhar, mas foi vencida pela força do marido. Ela enjoou, sabia que se não fizesse isso ele a espancaria, então fechou os olhos, entreabriu os lábios e quando se aproximou dele, não conseguiu se controlar e vomitou.

— O que é isso! - ele gritou irritado.

Derrubou-a no chão com os pés e em seguida atingiu-lhe o ventre com uma cintada. Enfurecido, Jackie batia nela com a cinta, esbravejando como um louco, enquanto ela tentava se proteger dos golpes encolhida no chão.

Sharon acompanhava a cena assustada. Penalizada com a moça, tentou intervir, segurando nos braços de Jackie.

— Calma Jackie, calma! Vamos tomar um banho juntos, que eu te limpo todinho e te deixo no ponto de novo.

Cansado de bater, ele largou a cinta e segurou nas mãos de Sharon, saindo do quarto em seguida, em direção aos seus aposentos.

— Venha boneca, essa aí não vai servir para mais nada hoje! E trate de arrumar essa bagunça! - ele gritou do corredor para Júlia.

Ela se levantou com dificuldade e caminhou até o banheiro se limpando com uma rápida chuveirada. Lágrimas corriam de seus olhos, nervosa ela soluçava. Os gritos de Jackie ainda soavam em seus ouvidos. Lembrava das agressões que sofrera desde o dia em que se casara com ele. As cenas passavam em sua mente como um filme de terror. Não podia continuar assim, tinha que ter uma saída, um acordo para não prejudicar os estudos de Carlos. Resignadamente ela havia sacrificado sua vida, para ajudar sua família, casando-se com um homem que não conhecia, nunca teria a chance de ter um amor verdadeiro que lhe trouxesse a felicidade. Não suportava mais viver essas agressões. Talvez se tivesse conseguido engravidar, tudo teria sido diferente, ou poderia ter sido pior, pensou ela, imaginando Jackie espancando o filho, como fazia com ela. Ele jamais lhe daria o divórcio. Já havia lhe dito que preferia vê-la morta à deixa-la partir.

Júlia não parava de chorar, vestiu-se automaticamente. Através da camisola e penhoar de seda brancos, ainda se podia ver as marcas das agressões em seu corpo. Olhou entristecida para elas, saiu devagar do quarto. Do corredor podia ouvir a voz de Jackie se divertindo com a garota.

Descendo as escadas, saiu de casa e pelos fundos do quintal alcançou a trilha pela encosta que dava na praia. A noite estava muito fria, o vento gelado e a chuva cortante atravessavam-lhe a camisola congelando-lhe o corpo, mas ela não

se importava, precisava andar, pensar, fugir, precisava sumir! Por duas vezes ela cambaleou e caiu na areia. Na segunda vez pensou, porque não desisto?... O vento me derruba e eu levanto, eu apanho e sempre dou a outra face. Você venceu Jackie não vou mais levantar, não vou mais lutar contra você... Nada mais importa....

Capítulo 17

Marck estava sozinho deitado no sofá da sala com um cobertor, perdido em seus pensamentos. Chegara mais cedo na esperança de ver Júlia, mas o tempo frio e chuvoso acabara com sua expectativa. Dallas que havia se deitado perto da lareira, caminhou em direção a porta e começou a latir para ele, impaciente.

— Ah não? Hoje está muito frio para você dar uma volta amigão.

Dallas insistia arranhando a porta.

— Está bem, está bem - Marck se levantou e com a coberta nas costas, foi abrir a porta para que Dallas pudesse dar uma volta no quintal.

— Vai rápido rapaz, senão vamos congelar - e ficou observando-o da varanda.

Dallas correu em direção ao portão e continuou latindo insistentemente. Marck pensou. “O que será que esse cachorro tem?”

Correu os olhos pela orla e pode observar que uma pessoa caminhava pela praia há mais ou menos uns 100 metros. Quem faria isso numa noite fria como essa? Talvez alguém estivesse em apuros. Um frio percorreu-lhe a espinha ao pensar que poderia ser Júlia. Teve um mal pressentimento. Desceu as escadas correndo e ao abrir o portão, Dallas saiu em disparada em direção a moça.

Marck podia ver as roupas claras balançando com o vento. “Deve ser ela mesmo”, pensou.

— Júliaaaa!! - ele gritou enquanto tentava alcançá-la.

Júlia não conseguia ouvir nada, o vento gelado batia em seu corpo dolorido e seus sentidos iam congelando. Só queria se livrar daquela dor, da humilhação que sentia, não podia mais suportar. Um dia Carlos certamente iria perdoá-la, Jackie não poderia fazer nada contra ele, nada mais nessa vida importava para ela. Sem conseguir pensar direito, colocou os pés na água fria e começou a entrar no mar.

Marck se desesperou ao ver que ela entrava na água.

— Júliaaaa! Júlia NÃO!! - ele gritava enquanto corria.

Dallas já a havia alcançado e latia freneticamente na areia. O mar estava revoltado, as ondas batiam fortemente no corpo ferido de Júlia e suas lágrimas se misturavam com as águas salgadas molhando seu rosto. Não conseguia mais sentir, nem ouvir nada, um torpor tomou conta de todo seu ser e ela perdeu os

sentidos.

Marck viu quando ela afundou e se apavorou, faltava ainda alguns metros para alcançá-la. Ele mergulhou em vão tentando encontrá-la. As ondas frias castigavam-lhe o corpo e não conseguia enxergar nada. Uma sensação de derrota tomou conta dele. “Porque? Porque?” Ele se perguntava desesperado e quando tudo parecia estar perdido, uma onda arrastou o corpo de Júlia em sua direção.

Após muito esforço, ele conseguiu tirá-la da água e deitá-la na areia. Ela estava inconsciente, sem pulso, as marcas no corpo revelavam as agressões que sofrera.

“Oh Deus me ajude!”, ele pensou.

Ajoelhado, começou a fazer massagem cardíaca e respiração na jovem. Desejou que Beatriz estivesse por lá, certamente ela saberia o que fazer. Após alguns minutos que para ele pareceram uma eternidade, Júlia reagiu, tossindo e vomitando um pouco de água, Marck suspirou aliviado “Graças a Deus!”. Ele tremia de frio, o corpo de Júlia também estava gelado, seus lábios levemente roxos e ela parecia não estar nada bem.

Então ele a tomou em seus braços e a levou até a casa de sua prima. Precisava levá-la ao hospital, mas não estava em condições de dirigir. Devido ao frio que sentia, mal conseguia caminhar direito, tremia muito e estava exausto. Levou Júlia até o banheiro, ligou o chuveiro quente e ficaram ali embaixo da água. Marck a colocou em pé, mas a amparava com os braços. Pediu para ela se apoiar na parede e rapidamente se livrou das roupas molhadas com uma das mãos, a outra sempre estava a apoiar Júlia. Ele também tirou as roupas dela e a abraçou, amparando-a de maneira confortável. Ela não dizia uma palavra, parecia confusa, com medo, e sentia muito frio.

– Não tenha medo, precisamos nos aquecer, a água estava muito fria - ele falou baixinho.

Dez minutos de chuveiro e Marck já se sentia muito bem, o mesmo não podia se dizer de Júlia, sua cabeça doía e mal conseguia ficar em pé, devido ao mal estar que sentia. Ele a deixou apoiada na parede e foi até o quarto se enxugar, em seguida trouxe uma toalha e envolvendo-a com a mesma, colocou-a delicadamente na cama sobre os travesseiros. Enquanto se vestia, pode observar que ela tremia e chorava baixinho. Ele foi a cozinha e lhe preparou uma bebida quente, sentou-se ao seu lado na cama e acariciou suas mãos, ela não conseguia se conter e lágrimas corriam soltas pelo seu rosto.

Marck segurou sua face, voltando seu rosto ao dele e passou os dedos suavemente, tentando lhe enxugar.

— Por favor, não chore mais! Agora está tudo bem... - sussurrou — Não vou deixar que nada lhe aconteça.

Seus olhos se encontraram e eles estavam ainda mais claros devido as lágrimas, sua boca entreaberta e a respiração suave. Ele não pode resistir e colou os lábios nos dela. O beijo começou terno, tímido, mas foi se intensificando. Júlia sentiu o coração bater descompassado. O calor do corpo de Marck ia aquecendo o seu, enquanto seus lábios iam tomando sua boca e roçando-lhe a pele. Não conseguia pensar direito, ela não queria pensar, apenas sentir. Todas as dores de seu corpo se esvaíam, restando apenas a doce sensação de estar sendo amada. Marck a seduzia lentamente, lhe acariciando, beijando, explorando seu corpo. Seus gemidos eram abafados por beijos cada vez mais provocantes. Por um instante ele segurou seus cabelos pela nuca e voltou seu rosto ao dele, como se perguntasse se devia parar. Júlia agarrou-se ao seu corpo, deixando-se guiar por suas vontades, ele sussurrou seu nome e ela estremeceu em seus braços ao

mergulhar no êxtase que ele lhe proporcionava.

Capítulo 18

A tempestade cedeu, mas o vento forte e gelado ainda agitava as águas do mar, trazendo ondas que castigavam as pedras da encosta. Uma brisa fria e discreta que vencia as frestas da janela do quarto balançava as cortinas delicadas.

Júlia despertou com suaves beijos que percorreram suas costas e pousaram em sua nuca, fazendo-a sorrir mesmo antes de abrir os olhos.

— Oi...- ela disse tímida.

— Oi - ele respondeu sorrindo. — Me desculpe por acordá-la. É que Beatriz já vai chegar e não quero que se sinta constrangida.

— Tem razão, tudo bem...

Júlia sentou na cama e se cobriu com os lençóis, quando percebeu que estava nua. Ele sorriu, observando sua atitude.

— Preparei um café para você. Não sou muito bom nisso, mas fiz o que pude.

Ela olhou docemente para a bandeja que Marck havia colocado na mesa ao lado da cama e observou que havia algumas flores com o café.

— Foi muito gentil de sua parte - disse pegando uma flor. - Só que estou um pouco enjoada e... acho que não vou tomar o café. Preciso ir para casa antes que alguém venha me procurar.

Marck ficou atônito.

— Não posso acreditar no que estou ouvindo.

— Eu preciso ir - ela frisou.

— Júlia não sei o que aconteceu realmente com você ontem, mas isso quase a matou e não vou permitir que volte para lá.

— Eu não tenho para onde ir..., além do mais é lá que eu moro - disse com a voz entristecida.

— Eu posso arrumar um lugar para você ficar, até as coisas se acalmarem.

Ela olhou para ele balançando a cabeça.

— Jackie me acharia de qualquer forma. Eu preciso ir...

Júlia se levantou e quase caiu, devido a tontura que sentiu. Marck correu para ampará-la.

— O que você tem? Não está se sentindo bem?

Ela suava frio.

— Não... preciso ir ao banheiro.

Ele a ajudou e ela vomitou envergonhada enquanto ele a amparava preocupado.

— Júlia me desculpe pela noite, eu não devia...

Ela o interrompeu, colocando as mãos em seus lábios.

— Não diga isso, por favor..., foi maravilhoso!

— Não, eu devia tê-la levado para o hospital e é isso que vamos fazer agora.

Júlia não contestou, pois além de enjoada sua cabeça doía.

Marck a ajudou a se banhar e se vestir com roupas de Beatriz, depois deixou-a esperando no sofá enquanto se arrumava. Já passava de 6:00h da manhã. Ele resolveu ligar para Beatriz avisando que iam para Paraty juntos.

— Bia é Marck!

— Marck?! Algum problema? – Bia estranhou ele estar ligando aquela hora.

— É que Júlia teve um acidente e estou levando-a para o hospital.

— O que? O que aconteceu? Ela está bem?

— Não precisa se preocupar ela está bem, ou melhor, não muito...

— Marck pelo amor de Deus fala logo! O que aconteceu? Posso falar com ela?

— Não! Quer dizer, ela pode falar sim, só que está dormindo agora. Ela tentou se matar... - ele disse baixinho.

— Eu não estou entendendo?!

— Bia! Estamos perdendo tempo, eu vou desligar e depois a gente conversa. Ok?

Beatriz ficou apreensiva, afinal o que teria acontecido, chamou dois enfermeiros e ficou de prontidão no Pronto Socorro. Trindade ficava apenas uns 25 minutos do hospital, logo eles chegariam e ela queria socorrê-la o mais rápido possível.

Júlia adormecera novamente no sofá, Marck a carregou até a camionete, ela estava fria e pálida. Dormiu por todo o caminho. Ele estava encantado, preocupado, nervoso, um turbilhão de emoções tomava conta dele, ora estava feliz por ter feito amor com ela, ora sentia raiva pelo que tinha feito, ora queria ficar olhando para ela até o dia amanhecer, ora queria chegar logo ao Hospital para deixá-la para trás.

Quando chegaram os enfermeiros rapidamente a colocaram na maca e a levaram.

— Pelo amor de Deus Marck o que aconteceu? - Bia falava enquanto ia examinando Júlia. Estava com a pressão baixa, por isso estava sonolenta.

— Não sei direito, ela tentou se matar, eu acho.

— Como assim?

— É... ela entrou no mar, estava se afogando.

— Com esse tempo?

— Pois é, por sorte Dallas estava impaciente e eu o soltei, aí pude vê-la na praia.

— Ela ficou inconsciente?

— Sim, eu fiz massagem cardíaca e respiração, e ela voltou. Há e vomitou também.

— Por quanto tempo?

— Não sei ao certo... uns 5 ou 10 minutos talvez.

— À que horas foi isso?

— Sei lá, mais ou menos uma, uma e meia da manhã.

Bia estava agitada, solicitou que aplicassem uma medicação em Júlia para regularizar sua pressão e em seguida a encaminhassem ao RX para um exame de tórax. Enquanto os enfermeiros a conduziam, Beatriz chamou Marck num canto da sala e com o olhar fixo em seus olhos, perguntou de modo desconfiado.

— E porque demorou tanto para trazê-la?

Ele sorriu encabulado, dizendo...

— É que dormimos.

— Dormiram? Como assim?

— Olha Bia! Estava muito frio! Tivemos que jogar uma água quente no corpo e... você sabe... acabamos...

— Marck Tuner! Está querendo me dizer que transou com ela, depois que a salvou ?

Ele consentiu, procurando se explicar:

— Me desculpe, sei que não foi certo, mas...

— Mas o que? - ralhou Beatriz.

— A gente não pode se controlar - disse desolado.

— A gente... Marck! tem noção do que ela podia estar sentindo. Ficou inconsciente, sofreu agressões, estava confusa. Isso se chama estupro, sabia? - Beatriz se levantou, estava alterada e gritava com ele.

Ele ficou sem reação.

— Não consigo nem olhar na sua cara! - e saindo do consultório bateu a porta na cara dele e foi verificar como Júlia estava.

A equipe de enfermagem já a havia acomodado em um quarto e ela estava deitada, quando Beatriz entrou.

— Me desculpe! - falou envergonhada.

— Não precisa se desculpar - Beatriz sentou-se ao seu lado da cama e passou as mãos em seu rosto — O que aconteceu?

Júlia abaixou os olhos.

— Eu... estou cansada - conseguiu dizer.

— Não precisa dizer nada, eu vou estar aqui se quiser conversar, mas, por favor, não faça mais isso! Não desista... - Beatriz se emocionou e Júlia a abraçou.

— Obrigada por estar aqui!

Alguns minutos de silêncio e Bia começou a examiná-la novamente, esperava o resultado dos exames que havia solicitado e queria saber se ela se mantinha estável. Tirou a temperatura, auscultou os pulmões e o coração tudo de novo. Júlia permaneceu quieta. Ela parecia preocupada.

— Precisamos avisar Jackie que você está no hospital, talvez tenha que ficar por alguns dias, você pode desenvolver alguma infecção, é melhor que tome antibióticos para prevenirmos - Beatriz olhou nos olhos de Júlia e completou: — Gostaria de manter você longe desse monstro por algum tempo.

Júlia consentiu pacificamente, nada mais importava para ela. Beatriz se levantou dizendo:

— Vou telefonar para ele agora. Sente-se melhor?

— Acho que sim...

— Júlia, se não estiver se sentindo bem, não hesite em mandar me chamar ok? Procure descansar, acho que teremos um dia cheio.

Assim que saiu do quarto, Bia avistou Marck ansioso encostado na parede do corredor, ela jogou uma caneta que tinha nas mãos em direção a cara dele dizendo.

— Eu te odeio por isso! Vem comigo, também quero te examinar.

No consultório Marck disse não precisar, mas ela insistiu, afinal ele havia entrado na água com aquele frio e como já tinha tido problemas cardíacos, achava melhor examiná-lo.

Aparentemente ele estava bem, Beatriz recomendou alguns exames para se certificar.

— Satisfeito agora? - ela disse.

— Não estou arrependido, se é isso que quer saber!

Bia sentiu vontade de socá-lo.

— Marck as coisas já são bem complicadas para Júlia, acho que a melhor coisa que tem a fazer é voltar para casa e esquecer o que aconteceu. Vai ser melhor para os dois.

— Esta falando comigo como se eu tivesse cometido um crime. “Hello!!” Eu a salvei, se lembra! - ele disse tentando se defender.

— E cobrou caro demais por isso! Devia se envergonhar... Você continua o

mesmo, não sossega enquanto não levar todas as mulheres bonitas que conhece para a cama.

— Bia! Não quero mais falar sobre isso. Eu lamento o que aconteceu, mas não posso voltar atrás e corrigir as coisas. Agora estou cansado demais para pensar. Vamos embora, você já está pronta?

Beatriz pensou um pouco antes de responder.

— Eu não vou..., vou ficar por aqui mesmo, prefiro acompanhar o estado de Júlia nessas primeiras horas.

— Você quem sabe então - ele vestiu seu casaco e guardando os pedidos de exames se despediu solicitando a ela que mandasse notícias. Já estava na porta quando Bia o chamou.

— Ei, Marck você podia ao menos se despedir dela?

— Posso? Não vai ralar comigo?

— Vamos - disse Bia já conduzindo-o ao quarto. – Acho que isso vai fazê-la se sentir melhor.

Assim como Beatriz previu, Júlia ficou feliz ao vê-los entrar.

— Marck veio se despedir.

Ele se aproximou da cama.

— Você parece melhor agora!

— É estou... – sua face se ruborizou

— Bom, eu preciso ir... – antes que terminasse a frase, a porta se abriu, revelando a figura de um rosto conhecido. Era o jovem Gustavo Rocha, que Beatriz havia conhecido no aniversário do Prefeito.

— Gustavo? O que faz aqui?

— Oi Bia! - disse meio sem jeito. — Eu vim para conversar com a Sra. Marques.

Beatriz ficou intrigada com o que ouviu.

— Você conhece Júlia?

— Desculpe Bia, faz parte de meu trabalho, estou investigando o marido dela.

— Está querendo me dizer que se aproximou de mim por causa de Júlia?

— Não é isso Bia, quer dizer no começo sim, eu a investiguei e sabia que era médica dela, por isso me aproximei. Só que as coisas mudaram, quando te conheci. Eu gosto de você.

— Há sim... - ela disse irritada.

Marck e Júlia tentavam acompanhar a conversa para entender o que se passava.

— E como soube que ela estava aqui?

— Eu... tenho informantes.

— Você subornou funcionários do hospital para te avisarem caso Júlia estivesse por aqui? Eu não estou acreditando...

— Sinto muito Beatriz. Faz parte do meu trabalho.

— Porque não me contou?

— Eu..., precisava manter a discrição.

— E que se dane o resto! Júlia você não precisa passar por isso, ele não veio oficialmente, não precisa responder nada que não quiser.

— Você está alterada Beatriz, eu não vou forçá-la a nada. Não vim para isso, apenas queria algumas informações sobre o Sr. Jackson, acho que ela poderia ajudar.

— Não! - ela gritou. - Você não está entendendo... Sabe com quem está lidando? - Bia se aproximou da cama e lamentou. — Me desculpe por isso Júlia e levantando sua blusa revelou o abdomen marcado pelas agressões, assim como seus braços e pernas.

— Você tá vendo isso! - ela falou com muita raiva com o olhar fixo nele. — Ele não é só um bandido perigoso, é um marido violento e sua atitude está pondo a vida da minha paciente em risco. Por favor, saia daqui.

— Eu sinto muito Bia...

— Quer que eu coloque esse sujeito para fora Bia? - Marck se adiantou.

Júlia levou as mãos a cabeça, como se estivesse com dor.

— Por favor, vocês parem já com isso - eles ficaram mudos, olhando para ela,

que voltou o olhar para o moço que já estava indo em direção à porta. — Eu vou conversar com o senhor...

— Gustavo. Meu nome é Gustavo - ele se apresentou tímido, ainda acuado com a reação de Beatriz.

Beatriz balançou a cabeça negativamente.

— Júlia, não precisa fazer isso.

— Bia, Marck, por favor, gostaria de ficar sozinha com esse moço.

— Tem certeza disso, você está sob medicação, ainda não está bem - Marck falou tentando convencê-la.

— Eu não tenho nada a perder... - ela disse entristecida.

Vencidos, eles saíram do quarto, deixando Gustavo interroga-la.

— O que você achou disso? - Marck perguntou a Bia.

— Isso não me cheira bem... do mesmo modo que alguém o avisou que ela está aqui poderá contar a Jackie que o viu. Olhe você mesmo - e indicou o corredor.

No corredor do quarto onde Júlia estava, eles encontraram vários enfermeiros que, atraídos pela confusão, ficaram por perto, a fim de saber o que se passava.

— Que droga! O que vai fazer?

— Eu não sei, por hora vou ter que ligar para Jackson para avisar que Júlia ficará internada, depois vamos aguardar e ver o que acontece.

Júlia se desculpou com Gustavo pela confusão que os dois amigos causaram tentando protegê-la e indagou porque estava investigando Jackson.

— Acreditamos que ele mantenha negócios ilícitos no Rio. O que a senhora sabe sobre o serviço dele?

— Bom, Jackie nunca conversa sobre negócios comigo, sei que ele tem casas noturnas no Rio, que viaja sempre...

— Ele possui arma de fogo?

— Sim, claro, uma vez eu o vi carregando uma arma no escritório. Ficou irritado e me disse ser para segurança própria. Desculpe, não acho que esteja ajudando muito Sr. Gustavo, Jackie é muito discreto comigo, sempre me deixa por fora desses assuntos.

— Sra. Marques, acreditamos que o seu marido mantém cassinos clandestinos, as casas noturnas como disse, servem apenas de fachada para o negócio. Ele também mantém contato com algumas facções criminosas, mais precisamente traficantes de drogas, que são distribuídas no mesmo local, se por acaso conseguirmos provas para prendê-lo, provavelmente a senhora também será indiciada como cúmplice.

— O senhor está me ameaçando? - ela ficou indignada.

— Não, não! me desculpe, eu realmente não queria dizer isso, é força do hábito. Por favor, não comente nada com a Beatriz.

— Eu já lhe disse tudo que sei, sinto muito, estou cansada. Júlia queria se livrar dele, na verdade sempre desconfiava que Jackson fazia coisas ilegais, porém já tinha problemas demais com que se preocupar.

— Tudo bem, eu já vou sair, me desculpe novamente. No caso de se lembrar de algo que possa ajudar, por favor me telefone.

Ela consentiu pegando o cartão que ele lhe oferecia e se despediram.

Capítulo 19

Somente na segunda-feira o tempo melhorou, Marck voltou para casa após saber que Júlia estava bem e que teria alta. Dirigiu sem pressa pela estrada, apreciando

a paisagem. Ele estava pensativo, conseguiu realizar seu desejo, satisfez sua paixão, mas a idéia de deixá-la causava-lhe uma incomoda sensação. Tomou uma ducha demorada quando chegou ao apartamento, e seguiu para a agência somente à tarde.

— Marck pelo amor de Deus, o que aconteceu com você? Já ligamos para o seu celular um monte de vezes - Ruan o interrogou.

— Eu esqueci de carregar o celular - ele falou sem dar importância.

— Onde você estava? Esqueceu da reunião com o pessoal da Joalheria do shopping hoje cedo?

— É verdade, o que decidiram?

— Eles cancelaram. Queriam que você estivesse presente.

— Depois eu ligo e me desculpo. O que temos para hoje a tarde Vanessa?

— E só isso, não vai se explicar?

— Ruan, acho que ainda sou o patrão e não preciso lhe dar satisfações.

Ruan saiu da sala irritado, batendo a porta, Vanessa se aproximou e antes de lhe passar o expediente, ela aconselhou.

— Ele está chateado com você, sente sua falta, talvez devessem conversar. Vocês eram tão amigos...

— Tem razão, depois eu converso com ele.

Quase no final da tarde interfonou a sala de Ruan solicitando sua presença. Ao entrar na sala, Marck se adiantou:

— Eu queria pedir desculpas, é que estou cheio de problemas...

— Tudo bem “brother”, eu também exagerei.

Eles deram um toque batendo com as mãos fechadas e sorriram sinalizando que tudo estava bem entre eles.

— O que acha de a gente sair para um barzinho agora?

— Tudo bem, preciso mesmo comer alguma coisa antes de voltar para casa.

Jackson não visitou Júlia no hospital, apenas lhe enviou flores com um cartão se desculpando pelo ocorrido, dizendo que iria compensá-la. Quando teve alta na segunda-feira, ele mesmo foi buscá-la e ao chegar em casa, foi recebida com um almoço especial. Ao sentar-se a mesa, notou que havia um envelope sob seu prato.

— O que é isso?

— Abra meu amor, é uma surpresa para você.

Ela abriu, dentro havia duas passagens aéreas com destino a Paris.

— Eu... Jackie você não devia... - ela procurava as palavras.

— Nós vamos para Paris meu amor. Achei que iria gostar. Precisamos de um tempo sozinhos para tentarmos nos entender.

Júlia suspirou, ainda se sentia confusa com tudo que acontecera e voltar para casa era como acordar de um sonho bom e perceber que isso não lhe pertencia. Ela não queria viajar.

— Nós vamos na sexta-feira. Você terá tempo para arrumar suas coisas. Eu vou tirar umas férias, só preciso de uns dias para deixar as coisas encaminhadas durante minha ausência.

— Quanto tempo vamos ficar?

— 20, 30 dias, quanto tempo você desejar. Está feliz?

— Sim - respondeu vagamente, não tinha outra alternativa, senão concordar.

Aquela semana Marck se dedicou ao trabalho, chegava sempre antes das sete horas, e ficava até altas horas, elaborando projetos de campanhas. Acompanhou seções de fotos, entrevistas e reuniões. Trabalhou duro para ocupar seus pensamentos. Manteve a dieta toda a semana, somente na sexta-feira a noite saiu com os amigos para a boate e tomou alguns drinks. Logo se viu dançando com uma garota e apesar de se beijarem, não teve vontade de levá-la para cama e se desvencilhou quando a mesma o convidou para entrar em sua casa.

— Eu estou muito cansado - ele disse — Agradeço a companhia, mas, vamos deixar para outro dia.

Voltou para casa, estava cansado mesmo, precisava relaxar e dormir. Procurou o CD que Vanessa havia comprado para ele, e subiu para o apartamento tomando uma ducha morna e demorada. Serviu-se de uma bebida e colocou a música para relaxar. Lembranças de Júlia tomaram conta de seus pensamentos, não conseguia esquecê-la. Como será que ela estava? O que estaria fazendo? Pensar que Jackie a possuía lhe dava náuseas. Não entendia como ela conseguia viver daquele jeito. Ele suspirou. Precisava vê-la novamente, saber se estava bem. Quis ajudá-

la a fugir aquele dia e ela se recusara, ele não conseguia entender. O que mais ele poderia fazer? Se fosse uma mulher livre, ele já a teria esquecido, pensou... só estou assim porque não posso tê-la. Marck tentava se convencer, enquanto a doce imagem de Júlia o atormentava. Amanhã eu ligo para Bia, pensou, e se tudo estiver bem vou dar a volta por cima e tocar minha vida.

Acordou cedo e caminhou com Dallas na praia, sentindo a brisa do mar acariciando sua pele. Quando voltou ao apartamento ligou para Beatriz, para saber notícias de Júlia.

— Ela foi viajar Marck, com o marido, eles foram para Paris, estão tentando se reconciliar.

As palavras soaram como um soco em seu estômago, e ficou mudo do outro lado da linha.

— Marck? - Bia achou que a ligação havia caído.

— Que bom para ela - ele disse finalmente tentando disfarçar o ciúmes que sentia, e logo mudou de assunto perguntando a Beatriz se a porta que arrumara havia ficado boa.

Desligou o telefone com aquela incomoda sensação no estômago e passou o resto do dia em casa.

No domingo foi almoçar com os pais, dona Tereza havia ligado, convencendo-o.

— Seu pai quer fazer churrasco Marck. Se não vier para ajuda-lo, vai assar hambúrguer e salsicha - ela sabia como ser convincente.

Ele chegou cedo para ajudar com os preparativos. John gostava de ficar na churrasqueira. Dona Tereza preparou uma salada e arrumou a mesa, depois pegou uma revista e se afastou, deixando-os a sós.

— Sua mãe está preocupada Marck.

— Ela sempre está preocupada.

— Você anda muito quieto, está diferente, não tem saído muito, não é mesmo?

Ele sorriu se servindo de uma cerveja

— Se saio muito ela se preocupa, se fico em casa também?

— Está com algum problema na agência filho? Se precisar de dinheiro podemos ajuda-lo.

— Não, pai! Os negócios vão muito bem, a agência está crescendo - ele falou satisfeito.

— Então deve ser mesmo por causa de algum “rabo da saia” como sua mãe disse.

Marck soltou uma gargalhada

— É “rabo de saia” pai. A mãe disse isso?

— Sim - ele disse levantando as sombrancelhas, procurando nos olhos do filho saber a verdade.

— Eu conheci uma garota sim, diferente das que eu costumo sair - Marck hesitou, não queria entrar em detalhes, pois sabia que seu pai contaria tudo a sua mãe e dona Tereza não lhe daria paz.

— E daí? - John insistia.

— Ela tem outra pessoa - ele disse tentando encerrar o assunto.

— E sabe de você?

Marck deu de ombros.

— O que está esperando então, meu filho? Corteje-a, mande flores, convide-a para jantar.

Ele riu balançando a cabeça com os conselhos do pai.

— As coisas não são tão simples assim.

— O amor não é fácil filho. Veja o exemplo de seu pai. Eu atravessei o oceano para conquistar sua mãe. Diga que a ama e deixe que ela escolha.

— E por acaso eu disse que a amo?

— Não!?! Abra seu coração meu filho, porque acha que mudou tanto?

John saiu de perto dele segurando um espeto e depois de cortar a carne na mesa, serviu dona Tereza que estava folheando a revista, acomodada em uma cadeira perto da piscina.

Marck ficou observando a cena enquanto digería as palavras do pai. Ele havia mudado realmente, evitava a companhia das mulheres e não se sentia à vontade saindo com os amigos, preferia ficar sozinho.

“Tolice”, ele pensou. “Só estou passando por um momento ruim, com o tempo tudo voltara a ser como antes.”

Em Paris, Jackson programou passeios com o auxílio de um agente de viagem. O casal visitou vários pontos turísticos. Jantares românticos, hotel cinco estrelas, Jackson fazia questão de oferecer-lhe tudo o que havia de melhor.

Seria uma viagem inesquecível, não fosse Júlia ter que se entregar todas as noites, o que passou a ser insuportável, depois de estar nos braços de Marck. Lembranças da noite de amor que compartilharam, da maneira sensual que ele a seduzira, deixavam seu corpo febril. “Porque havia deixado as coisas irem tão longe?” pensava “Devia ter resistido. Com certeza para um homem como ele, ela não passava de mais uma conquista. Era uma mulher casada, precisava se concentrar nisso. Não devia alimentar esperanças, não tinha como fugir de seu destino. Estava colocando vidas em risco com sua atitude. Jackie jamais poderia saber de sua traição. Ele nunca a perdoaria.”

Júlia sucumbiu aos sentimentos, os pesadelos com seu pai voltaram a atormentá-la e ela ficou deprimida. Jackson percebeu que alguma coisa não estava bem.

— Estou ficando preocupado, você não está bem, acho melhor anteciparmos o nosso retorno.

Ela sentiu um alívio, ao menos em casa teria a companhia de Nani, Jackie voltaria ao trabalho e lhe daria alguns momentos de paz.

Eles voltaram numa quinta-feira fria e chuvosa. Júlia estava com a resistência

baixa. Devido a depressão, não se alimentara direito durante a viagem e chegou resfriada, abatida e febril.

Nani se assustou ao ver seu estado.

— É só uma gripe - Júlia a tranqüilizou.

— Devíamos levá-la ao médico Dr. Jackson.

— Eu já falei com ela, Nani. Você sabe como é teimosa!

Nani se dedicou em recuperá-la, preparou caldos e sucos, obrigando Júlia a tomá-los todos os dias. Ela não descansou enquanto não viu que a moça se sentia melhor. Somente o olhar triste e a apatia ainda a perseguiram. Jackson voltou às atividades. Contratou outro motorista e encarregou Tomas de ficar no encalço de Júlia, temendo que ela fizesse outra besteira.

Passado um mês da noite em que se amaram, Marck também sucumbiu aos seus desejos, precisava vê-la, tocá-la novamente, sentir seu perfume, e o sabor de seus lábios. Não conseguia pensar em outra coisa. Estava a ponto de enlouquecer quando Beatriz ligou para ele.

— Oi bonitão - ela gostava de irritá-lo.

— Oi Bia.

— Sua mãe me ligou, está preocupada. Você voltou ao Marcelo?

— Meus exames estão ótimos, só estou um pouco desanimado.

— Sei de uma coisa que vai gostar de saber.

— O que poderia ser?

— Júlia voltou na semana passada, eles retornaram antes do previsto.

— Como soube que ela voltou?

— Cidade pequena, os boatos correm.

— E.... porque você está me contando isso?

— É que a semana que vem começa a FLIp[1] e você sabe como Júlia gosta de ler. Com certeza Jackie a levará a feira, poderá vê-la novamente, se tiver sorte, poderão até conversar.

— Bia, onde está querendo chegar?

— Não sei, sei que não gosto de Jackson e não gostei de saber que anda deprimido. Se resolver vir, depois você me liga.

Capítulo 20

A Feira Literária Internacional de Paraty é conhecida como um dos principais festivais literários do mundo, muitas pessoas visitam a cidade nessa época. Paraty estava lotada de turistas passeando pelo local. Júlia se distraía folheando um livro em um estande, quando Marck a surpreendeu falando em suas costas.

— Júlia!

Assustada, derrubou o livro que estava nas mãos.

— Desculpe, não quis assustá-la.

Atônita ela não disse nada, apenas olhou na direção em que Tomas a aguardava e não o encontrou. Ambos se agacharam para pegar o livro.

— Preciso falar com você - ele disse enquanto a ajudava a se levantar.

— Não posso. Eu... não estou sozinha.

— Seu guarda costas saiu um pouco, vem comigo.

— Não vai dar Marck.

— Confia em mim, acha que colocaria você em perigo? - ele estendeu-lhe as mãos olhando em seus olhos. Ela estremeceu, devolveu o livro na prateleira e se deixou ser conduzida para um local mais reservado, atrás dos estandes.

— Você está abatida – observou.

— Eu estava gripada - Júlia evitava olhar em seus olhos. - O que você quer? Eu preciso voltar.

— É difícil falar isso - ele começou meio tímido. — Porque vai contra tudo o que eu já fiz na minha vida. Pensei muito antes de vir lhe procurar e tenho certeza do que vou lhe dizer.

Júlia prestava atenção, procurando se manter calma, enquanto seu coração acelerava a cada palavra de Marck, e ele continuou.

— Eu quero que fique comigo - disse finalmente.

Ela deu um sorriso meio sufocado, quase um suspiro, era tudo o que queria ouvir, mas sabia que seria impossível.

— Você não sabe o que está falando, eu não posso..., sou casada, Jackson nunca me deixará ir.

— Eu sei, por isso mesmo quero fugir com você. Eu tenho parentes em Nova York, te arrumo um passaporte e...

— Não Marck, isso não vai dar certo, você não entende, isso não pode estar acontecendo, precisamos esquecer, o que aconteceu entre nós foi um erro...

Ele interrompeu suas palavras e puxando-a para si, a beijou. No começo ela tentou se desvencilhar, o que o fez estreitá-la em seus braços, pressionando-a contra seu peito. O pouco de bom senso que ainda lhe restava se foi e ela se rendeu, afagando seus cabelos, correspondendo de maneira apaixonada. O beijo foi se tornando exigente, invadindo, provocando.

— Vamos parar com isso... por favor... - ela disse tentando afastá-lo.

— Eu quero você! Vem comigo! - ele dizia enquanto beijava-lhe o rosto, descendo os lábios sedutores ao seu pescoço.

— Porque está fazendo isso comigo? - conseguiu murmurar

— Porque eu te amo! - Marck falou enquanto ela o afastava suavemente de seu corpo.

— Não pode me amar! - Júlia falava tentando conter o choro. — Você deve ir embora.

— Eu não consigo esquecer-la, você foi a melhor coisa que já me aconteceu.

— Está complicando as coisas... por favor vai embora - ela suplicava chorosa.

— É isso que você quer? - ele a segurou pelos braços, procurando em seus olhos entender o que se passava. — Não precisa ficar comigo se não quiser, eu só quero que esteja bem, quero que tenha uma vida decente.

— Você não entende Marck, não sou eu, outras pessoas estarão em perigo se eu fugir. Jackie nunca nos deixará em paz. Ele... vai nos matar. Precisamos esquecer...

— Eu não vou desistir de você.... - ele disse acariciando seu rosto.

Um assoviu, chamou a atenção de ambos, que olharam e viram um garoto que acenava para Marck, indicando que alguém vinha vindo. Júlia aproveitou sua distração e saiu correndo se misturando na multidão.

— Espera - ele disse em vão, mas ela não ouviu.

Marck agradeceu o garoto pagando o que havia combinado e voltou os olhos para a multidão tentando localizar Júlia.

Júlia correu se misturando as pessoas, com lágrimas teimando em molhar seu rosto. Não podia se deixar abater, Jackie e Tomas não podiam desconfiar de nada. De repente o motorista a segurou pelos braços detendo-a.

— Sra. Júlia! Deus, porque está chorando? O que aconteceu? Fala logo, Sr Jackson vai me matar. Eu precisei ir até o banheiro e a senhora desapareceu.

— Eu... fui assaltada - ela disse trêmula.

— O que? - ele olhou para os lados.

— Eu me distrai e um garoto levou minha bolsa. Corri atrás dele.

Enquanto tentava se concentrar em uma mentira, pode ver que de longe Marck observava a cena.

— A senhora se machucou?

— Não, está tudo bem agora! Ele jogou minha bolsa no chão.

— Graças a Deus não aconteceu nada grave, não devia ter corrido atrás dele, poderia agredi-la. Procure se acalmar.

Tomas ficou pensando no que diria para o Sr. Jackson, aquele velho idiota com certeza iria despedi-lo. Para alívio de Júlia, ele se atreveu dizendo.

— Sra. Júlia, não devíamos contar nada do que aconteceu ao patrão, ele pode não gostar.

Ela concordou, não confiava em Tomas, mas tinha certeza de que não contaria nada a Jackie para evitar problemas.

— Então procure se acalmar. Fique aqui, vou buscar uma água.

Ele voltou com a água e ela sugeriu que fossem para o carro, precisava descansar e logo teriam que encontrar Jackie na Prefeitura. Tomas esperou ela se recompor para seguirem.

No caminho de volta a Trindade ela permaneceu quieta, seus pensamentos se perdiam em Marck. Ele dizia que a amava e estava disposto a largar tudo por ela. Que loucura! Ela jamais permitiria que ele fizesse isso. Não... por mais que isso dilacerasse seu coração precisava esquecê-lo. Jackson jamais a perdoaria e certamente se vingaria em Carlos ou em sua mãe.

— Júlia meu bem, está muito quieta! Não gostou da feira esse ano?

— Sim, eu só estou um pouco cansada!

Ele sorriu e acariciou suas coxas, indicando que a noite seria longa.

Ao chegarem em casa Jackie preparou um drink e pediu a ela que tocasse para ele.

— Eu... não tenho vontade de tocar hoje - se atreveu dizendo. – Vou subir.

Jackie a olhou de maneira desconfiada, e a deteve.

— Está triste? Eu tenho uma coisa que vai animá-la.

Tirou do bolso uma balinha transparente parecida com um Halls.

— O que é isso?

— É um estimulante, para que a nossa noite seja mais quente. Chama-se “pílula do amor” - era um comprimido de ecstasy. - Tome vai se sentir melhor.

Júlia segurou aquela balinha e lembrou-se do irmão com o amigo na Boate aquela noite. Com certeza, era isso que eles consumiram e depois ficaram agitados e felizes. Talvez a ajudasse a se entregar para Jackie. Abalada demais para avaliar a situação e querendo esquecer de tudo, ela tomou o copo de Whisky das mãos de Jackie e bebeu com o comprimido, fazendo em seguida uma careta. Ele ficou surpreso, nunca havia visto Júlia tomar uma gota de bebida alcoólica antes, e ainda por cima aceitar se drogar.

— Pode ir agora, vai se preparando meu bem que subo em 15 minutos!

Subiu as escadas correndo. Pensou em trancar a porta, mas se lembrou que Jackie tinha a chave. Enquanto tomava um banho e se preparava para recebê-lo, os efeitos da droga foram lhe dominando os pensamentos. Ela estava feliz! Queria ser tocada, queria dançar, ficou agitada e completamente fora de si.

Jackie aproveitou a disposição de Júlia e tomou um viagra que ganhara de um “amigo”.

— Com uma mulher gostosa como essa! – ele dissera. – Você vai precisar!

— Não preciso disso! Ela está feliz assim do jeito que sou!

— Tome – ele insistiu – Você vai ver como ela vai gostar!

Jackson havia pegado o remédio meio contrariado, além de tudo o safado havia

chamado sua mulher de gostosa. Quase o jogou fora, mas a curiosidade o fez guardar. Foi bom, ele pensou, pois seria útil naquele momento, já estava com 55 anos, talvez Júlia merecesse um melhor desempenho sexual de sua parte.

Algum tempo depois, quando entrou no quarto, lá estava Júlia diferente, desinibida, completamente fora de si. Ela se aproximou e foi lhe tirando a camisa. Ele gostou. Rapidamente se livrou das roupas com a ajuda da moça e a jogou na cama. Jackson a usou da maneira que quis, sem protestos, sem ouvir choro. Estranhamente isso não era estimulante para ele, pois gostava de machucá-la enquanto a possuía, ouvindo suas súplicas para que parasse. Era paranóico, sentia prazer em provocar-lhe a dor, mas Júlia parecia estar anestesiada aquela noite e parecia estar gostando do que estava acontecendo.

Horas depois Jackson estava cansado e resolveu deixá-la em paz, saiu do quarto sob protestos e a trancou para evitar que ela saísse daquele jeito, alucinada por aí. Os efeitos da droga ainda permaneciam em seu corpo e ela demorou para dormir, estava com a temperatura alta e transpirava muito, sentia sede, mas não conseguiu abrir a porta para ir até a cozinha, então encheu a banheira de água e ficou por horas ali até adormecer.

Quando acordou estava gelada, caminhou com dificuldade até a cama e se aninhou nas cobertas. Não conseguia se lembrar do que acontecera, mas tinha idéia pelas dores que sentia em seu corpo. Envergonhada e deprimida, ela chorou até amanhecer.

No dia seguinte não levantou. Nani se assustou quando foi chamá-la no quarto a pedido de Jackson.

— Júlia meu anjo, você está bem?

Pelo estado em que o quarto havia ficado, Nani fez idéia do que a pobrezinha tinha passado

— Por favor Nani não abra as cortinas, e diga ao Jackie que não estou disposta hoje e não vou descer para o café.

— Quer que eu lhe traga aqui?

— Não precisa, estou sem fome! - disse desanimada.

Não queria se levantar, não queria olhar Jackie, não queria ver a luz do sol, só queria ficar ali quietinha.

Mesmo assim, Nani levou uma bandeja com torradas e suco e a tirou um pouco da cama para trocar os lençóis sujos.

— Vai se sentir melhor com a cama limpa.

Júlia também não desceu para almoçar e nem para jantar. Mais tarde Nani foi verificar e ela permanecia do mesmo modo.

— Sr. Jackson! - Nani se atreveu. – Estou preocupada com a Dona Júlia, ela nunca se abateu desse jeito, talvez fosse melhor a levarmos ao hospital em

Paraty.

— É frescura dela Nani, não se preocupe já vai passar. Amanhã ela vai estar boa de novo!

Nani se revoltou com a atitude fria de Jackson, nem foi ao quarto para ver como a esposa estava. Inconformada com a situação, ela foi ver a moça novamente.

— Júlia! Júlia querida. - ela chamou para acordá-la. – O que está sentindo meu anjo, quer que eu lhe traga alguma coisa?

— Não Nani! Está tudo bem! - respondeu com a voz embargada.

— Ah! Não está não! Você nunca fez isso antes. Pode falar meu anjo o que está acontecendo. O que você está sentindo?

Lágrimas começaram a brotar em seus olhos banhando lhe a face.

— Foi aquele bruta montes não é? As vezes eu tenho vontade de por veneno na comida dele sabia?! - Nani a abraçou enquanto falava. - Ah!! Não sei como você ainda suporta essa situação!

— Eu quero morrer Nani!

— Por favor não diga isso! Sempre há uma maneira de resolver as coisas, tenha calma, tudo vai se ajeitar.

Com Júlia aninhada em seus braços, Nani fez uma oração pedindo a Deus que acalmasse seu coração e tirasse seus pensamentos ruins. Quando ela parou de chorar, foi até a cozinha e preparou-lhe um chá, voltando ao quarto obrigou Júlia a tomá-lo com um analgésico.

— Obrigada, ainda bem que tenho você!

— Há meu anjo, vai se sentir melhor agora, você vai ver! Vou ficar aqui até você adormecer.

Júlia dormiu serenamente até o dia seguinte e acordou com Jackson a chacoalhando.

— Como se sente? - ele disse preocupado

— Acho que estou bem! - ela conseguiu dizer. — O que aconteceu?

— Não se preocupe, é assim mesmo, algumas pessoas ficam deprimidas 24 horas depois que passa o efeito da droga. Na próxima vez será mais tranqüilo.

Ela olhou para ele procurando entender do que estava falando, ainda não conseguia coordenar seus pensamentos, estava confusa.

— Já que está bem eu estou indo para o Rio, precisa de alguma coisa?

— Não – disse automaticamente.

— Eu volto na sexta-feira a noite - ele se despediu dando-lhe um beijo na testa e acrescentou: — Você está com uma aparência horrível, se cuide.

Ela consentiu, balançando a cabeça aliviada por não tê-lo por perto.

Aquela semana Júlia quase não saiu do quarto. Apesar da insistência de Nani, não foi caminhar na praia nenhum dia, pois isso lhe trazia lembranças de Marck e ela precisava arrancá-lo de seu peito.

Capítulo 21

Apoiado a sacada do apartamento, Marck observava o brilho das estrelas refletido nas ondas do mar. Distraído, mal escutava a música suave que invadia o ambiente. Dallas caminhou até a porta indicando que alguém chegava minutos antes da campainha tocar.

Ele convidou Ruan para entrar. O amigo chegou meio desconfiado, Marck já não era mais o mesmo, não freqüentava as baladas, estava de dieta, quase não bebia, não fumava e evitava a companhia de mulheres.

Marck lhe serviu um drink e fez um para ele também.

— Você deve ter achado muito estranho eu te chamar aqui.

— Sem dúvida, estou curioso.

— É que estou querendo viajar, por um bom tempo talvez, e pensei em vender a agência.

Ruan engasgou com a bebida.

— Você não está falando sério? Marck essa agência é tudo para você, nós nos dedicamos muito para ela chegar onde está.

— Eu sei...

— É por causa dela não é? A tal mulher... - Ruan falou irritado.

— Não começa, por favor...

Ele passou as mãos no cabelo nervoso e tomou um gole da bebida.

— O que quer que eu pense?

— Sabe... - Marck falou sentando no sofá ao seu lado. – Eu fiz o que você disse, dormi com ela - sua voz estava melancólica.

Ruan balançou a cabeça e olhou firme para ele levantando as sombrancelhas.

— E aí? Como foi?

— Foi... - ele se conteve apertando os lábios, não queria contar sobre sua intimidade com Júlia.

— Foi o que cara? Fala logo!

— Foi lindo! Como se eu estivesse esperando por ela durante todo esse tempo. Eu sabia exatamente onde tocá-la e ... - ele parou de falar lembrando-se de como Júlia se rendera a ele naquela noite. — É difícil falar sobre isso, eu me sinto traindo a confiança dela.

Ruan não insistiu, sabia como Marck estava sensível ultimamente e se irritava com facilidade. Marck suspirou antes de continuar.

— E depois disso... tudo mudou, quem eu sou, o que eu quero... penso nela do

momento em que acordo até a hora que vou dormir, se é que tenho dormido direito. Pensei que se me entregasse ao trabalho e voltasse a rotina as coisas iriam melhorar, mas saber que ela pertence a outro é difícil demais... Eu preciso ficar um tempo sozinho. Acho que viajar, conhecer outras pessoas, vai ser bom para mim.

— E ela, o que diz disso tudo? Você já a procurou depois?

— Sim, ela tem medo do marido, Beatriz tem medo dele também, aliás, acho que a vila inteira de Trindade tem medo dele. Ele tem cassinos aqui no Rio e talvez esteja envolvido no narcotráfico.

— Você... está querendo me contar que se envolveu com a mulher de um “gangster”, e por isso precisa sair de circulação? Eu não posso acreditar!

— Ruan eu nem conheço o cara...

— O que? Por acaso você sabe o que essas pessoas fazem com traidores? - Ruan ficou agitado e falava alto.

— Calma Ruan...

— Calma nada, ficou louco? Eles matam Marck. Eliminam você, sua família, seus amigos...

— Isso não vai acontecer...

— ...e isso na ordem inversa, pois primeiro querem ver você sofrer, para depois eliminá-lo.

Marck balançou a cabeça enquanto Ruan falava apavorado, andando pela sala.

— Ele te conhece? Sabe onde você mora?

— Quer ficar quieto e parar com isso... Ele não me conhece, ok?

— Graças a Deus! Então deve viajar logo e pode ficar o tempo quiser, você deve mesmo sair de circulação.

— Eu não estou fugindo Ruan, se pudesse eu a levaria comigo.

— Você enlouqueceu?

— Tem certeza que ficará bem tomando conta de tudo? Pode ser por um bom tempo.

— Eu dou conta.

— Se precisar contratar alguém para ajudar não se iniba. Você pode fazer o que achar necessário.

— Está bem... quando você vai?

— Daqui algumas semanas. Não sei ainda. Estou resolvendo para onde vou e ainda tenho que contar para dona Tereza! Não vai ser fácil.

— Quer que eu tome conta do Dallas? Ele pode ficar em casa.

— Beatriz vai cuidar dele para mim. Ele gosta de ficar lá, já está acostumado. De qualquer forma obrigado!

Ruan bateu nas suas costas tentando confortá-lo e ficaram ainda algumas horas conversando sobre a agência.

Nas semanas que se passaram, Marck se dedicou aos preparativos da viagem, procurando delegar suas funções na agência. Resolveu ficar os últimos dias em Trindade tinha esperanças de encontrar Júlia e convencê-la a partir com ele.

Os dias passavam e seu coração ficava cada vez mais apertado, ela parecia ter evaporado, não saía de casa para lugar algum.

Na mansão no alto do morro, Júlia se arrumava para descer e ajudar Nani com o jantar e se surpreendeu vendo Jackie e Tomas entrarem no seu quarto.

— Jackie, Tomas, aconteceu alguma coisa?

Eles cheiravam a álcool e Jackie falava com a voz arrastada.

— Júlia meu bem, eu trouxe Tomas para transar com você.

Ela apertou os olhos franzindo a testa.

— Estão loucos? - só podia ser brincadeira, pensou, Jackie nunca permitiria isso.

— Está precisando de alguém mais jovem que eu para lhe dar prazer.

— Jackie por favor... não deixe ele me tocar... eu faço tudo o que você quiser - ela começou a se desesperar.

Tomas escutava desconfiado a conversa dos dois e quando Júlia tentou escapar pela porta ele a deteve. Jackie sorriu.

— Não se preocupe meu bem, você vai gostar. Ele é forte e viril.

— Por favor Tomas, me solte - ela dizia tentando apelar para o bom senso do motorista.

— Tem certeza disso patrãozinho? - Tomas se dirigiu a Jackie receoso, sem escutar seus apelos.

— Pode começar Tomas. Sei que está ansioso.

Tomas começou a beijar-lhe o pescoço, enquanto Júlia tentava se livrar dele, empurrando-o com todas as forças. Ele a agarrou pela cintura e levantando-a com facilidade jogou-a na cama. Debruçou sob ela tentando imobilizá-la. Júlia esperneava. Jackie que observava a cena pacificamente recomendou:

— Dê o comprimido a ela Tomas e verá como vai ficar boazinha.

Tomas tirou o comprimido de ecstasy do bolso e tentou lhe enfiar goela abaixo, quase a sufocando. Ela começou a amolecer. Achando que já havia engolido, ele a soltou e Júlia cuspiu na cara dele, deixando-o irritado. Jackie soltou uma gargalhada.

— Está sendo muito mole, Tomas!

Ela se livrou dele saindo da cama, mas Jackie o ajudou, segurando-a.

— Calma meu bem! Precisa colaborar. Tome o comprimido.

Júlia se recusou e Jackie a esbofeteou, totalmente irritado. Tomas se livrou da camisa e a agarrou de maneira estúpida, derrubando-a no chão e pressionando seu corpo contra suas pernas. Ele começou a abaixar-lhe o zíper da calça, enquanto ela esperneava, tentando escapar. Extremamente irritado, ele gritou:

— Quer parar com isso! Vou transar com você agora, nem que eu precise matá-la! E começou a chacoalhar-la batendo com extrema violência sua cabeça no chão, várias vezes, até ela ficar inconsciente.

Seu último pensamento foi para Marck. “Eu te amo”, ela pensou antes de perder completamente os sentidos.

Beatriz preparava o jantar enquanto seu primo abria uma garrafa de vinho branco. No momento que conduzia a bebida à boca, o cristal estilhaçou, e a taça explodiu em sua mão. Gotas de sangue mancharam a toalha da mesa. Um sentimento estranho lhe invadiu. Beatriz se assustou.

— O que foi isso?

— Eu não sei. Me desculpe! - ele respondeu um tanto intrigado.

— Não seja bobo. Já devia estar trincada. Deixe-me ver - ela segurou sua mão e analisou o ferimento — Vou lhe fazer um curativo.

Enquanto limpava-lhe a mão, estancando o sangue que escorria, ouviram gritos que chamavam por Beatriz.

— Dra Beatriz! Dra Beatriz!

— Quem será?

Marck ainda pode ver Nani subindo as escadas correndo quando abriu a porta. Atrás dele Bia olhava curiosa.

— O que foi Nani?

Ela estava ofegante, não conseguia falar.

— Nani pelo amor de Deus, o que aconteceu para você vir aqui correndo desse jeito. Vem cá, sente-se, descanse um pouco, está precisando de ar.

Bia a conduziu para o sofá e ela começou a chorar. Soluçando abraçou Beatriz, que não conseguia entender nada e desabou ajoelhando no chão, quando disse:

— Ele a matou...

Marck se desesperou.

— Quem Nani?

— Por favor, procure se acalmar...

— Jackson, aquele monstro.... ela suplicou que parasse... estava saindo pelos fundos para pedir ajuda e pude ouvir... tiros.

Nani não se continha em lágrimas.

— Eu vou lá! - Marck disse, pegando a chave do carro.

— Não! Bia falou tentando impedi-lo. Pode ser perigoso. Você não sabe o que aconteceu. Vamos ligar para a polícia.

— Não vou esperar a polícia chegar. Júlia pode estar em perigo, precisando de ajuda.

— Então vou com você! Nani procure se acalmar, ligue para a polícia e peça que venha uma ambulância também - enquanto Beatriz orientava Nani, Marck se apressava tirando o carro.

— Venha logo - ele gritou, quando a viu na porta.

Capítulo 22

Marck subiu as escadas depressa pulando os degraus. Beatriz vinha logo atrás. Entrou no quarto e viu Júlia caída, com o corpo de Tomás sobre ela. Havia muito sangue. Sentado em uma poltrona Jackson observava a cena com uma arma na mão. Ele tentou se aproximar.

— Parado aí! - Jackie disse com a voz arrastada, revelando a embriaguez e balançou a arma falando: — Não... toque... nela...

Beatriz pediu para ele ter calma.

— Jackson, por favor, o que aconteceu?

— Eu a matei doutora! Não está vendo? - disse friamente.

Marck se aproximou dando-lhe um soco na cara que o derrubou no chão, em seguida chutou a arma para fora do quarto e ajoelhou-se ao lado de Júlia.

Ele tirou o corpo de Tomas que estava caído sob o dela. O motorista estava morto. Sentiu que o chão lhe faltava, sua roupa estava toda suja com sangue de Tomas.

Bia começou a examiná-la, procurando ferimentos pelo corpo. Segurou em seu braço e sentiu a pulsação fraca. Marck quis levantar-lhe o corpo amparando-a em seu colo, mas Bia o impediu.

— É melhor a gente não mexer com ela.

Um filete de sangue no chão revelava um corte em sua cabeça e ia discretamente lhe umedecendo os cabelos.

— Veja Bia, ela está sangrando.

Beatriz virou a cabeça dela para o lado podendo ver o corte.

— Por favor, pegue uma toalha e me traga um pouco de água. Vou estancar esse corte.

Ele voltou com a toalha e Beatriz colocou sobre o ferimento, tentou acordá-la passando a água em seu rosto, mas Júlia não respondia.

— Precisamos socorrê-la Bia. Essa ambulância está demorando muito - ele falou aflito.

— Tenha calma, não há nada que possamos fazer, não dá para saber a gravidade

desse ferimento e se a levarmos daqui, talvez ela possa não resistir.

— Por favor – lágrimas umedeceram seus olhos. — Não a deixe morrer...

— Nós vamos fazer tudo o que for preciso - Bia se levantou e pegou o celular para ligar, quando escutou a ambulância chegando. — Graças a Deus! - disse aflita.

Assim que os paramédicos começaram a imobilizá-la, seu corpo entrou numa espécie de choque, ela gritou e se contorceu, antes de começar a se debater.

— O que está acontecendo?

— Está tendo uma convulsão precisamos esperar.

Um dos paramédicos o impediu de se aproximar.

— Bia por favor! - ele insistia.

Ela simplesmente o abraçou e começou a chorar.

Jackson, que ainda estava caído no chão começou a rir descontrolado, para a indignação de todos.

— Vocês deviam ligar para a polícia - lembrou um dos enfermeiros.

— Nós já chamamos, eu vou avisar o Gustavo.

Bia pegou o celular procurando o número. Marck se revoltou e o segurou pelo colarinho da camisa.

— Eu devia matar você seu estúpido.

— Marck por favor solta ele - pediu Beatriz. — Não se compare a ele.

Ela tentava segurá-lo pelo braço.

— Júlia vai precisar de você.

— Comece a rezar para que ela viva, senão vou enterrar seu corpo ao lado do dela, seu velho patético.

Jackson não se conteve e soltou uma gargalhada.

— Gosta dela? - ele indagou curioso. — Eu posso ver nos seus olhos... eu sinto

dizer que não sobrou nada para você, meu rapaz - disse zombando da situação.
— ela está imprestável.

Ele deu outro murro na cara do velho, que caiu no chão desacordado. Beatriz balançou a cabeça em reprovação e Marck saiu do quarto nervoso.

Júlia foi encaminhada direto ao centro cirúrgico, Beatriz foi com a ambulância, e fez algumas ligações antes de chegarem ao Hospital, de modo que já a aguardavam quando chegaram. Um neurocirurgião amigo de Bia já estava a caminho. Apesar de não ser sua especialidade, pediu permissão para acompanhar a cirurgia de perto. Precisaram abrir o crânio para conter a hemorragia que estava a pressionar o cérebro. Júlia havia sofrido vários traumas.

Do lado de fora, Marck aguardava ansioso. Nani chegou pouco depois, acompanhada da filha Vitória, procurando notícias. Ela o abraçou pedindo a ele para ser forte, sentou-se ao seu lado na sala de espera e começou a orar por Júlia. Sete horas se passaram até que Beatriz entrasse na sala com o olhar melancólico.

— Eu sinto muito - disse tentando se conter — nós fizemos tudo o que foi possível, a lesão é muito grave, não sabemos até quando isso pode se estender... Júlia está em coma - ela conseguiu falar finalmente, olhando para ele. - Eu sinto muito.

— Eu posso vê-la?

— Vai demorar um pouco ainda. Ela vai para o CTI. Depois eles liberam a visita.

Nani entrou em prantos e sua filha tentava acalmá-la.

— Vamos embora mãe, não há nada que possamos fazer por aqui agora. Precisamos buscar o Vitor, ele deve estar assustado, tenho certeza de que Júlia vai sair dessa e vai precisar muito que a senhora esteja bem.

Marck pegou sua blusa e caminhou em direção a porta.

— Espera aí, onde você vai? - Bia tentou detê-lo.

— Não sei..., encher a cara... andar um pouco.

Beatriz o segurou pela camisa olhando séria para ele, pediu licença para Nani e o levou para uma sala ao lado.

— Marck, por favor, não vai fazer nenhuma besteira... nem sei como lhe dizer isso... - ela piscou os olhos e respirou antes de falar. — ela está grávida.

Ele estreitou os olhos, balançando a cabeça negativamente.

— O que está dizendo?

— Grávida. Marck acorda, esse filho só pode ser seu. Já está casada há quatro

anos, nunca se preveniram, porque Jackson sempre quis um filho e tenho certeza que ele é estéreo.

— Isso não pode estar acontecendo.

Ele se sentou e levou as mãos à nuca, inclinando o corpo para frente. Beatriz pegou um calmante e um copo de água e ofereceu a ele.

— Tome isso, vai se sentir melhor.

— Eu não quero me sentir melhor! Porque devo me sentir melhor?

— Você precisa ter calma..., precisamos esperar..., ver como ela vai reagir..., por enquanto o bebê está bem. Os médicos ainda estão discutindo o caso.

Ele ficou louco.

— Eu preciso vê-la Bia!

Saiu da sala correndo em direção ao centro cirúrgico e foi invadindo os corredores, com Bia tentando impedi-lo.

— Marck pare, pare com isso, vou ter que chamar a segurança.

— Eu não me importo, preciso vê-la!

Ele invadiu a sala em que Júlia estava, para espanto de todos. Um enfermeiro tentou abordá-lo e ele gritou.

— Me deixe!

Beatriz ligou para a segurança, solicitando sua presença urgente. O médico tentou acalmá-lo e persuadi-lo a esperar lá fora.

— Eu já disse para não tocarem em mim..., eu só preciso de um minuto - disse se aproximando, enquanto via algumas mechas de seus cabelos castanhos caídas ao chão. Segurou sua mão suavemente, estava fria, e ele começou a chorar.

— Por favor, Júlia não pode me deixar..., precisa me escutar. Eu te amo, quero muito te levar para casa com nosso bebê, não me deixe, por favor...

A emoção tomou conta da sala. Os seguranças entraram e Beatriz solicitou que não o machucassem. Eles o seguraram pelos braços e o levaram à força para fora, seguido de Beatriz. Uma enfermeira se aproximou com uma seringa.

— Vamos precisar sedá-lo - avisou Beatriz.

— Não precisa! Me soltem... - ele retrucou, tentando se livrar dos seguranças.

— Você foi muito imprudente, está alterado, vai se sentir melhor.

Beatriz foi se aproximando com a seringa.

— Por favor Bia! - ele implorou. – Prometo que vou me controlar!

— Me desculpe - ela disse aplicando o sedativo em seu braço.

Ele gritou de raiva quando os seguranças finalmente o soltaram. Beatriz falou que poderia se deitar se quisesse, mas ele saiu do quarto e sumiu pelos corredores do Hospital, sem olhar para trás. Bia ainda tentou abordá-lo.

— Marck, onde você vai?

Ele não respondeu.

— Quer que a gente o siga doutora? - perguntou um dos seguranças.

— Melhor não, já está bastante nervoso.

Ele saiu do hospital, comprou um litro de Whisky e dormiu no carro antes de conseguir tomar a garrafa inteira.

O dia amanheceu nublado, assim como o coração de Marck. Nunca se sentira tão mal. Voltou ao hospital assim que acordou, passava de 10:00hs.

— Você está com uma aparência horrível.

Beatriz lhe disse oferecendo-lhe um café.

— Eu sei - ele respondeu dando de ombros. – Você colaborou com isso.

Ela mordeu os lábios antes de continuar a falar:

— Não devia ter bebido.

Ficaram um minuto em silêncio e Marck perguntou.

— Como ela está?

Beatriz abaixou o olhos.

— Igual, vai ser transferida para o Rio de Janeiro, o hospital de lá, possui mais recursos. O médico que a operou trabalha lá. Ele está conseguindo a transferência.

Ele balançou a cabeça, consentindo, enquanto Beatriz continuava.

— Eu pedi para Nani cuidar do Dallas para você. Porque não vai para casa, toma um banho, e fica com ele um pouco? Vai se sentir melhor. Nosso horário de visita é a tarde.

— Eu tomo banho depois... Eu não entendo Bia..., por que ela não me procurou?

— Não fique se martirizando, talvez ela não soubesse ainda, sempre tinha atrasos menstruais, eu mesma já havia lhe dito que eram devido aos stress pelos quais passava.

O interfone tocou avisando que Gustavo estava na recepção. Ela solicitou que o deixassem entrar.

— Oi Bia, Marck!

Ele os cumprimentou.

— Sente-se.

Beatriz lhe indicou a poltrona.

— Queria notícias de Júlia, como ela está?

— É difícil avaliar seu quadro, a lesão foi muito grave. Ela está em coma. Isso pode se estender por algum tempo, ou talvez... não acorde mais... - ela falou olhando para Marck, sua voz quase sumindo.

— Eu lamento - disse abaixando os olhos. — Bom, acabei de tomar o depoimento de Nani, nós fomos à casa dela, e como vocês foram os primeiros a chegarem a cena do crime, gostaria de convocá-los para depor na delegacia o mais breve possível. Quero ver se consigo manter esse canalha atrás das grades. Eu sinto muito por Júlia!

— O que ele disse? - perguntou Marck. - Deu motivo para essa agressão?

— Não, ele disse que só vai falar com a presença do advogado. Mas o depoimento de Nani foi muito importante. Segundo ela, ele queria que Tomas fizesse sexo com Júlia, enquanto ficava olhando. Ela deve ter lutado com ele, pois o corpo tinha vários arranhões.

Marck se levantou, sentia náuseas, pediu licença e saiu para ir ao banheiro, não conseguia sequer ouvir o que podia ter acontecido. Quando voltou, Gustavo já ia se despedindo, antes de sair, ainda se dirigiu a Marck:

— Espero vocês na delegacia, assim que puderem.

A tarde eles compareceram a delegacia. Após o depoimento, Gustavo os aconselhou a tentar manter sigilo sobre a gravidez de Júlia, até pelo menos ouvirem o depoimento de Jackson, que seria no dia seguinte pela manhã.

— Acho que ele vai alegar que matou Tomas para defender a esposa. Mas se souber que ela esta grávida, vai dizer que foi crime passional. De qualquer forma, fiquem tranquilos, ele será indiciado.

Voltaram ao Hospital para a visita às 16:00 horas. Nani já os aguardava. O médico que operara Júlia quis conversar com eles para dar alguns esclarecimentos.

Eles se reuniram em uma sala. Dr. Marcos Lansac entrou se apresentando.

— Boa Tarde! - falou sem muito entusiasmo, pois sabia que seria uma conversa difícil. — Sou Dr. Marcos que operou a Sra. Júlia, eu sou neurocirurgião e atuo no Hospital Estadual do Rio de Janeiro. Fui convidado pela Dra. Beatriz para atender esse caso. Qual de vocês são os parentes mais próximos?

Eles se entreolharam.

— Júlia não tinha parentes muito chegados Marcos - Beatriz se adiantou. – A mãe e o irmão são de Atibaia, nunca vieram visitá-la, creio que o relacionamento deles não era muito bom.

— Bom, de qualquer forma seria bom avisá-los.

Nani falou que talvez tivesse o telefone da mãe de Júlia na agenda do escritório de Jackson. Marck se ofereceu para levá-la até a casa depois da visita, e Gustavo se impôs.

— A casa está interditada, por ser a cena do crime, vocês não podem ir lá.

Beatriz franziu os olhos para ele, não acreditando no que estava ouvindo.

— É meu trabalho Bia - ele se defendeu percebendo sua reprovação. — Preciso preservar a cena do crime.

— Bom - interrompeu Dr. Marcos. — Depois vocês resolvem isso. Acho que Beatriz já deve ter lhes explicado sobre o estado de Júlia, portanto me desculpem se eu for repetitivo, vou tentar falar de forma simples, se tiverem alguma dúvida podem me perguntar.

Eles se acomodaram e Dr. Marcos começou.

— Júlia teve várias lesões encefálicas, devido a pancadas na cabeça, nós a operamos para conter uma hemorragia, cujo sangue estava pressionando o cérebro, o que nos permitiu observar mais de perto a gravidade da lesão. Essa lesão provocou-lhe o coma. O nosso organismo tem bons motivos para nos fazer... “apagar”. Em casos de acidentes graves, como o de Júlia, qualquer

energia preservada pode fazer a diferença entre a vida e a morte. O coma é uma espécie de proteção do nosso organismo, colocando o cérebro em “stand by”, ele gera uma economia de energia que é utilizada na manutenção dos sinais vitais como: a pressão, respiração e batimentos cardíacos. É impossível prever quanto tempo ela vai ficar assim. Geralmente, a recuperação acontece num período de 2 a 4 semanas, quando o estado permanece por mais de um mês, as chances de melhora vão diminuindo gradativamente. Mas cada paciente reage de uma maneira diferente. Ela é jovem e saudável, temos boas expectativas - ele fez uma pausa para tomar um pouco de água e observar o comportamento de todos e depois continuou. - Já está quase na hora da visita, devo lembrar-lhes que os horários são limitados, devido a gravidade do caso para preservar a paciente de possíveis contaminações. Vocês podem se assustar devido a quantidades de aparelhos que estão ligados a ela, com o tempo eu posso esclarecer os procedimentos tomados, à principio o que posso dizer é que precisamos entubá-la para manter a respiração estável, se o quadro persistir será submetida a uma traqueostomia, desse modo o tubo vai ser ligado diretamente a traquéia, também foi implantando um cateter na veia subclávia para administração de medicamentos e nutrição parenteral, e um cateter na bexiga. Isso não é muito bonito de se ver... - ele balançou a cabeça pensando. - Procurem conter suas emoções quando estiverem com ela, podem tentar interagir, conversar, segurar nas mãos, acreditamos que isso é muito bom para o paciente. Vocês tem alguma pergunta?

Ele havia terminado com as explicações e todos estavam calados, Marck se aproximou perguntando:

— E quanto ao bebê? O senhor não disse nada.

Nani olhou curiosa, mas se manteve calada.

— Há sim... me desculpem. Isso também é uma novidade para mim, a gravidez por enquanto está estável, eu preciso consultar alguns colegas e a literatura para

ver como vamos proceder, mas os mantereí informados.

A reunião terminou e foram liberados para visitá-la.

Após a dolorosa visita, Marck, Beatriz e Nani partiram para Trindade, acompanhados de Gustavo, que não quis permitir a entrada deles na casa de Jackson para procurar o telefone da Sra. Edith. Beatriz ficara no Hospital desde de sexta feira e estava extremamente cansada, precisando repousar, preferiu ficar em casa ao invés de acompanhá-los, ainda estava magoada com Gustavo e preferia evitá-lo. Gustavo solicitou a eles que não colocassem as mãos em nada, deixando Marck muito irritado. Ao entrarem na sala, ele se sentou ao piano, recordando Júlia a dedilhar as teclas. Nani foi logo entrando no escritório, seguida de Gustavo, que ficava supervisionando. Quando saíram com a agenda de telefones na mão, ele perguntou a Marck.

— O que é isso?

Gustavo se referia a um porta retrato que Marck estava nas mãos.

— É uma foto ora... da Júlia. Eu vou levar - ele afirmou.

— Não pode fazer isso! Eu disse para não mexer em nada!

— Há é... e quem vai me impedir?

Marck fixou o olhar para ele. Estava só precisando de mais um motivo para dar-lhe na cara.

Percebendo sua irritação, Gustavo refletiu melhor e resolveu deixá-lo com a foto. Ele disse para Nani que ficaria com a agenda e ele mesmo ligaria para mãe de Júlia. Se retiraram. Marck foi levar Nani até a sua casa e no caminho ela o indagou.

— Não quero ser indiscreta Sr. Marck, mais a respeito da gravidez... isso é muito estranho para mim.

— Eu entendo que esteja intrigada.

— É que eles sempre tentaram...

— Essa criança é minha Nani - ele não deixou ela terminar a frase. — Nós ficamos juntos na noite em que Júlia tentou se matar. Ela não teve culpa, eu... - abaixou a cabeça envergonhado. — Ela estava tão frágil e sensível. Eu não consegui me controlar e a seduzi. Pode me odiar se quiser... vou entender perfeitamente.

— Não, não diga isso. Como posso odiá-lo? O senhor é uma pessoa muito boa. Desde que começaram a se encontrar na praia a tarde e brincavam com as crianças, eu pude notar que ela estava diferente. Era como se tivesse encontrado um motivo para seguir em frente. Levava uma vida infernal com aquele monstro, não sei como suportou isso por tanto tempo. Ultimamente ela estava mais leve, suave, eu sabia que alguma coisa estava acontecendo - Nani fez uma pausa, seus olhos estavam marejados e ela os enxugou para depois continuar. — Meu neto

também te adora. Sabe, ele não tem nenhuma referência masculina. O pai abandonou minha filha assim que ela engravidou. Meu filho trabalha no Rio e vem muito pouco para nos visitar, só tenho que agradecer ao senhor. Trouxe um pouco de luz para nossas vidas.

— Ele é um bom garoto Nani! - disse angustiado.

Eles chegaram e Marck pediu para ver Vitor. Pegou o pequeno no colo e afagou os seus lisos cabelos negros.

— Quem está doente?

A criança perguntou apertando os olhos.

— Como você sabe disso Vitor?

Marck tentava o distrair.

— Mamãe me falou que a vovó foi ao hospital

— Ahh!!

— Então? Quem está doente? Porque a vó Nani está chorando?

— É a Júlia, Vitor, ela... está muito doente...

Marck conseguiu dizer com a voz embargada.

— Você também vai chorar? Minha mãe disse que homem não chora.

— Pois ela está enganada, eu estou chorando, está vendo? Você também pode chorar quando se sentir muito triste ou quando estiver com dor.

— Não precisa chorar - Vitor falava fazendo carinho em seu rosto para que ele parasse com as lágrimas. — A doutora Bia é muito boa e vai curar a Júlia para nós.

— Eu espero Vitor!

Ele se sentiu aliviado pela simplicidade do garoto em resolver os problemas, pois não saberia como explicar e se despediu com um beijo. Nani o abraçou ternamente, pedindo para ele ter forças.

Capítulo 23

Jackson depunha na delegacia, enquanto Júlia era transferida para o hospital no Rio. Horas mais tarde, Gustavo procurou Beatriz no hospital.

- Eu vim avisá-los que o Sr. Jackson está solto. O advogado dele chegou com uma ordem de soltura assinada pelo Juiz. Ele aguardará o julgamento em liberdade.

— Isso é horrível - falou Beatriz. – O que ele alegou?

— Bom... contou que na sexta-feira, recebeu um telefonema da Universidade em que o irmão de Júlia estuda, informando que o rapaz sofrera um acidente de carro muito grave. Disse que ficou nervoso, pois Júlia sempre teve adoração por esse irmão e saberia que isso a deixaria muito abalada. Então, bebeu para criar coragem de contar à ela e chegando em casa mais cedo do que o costume, flagrou-a com o motorista em seu quarto. Que pareciam estar brigando e Júlia pedia que parasse com aquilo. Perdeu o controle e atirou no rapaz que caiu sobre ela fazendo-a bater com a cabeça. Também falou que sempre desconfiou que ela o traía, que gostava de sexo violento, de se drogar... e outras coisas. Enfim, não disse nada sobre a gravidez. A perícia encontrou um comprimido de ecstasy no chão do quarto. Acreditamos que se drogaram mesmo, ou pelo menos tentaram drogá-la. Vai ser a palavra dele contra a de Nani.

— Filho da mãe!! - Marck levou a mão a cabeça, não estava se sentindo bem. — Ele pode querer matá-la, para não correr o risco de ser condenado.

— Foi o que eu pensei Marck, vou tentar manter um policial para proteção dela.

— Você conseguiu falar com a mãe de Júlia? - interrogou Beatriz.

— Sim, ela disse não estar em condições de vir visitá-la, pois perdeu o filho em um acidente de automóvel. Isso confirma o que Jackson disse, o rapaz chegou a ser socorrido, mas faleceu à caminho do hospital. Dona Edith ainda está em choque.

— Meu Deus! Você disse que o caso de Júlia é grave? - Beatriz falou quase o repreendendo, pois ela mesma queria ter ligado.

— Sim, eu falei, ela pareceu não se importar. Disse que depois vai entrar em contato com o Sr. Jackson para saber o que realmente aconteceu. Eu disse que ele podia ser culpado e ela não acreditou... Vocês acham que esse acidente com o irmão tem alguma coisa a ver com o caso?

Beatriz balançou a cabeça pensativa e Marck concluiu.

— Claro, Jackson já devia saber que Carlos havia morrido no acidente, ele era o único motivo ainda que fazia Júlia manter esse casamento absurdo.

— Como assim?

— Ela tinha medo de deixá-lo e Jackson se vingar no irmão.

— Faz sentido... - Gustavo pensou em voz alta. — “Se ela pede o divórcio ele diz que prefere vê-la morta, se foge, ele mata o irmão..., como o irmão morreu.... ele resolveu matá-la acreditando que o deixaria de qualquer forma, colocando a

culpa em Tomas. Só não esperava que Nani estivesse me casa, já que era seu dia de folga.” Acho que as coisas estão se esclarecendo. Vou solicitar ao Ministério Público que entre com recurso contra a soltura, alegando que vítima e testemunha correm risco de vida. Infelizmente acho que nossas chances são poucas, visto a influencia que ele tem no meio jurídico.

— Concordo com você. Devíamos tirar Nani de circulação. Ela pode ficar em minha casa no Rio, o tempo que quiser. Acho que será mais seguro.

Eles tomaram todas as providências que acharam necessárias, Marck cancelou a viagem e aos poucos voltou a trabalhar, dedicava menos tempo a agência para acompanhar o estado de saúde de Júlia. Nani foi morar com ele. Toda semana ele mandava trocar as flores do quarto em que Júlia estava e costumava ler para ela sempre que podia, acreditava que ela pudesse ouvi-lo em algum lugar. Seu estado era estável, mas ela resistia em acordar.

Dr. Lansac marcou uma reunião com Marck e Beatriz, para avaliar a situação.

— Eu os chamei aqui porque minha posição é complicada. Não sei mais o que fazer. Isso aqui é um Hospital Público, já faz mais de trinta dias que Júlia está nos aparelhos. Você sabe como é Beatriz...

— Vamos transferí-la para um Hospital particular então - Marck se adiantou.

— Isso ficaria uma fortuna!

— Eu tenho algumas economias, posso vender alguns imóveis.

— Marck isso pode se estender por muito tempo - Bia o alertou.

— Isso não importa. Eu farei o que for preciso.

— Eu liguei para o senhor Jackson.

— O que? - ele ficou indignado

— Marck tenha calma, vamos ouvir o que Marcos tem para nos falar.

— Me desculpem, mas ele ainda é marido dela e embora seja suspeito pelo ocorrido, não foi condenado, ainda. Eu precisava consultá-lo, essa criança pode ter problemas e Júlia poderá não estar lá para ampará-la.

— O que ele disse? - Beatriz indagou.

Marcos abaixou o olhar ao responder:

— Ele se assustou com a novidade e é claro, disse para interromper a gravidez e autorizou o desligamento dos aparelhos. Um filho para ele não é bem vindo agora.

— Desgraçado, é conveniente para ele que Júlia não volte a acordar.

— Sei disso Marck, por isso mesmo os chamei aqui. Acho que não vou ter outra escolha. Vou pedir ao juiz responsável pelo caso decidir.

— Não pode fazer isso. Jackson conhece vários juízes e políticos, ele pode tentar manipular a decisão - Beatriz estava preocupada.

— O que faremos então?

— Esse filho é meu Marcos, eu o quero da maneira que for.

— Podemos fazer um teste de paternidade então e levaremos o assunto ao juiz com seu consentimento para mantermos os aparelhos e dar continuidade a gravidez. Devemos fazer tudo legalmente já que o caso é extremamente delicado.

— Isso vai trazer a traição de Júlia a tona e poderá ser um álibi para Jackson no julgamento.

— Sabemos disso Bia, mas acho que devemos priorizar as coisas e no momento o que me parece mais importante é manter Júlia e o bebê estáveis.

— Jackson vai desejar mesmo que ela morra quando for confirmado que não é o pai dessa criança.

— Eu vou contratar um serviço de segurança Marcos, ele pode tentar fazer alguma coisa.

— Não vai precisar disso, a entrada na UTI é bastante controlada.

— Me sinto mais seguro assim.

O teste de paternidade foi realizado com líquido colhido direto do cordão umbilical. Dona Tereza se emocionou ao ver o resultado nas mãos do filho. O neto que ela tanto queria estava a caminho e não importava como ele seria, ela estava cheia de amor para recebê-lo.

Diante dos documentos, o Juiz autorizou a manutenção dos aparelhos e da gravidez de Júlia e eles comemoraram a vitória, enquanto Jackson se revoltava ao saber que fora traído.

— Eu vou matá-la - ele disse furioso ao receber a notícia de seu advogado.

— Não poderá nem chegar perto do hospital que será preso. – o advogado o alertou.

— Como?... Como ela pôde fazer isso? Tão santinha... tão pura... Uma vadia! -

ele andava de um lado para outro enquanto falava. — Eu devia ter me certificado de que ela estava morta, devia ter atirado nela de uma vez.

— De nada vai adiantar isso agora Jackson. Precisamos pensar na sua defesa, isso vai ser bom para você. Podemos usar a infidelidade dela para amenizar sua pena. Os jurados gostam disso. Esposa jovem, marido traído é como novela, emociona.

— Eu não vou esperar o julgamento seu idiota. Não posso correr o risco de ser condenado. Só estou dando um tempo até a poeira abaixar para sair de cena.

— Não me disse isso!?

— Estou lhe dizendo agora! - gritou irritado.

— Se acontecer mais alguma coisa com ela, vai chamar atenção. Pensa bem, ela está em coma, dificilmente vai acordar, se o fizer com certeza ficará com sequelas. E a criança, pelo que ouvi pode ter problemas. O que pode ser pior do que isso?

O advogado estava certo, dificilmente Júlia recobriria a consciência, cada dia que passava essa possibilidade se tornava mais remota e manter a gravidez era uma loucura.

— Você tem razão - Jackie se voltou ao advogado. - Ela já teve o que merecia. Se tivesse morrido seria fácil demais para eles - ele refletiu um pouco e

continuou: - Eu preciso que me ajude a sair do país. Minhas contas pessoais estão bloqueadas. Preciso vender algumas propriedades para levantar um capital.

Jackie se sentou com o advogado e passaram a discutir uma maneira de se desfazer de suas propriedades, sem chamar a atenção das autoridades.

Capítulo 24

Nos meses seguintes Jackson se empenhou em levantar capital para tentar fugir do país. Não conseguia esquecer um minuto sequer que Júlia o havia traído e isso o consumia, corroía por dentro, como uma erva daninha que aumentava cada dia. Manteve-se afastado dos cassinos, para evitar confusão com a polícia. Sabia que estava sendo vigiado. Contratou um investigador inescrupuloso para chegar ao amante de Júlia. Marck foi seguido e fotografado várias vezes entrando e saindo do hospital, sozinho ou acompanhado de Nani e Beatriz. Tudo indicava que ele era o homem que Jackson queria.

O investigador entregou-lhe as fotos e ele se lembrou de Marck.

— Aqui está chefe! Marck Tuner, empresário, dono de uma agência de publicidade, 30 anos, solteiro, mora em um apartamento na Barra da Tijuca e tem fama de mulherengo. Endereço da agência, do apartamento, fotos, horários que costuma sair, enfim, ficha completa.

Jackie olhou com desprezo para as informações a sua mesa.

— Ele vai todos os dias no hospital, às vezes mais de uma vez por dia para visitá-la. Só pode ser ele.

— E aí chefe - observou um dos seguranças. – Damos um fim no cara?

— Não! - Jackson falou pensativo. — Quero que o tragam até mim.

Marck foi vítima de uma emboscada quando saia da agência tarde da noite. Dois homens armados o obrigaram a dirigir por horas até ficarem seguros de que não estavam sendo seguidos e só então o levaram a um velho barracão abandonado onde Jackson o aguardava. Ele ainda tentou persuadir os homens a deixá-lo e levarem o carro, mas levou um tapão no rosto e um “cala a boca!” Com a arma apontada na cabeça. Estava amarrado em uma cadeira e já havia apanhado um bocado quando Jackson apareceu.

Marck riu debochando.

— Eu já devia saber que era você que estava por trás disso! Gosta de bater em quem não pode se defender, não é?

— Cala a boca Sr. Tunner! Transou com minha mulher, sou eu quem fala agora!

Jackie segurou ele pelos cabelos puxando para trás da nuca, obrigando o encará-lo.

— Eu devia matar você por isso! Mas vou lhe dar uma chance - sussurrou-lhe ao ouvido. — Minhas contas estão bloqueadas, meus imóveis estão sob a custódia do estado. Tudo por conta daquela vagabunda que dormiu com você!

— Não fale assim dela! - seus olhos azuis o fuzilaram, expressando a revolta que sentia.

Jackie perdeu a cabeça e deu-lhe uma coronhada na têmpora, deixando-o atordoado por alguns segundos.

— Se não quiser apanhar mais, precisa ficar quieto seu playboyzinho de meia tigela! - ele gritou assim que percebeu Marck recobrando a consciência. — Vai me arrumar um milhão de dólares, para que eu deixe você e sua puta em paz!

— Eu... não tenho esse dinheiro! - disse com dificuldade, deixando a cabeça suja de sangue cair de lado.

— Se vira! Empresta! - Jackson esbravejou com ele. — Você tem três dias, senão me arrumar o dinheiro, vou dar um jeito de acabar de vez com ela. A vida dela tá por um fio mesmo, não vai ser difícil e depois dou um fim em você também.

— Vá pro inferno! - ele gritou reunindo toda a força que ainda lhe restava.

Quando recuperou a consciência novamente, estava amarrado no banco de trás do carro. Seguiam por uma estrada de terra. Ele pensou que seria seu fim,

lembrou-se de Júlia, de Beatriz o alertando sobre ela a primeira vez que a viu e não se arrependeu de nada do que havia feito, morreria por ela se fosse preciso. O carro parou no meio do nada e o homem que dirigia o arrancou jogando-o no chão. Sentiu o sabor da terra que grudou em seu rosto sujo de sangue.

— Você deixou o patrão bastante irritado! - disse o homem. — Tem sorte de ainda estar vivo! Nos encontramos de novo em três dias – alertou. — Vai encontrar um número de telefone no porta-luvas. Ligue quando tiver a grana.

Enquanto Marck tentava se ajoelhar, ele chutou seu corpo fazendo-o arquear de dor.

Outro carro se aproximou e eles partiram deixando-o jogado na estrada. Mesmo que conseguisse se levantar, não poderia ir a lugar algum, pois se mantinha amarrado. Esperou por horas até o dia amanhecer e o sol já estava lhe castigando o rosto quando foi encontrado por moradores locais.

Conseguiu chegar em casa por volta de 11:00 horas. Nani se assustou ao vê-lo entrar com a cara machucada, os cabelos desgrenhados e a roupa toda suja de sangue misturado com terra e suor.

— Meu Deus, o que foi que aconteceu? - ela disse levando as mãos a boca.

— Eu fui assaltado Nani! Mas está tudo bem, não se preocupe estou bem, só preciso de um banho - disse tentando acalmá-la e foi direto para o chuveiro.

Quando saiu Nani havia lhe preparado um leite morno com biscoitos e pão fresco.

— Obrigado Nani, você sempre é muito atenciosa.

Enquanto se servia, ele perguntou:

— Avisou alguém que eu não dormi em casa?

— Não Sr, me desculpe, eu... até pensei em ligar - ela estava envergonhada. — Mas o senhor é solteiro. Tem o direito de passar a noite fora.

— Ainda bem, não quero preocupar ninguém.

Nani ficou um tanto intrigada, fez algumas compressas para Marck, enquanto ele ligava para a agência. Pediu para Vanessa transferir seus compromissos da semana para Ruan, pois não se sentia em condições de trabalhar e passou o resto do dia no quarto, estava exausto e com dor, mas tal era a adrenalina que sentia que não conseguia fechar os olhos, passou a noite pensando.

No dia seguinte levantou e foi ao hospital. Queria passar o máximo de tempo com a mulher que amava. Milhões de pensamentos se passavam em sua mente e ele não sabia direito como agir. Nani percebeu que ele se comportava de maneira estranha. Só voltava para casa tarde da noite, e levantava bem cedo passando o resto do dia no hospital. No terceiro dia consecutivo, ele saiu com uma valise preta e avisou Nani que talvez não dormisse em casa. Dirigiu pela rua da orla até

se cansar parando em um local com poucas pessoas, pegou o celular e ligou para Jackson.

— Já tenho o que quer... - disse friamente.

— Muito bem Sr. Tunner. Nós vamos lhe buscar.

Não demorou muito para que o capangas, já conhecidos de Marck, chegassem ao local do encontro. E como ele já havia previsto, eles o levaram com a valise ao mesmo barracão de outrora. Jackson o aguardava. Marck entrou carregando a valise, seguido dos seguranças.

— Seu prazo venceu ontem Sr. Tunner, nós iríamos te procurar - Jackson falou com ar de autoridade.

— Aqui está - Marck jogou a mala próxima ao seus pés.

Jackson sorriu com ar de satisfeito e pegou a mala colocando-a sobre uma pequena mesa de madeira. Ela estava fechada com um cadeado.

— Não vai me dizer que esqueceu as chaves? - disse em tom irônico.

— Elas estão aqui! - colocou as mãos no bolso e jogou as chaves também no chão.

Jackson percebeu que ele estava querendo desconcertá-lo, mas se agachou novamente fingindo calma e recolheu as chaves que abriam a valise. Ficou chocado ao abrir a mala.

— Está vazia?

— Isso mesmo vazia - ele falou enquanto abria os braços.

— Seu estúpido, o que está pensando?

— Que a noite que tive com sua mulher não tem preço Sr. Jackson, não posso pagar por ela.

Os seguranças ficaram atônitos, Jackson franziu a testa gritando com ele.

— Está querendo morrer?

— Me faria um favor se fizesse isso agora! Minha vida não tem sentido sem ela.

— Idiota! Segurem este traste!

Os seguranças se aproximaram segurando-o pelos braços. Ele não relutou. Jackson se aproximou para olhar em seus olhos, empunhando uma arma, que apontou para sua boca. Marck não expressava emoção alguma. Tão frio era seu olhar, que Jackie se incomodou.

— Não se importa se eu a matar?

— Ela já está morta..., você a matou quando se casou com ela, obrigando-a a viver uma vida que não era dela, agredindo-a, obrigando a fazer coisas que não gostava.

— Como se atreve a dizer essas coisas... - Jackson gritava apertando a arma em seu rosto. — Eu a amava..., dei tudo para ela.

— Você nunca a amou. Casou somente para satisfazer seus caprichos. Comprou seu corpo, mas não seu coração.

— Já chega! Cala a boca seu playboy e se ajoelhe. Dê adeus a sua vida agora!

Enquanto se ajoelhava, ele fechou os olhos, nada mais importava. Não daria um tostão para Jackson, pois não daria a ele a oportunidade de escapar ileso do mal que causara a Júlia. Queria que ele fosse a júri público. Pediu perdão em silêncio para as pessoas que o amavam, por estar se entregando dessa forma. Foi única saída que encontrou para tentar impedir que Jackson fugisse. Lembrou-se de Júlia e apertou mais os olhos dizendo para si mesmo “te encontro em outra vida meu amor”.

O som estridente do tiro ecoou no velho galpão quase o deixando surdo. Sentiu os seguranças soltarem seus braços empurrando seu corpo para frente, fazendo-o cair de cara no chão. Seus pensamentos ficaram meio turvos, não teve discernimento do que aconteceu. Abriu os olhos quando ouviu uma voz conhecida.

— Meu Deus Gustavo, porque demorou tanto para atirar?

— Você me deixa nervoso! Eu disse para não vir.

Ele observou Jackson caído a sua frente gemendo de dor, pois levava um tiro no braço. Beatriz se dirigiu a ele.

— Marck está bem?

— O que faz aqui? - conseguiu falar, enquanto ela analisava o ferimento em seu rosto.

— Nós te seguimos! - observou Gustavo, enquanto recolhia a arma de Jackson.

— Nani nos contou sobre o assalto e achamos que estava com problemas. Eu e meus colegas estamos te vigiando desde então! - ele indicou dois policiais que entravam trazendo os seguranças já algemados.

Beatriz abraçou Marck, enquanto Gustavo ajudava ele a se levantar.

— Porque não nos contou?

— Não queria por a vida de ninguém em risco.

— Graças a Deus você está bem, com apenas alguns arranhões.

Ela ainda tentou verificar o ferimento no braço de Jackie, mas ele a repeliu enfurecido.

— Deixa ele Beatriz! A ambulância já está vindo.

Jackson foi levado ao hospital e submetido a uma pequena cirurgia para a retirada do projétil, em seguida foi encaminhado a prisão onde aguardaria o julgamento.

O tempo passou e a barriga de Júlia cresceu como um milagre, renovando as esperanças de Marck. Sophia nasceu perfeitamente saudável para a alegria de todos. Beatriz realizou a cesárea acompanhada de um colega do hospital. Eles fizeram tudo como se Júlia pudesse participar, colocando o bebê junto ao seu corpo após o nascimento, para que sentisse o calor da mãe. Marck acompanhou de perto e se abateu ao trazer Sophia para casa deixando Júlia para trás. Nani se emocionou ao acolher a criança no colo.

— Você parece um anjo, igual sua mãe - ela disse. — Não precisa se preocupar a Nani vai cuidar de você enquanto a mamãe estiver dormindo.

Nani nunca perdia as esperanças que veria Júlia entrando pela porta, brincando com ela da maneira que sempre fazia, como uma garotinha levada.

Capítulo 25

Dez meses se passaram do acidente e Júlia permanecia imóvel. Podia ouvir pessoas conversando e tentava abrir os olhos algumas vezes, mas o esforço era em vão.

— Acho que sua idéia é loucura Emilia.

— Eu já tenho permissão e de qualquer forma ela está em tratamento mesmo.

— Essa moça já passou por muita coisa, não sei se devíamos...

— Ela vai poder escolher Ivan. Vamos lá, se concentre.

Ele estendeu as mãos em direção ao corpo inerte de Júlia, assim como Emilia e ela fez uma linda prece. Podiam ver gotículas coloridas de luz que saiam de suas mãos e banhavam o corpo inerte. Permaneceram assim por um longo tempo. Fim da oração e da sessão de passes terapêuticos. Emilia segurou nas mãos de Júlia.

— Sei que pode me ouvir meu anjo! Agora quero que se concentre e tente abrir

os olhos!

— Vou deixá-las sozinhas agora! - avisou Ivan.

— Pode ir, acho que isso vai demorar mesmo.

Emilia se sentou ao lado da cama e esperou pacientemente. Algumas horas depois, Júlia abriu os olhos lentamente e pode ouvi-la dizer.

— Que bom que despertou. Como se sente?

A voz lhe pareceu familiar, mas Júlia não a reconheceu.

— Onde estou? - perguntou confusa.

— Você está num hospital. Não se lembra do que aconteceu não é mesmo?

— Não sei... minha cabeça parece vazia - disse se sentando na cama.

— Não se preocupe isso é normal. Talvez eu possa ajudá-la a se lembrar. Pode ser doloroso - Emilia lhe estendeu as mãos, querendo ajudar. Júlia titubeou um pouco, mas segurou nelas.

Como num redemoinho de imagens, Júlia viu o corpo de Tomas em cima dela socando-lhe a cabeça no chão até perder a consciência. Marck e Beatriz aflitos tentando socorrê-la, sirenes da ambulância... A expressão de dor em seu rosto fez Emilia soltar-lhe as mãos, trazendo-a de volta.

— Você está bem?

— Acho que sim - ela colocou a mão na cabeça e se deitou encolhida, tentando buscar as respostas. - Como se chama?

— Ah! Me desculpe! Não me apresentei. Eu sou Emilia.

— Emilia... - ela repetiu o nome, pois parecia que não conseguiria gravar - Pode me chamar a Dra. Beatriz, por favor, eu estou meio confusa, e acho que ela poderá me ajudar.

— Desculpe Júlia, a Dra. Beatriz não está por aqui. Você está num lugar especial - elas silenciaram enquanto Emilia procurava as palavras.

— Emilia me diz, por favor, eu... estou morta?

— Não, meu anjo..., você não morreu, embora seu corpo esteja bastante machucado pelas agressões que sofreu, você é uma guerreira e os médicos estão fazendo tudo que podem para mantê-la viva.

— Então..., o que estou fazendo aqui?

— Seu espírito está livre, ou melhor, ainda está preso em seu corpo e como ele não te responde mais, ele está vagando.

— É difícil entender.

— Por hora é melhor descansar, as respostas virão com o tempo - Emilia se levantou ameaçando ir embora.

— Por favor, não vá ainda, eu não gostaria de ficar sozinha.

— Está bem meu anjo! Vou ficar aqui até você adormecer.

Júlia fechou os olhos e segurando nas mãos de Emilia adormeceu rapidamente.

Quando despertou novamente, Emilia estava lá.

— Pensei que estava sonhando..., mas parece que você é real.

Emilia gargalhou.

— De certa forma sim..., mas não de “carne e osso”.

— O que quer de mim? Porque eu estou aqui?

— Nossa, parece que já está bem melhor para conversarmos.

— Eu só estou procurando entender.

— Está bem, vou tentar. Você se feriu gravemente e está entre a vida e a morte, mas seu espírito está vivo dentro de você e embora esteja aqui, ainda está preso ao seu corpo numa espécie de cordão energético que chamamos de “cordão de prata”. Como seu corpo não responde mais as suas vontades, seu espírito está buscando no mundo astral os elementos dos quais necessita para continuar mantendo a saúde e a imunidade natural de seu organismo.

— É complicado... Acha que ainda vou voltar?

— Sempre que interagem com seu corpo você volta, minha querida.

— Não estou falando disso - ela disse um pouco aflita. — Estou falando...

— Se vai morrer? Isso só o tempo vai dizer, não devia se preocupar com isso agora.

No momento seguinte, Júlia se ligou rapidamente ao corpo.

Ivan entrou no quarto.

— Como estamos indo?

— Acho que tudo bem. Ela ainda está um pouco assustada.

— Procure não perdê-la dessa vez. Não é muito fácil encontrá-la - ele alertou.

— Não se preocupe estou de vigília, estarei à ampará-la assim que se desligar novamente.

Com o tempo Júlia se acostumou com as viagens astrais e gostava de conversar com Emilia. Conheceu também Ivan, e embora eles a levassem a andar pelos aposentos do hospital, nunca saiam dele.

Emilia lhe explicou que como seu corpo estava vivo, seu espírito ainda estava ligado à crosta terrestre e podia ter experiências muito desagradáveis se saísse por aí sozinha, pois estava frágil e vulnerável. Quando despertava no quarto e Emília não se encontrava ela esperava pacientemente a volta da amiga. Seus pensamentos eram confusos, não se lembrava direito das coisas e sentia medo de fazer algo errado e não conseguir voltar.

Emília demorou para aparecer o que a fez ficar ansiosa.

— Júlia minha amiga, não parece muito bem hoje.

— Estava preocupada com sua demora, pensei que não a veria mais.

— Ah meu anjo, eu nunca vou te deixar, eu sou seu guia - Emilia revelou a abraçando com carinho.

— Você é sempre tão boa para mim.

— Estou apenas retribuindo tudo o que já fez por mim em outras ocasiões, acredite.

— Não estou entendendo. O que quer dizer?

— Que você também já me ajudou e muito e se sou assim hoje, devo muito aos seus ensinamentos.

Júlia escutava com atenção, embora muito confusa.

— Sabe, meu anjo, às vezes nós nos propomos a fazer algo e acabamos não conseguindo concretizar, pois a vida nos proporciona caminhos diferentes e nos

desviamos desses propósitos seduzidos pelos prazeres que ela nos dá. Você já me ajudou muito em outros tempos, por isso me ofereci para ajudá-la dessa vez.

— Está sendo misteriosa com essas palavras, eu não entendo.

— Tudo tem seu tempo. Quando chegar a hora vai entender... agora é tudo que posso lhe revelar. Trouxe alguém que está ansiosa para lhe ver. E nós vamos lhe fazer um pedido.

Júlia olhou curiosa para Emilia, que caminhou até a porta permitindo a entrada de Ivan com uma senhora de cabelos grisalhos.

— Júlia, está é Antônia, acho que não vai se lembrar dela. Quando ela veio para colônia, você ainda era muito pequena. Ela é sua avó.

Emocionada Antônia a abraçou chorando. Júlia a recebeu com carinho, sentia algo de familiar nela, mas realmente não se recordava.

— Minha filha você deve estar assustada com toda essa situação, sei que não merecia estar passando por isso, às vezes pagamos um preço alto por querer ajudar os outros - Antônia se referia às condições cármicas pelas quais Júlia estava passando, havia sido proibida a falar sobre isso, portanto Ivan interrompeu.

— Bom, Antônia, não foi por isso que viemos aqui, não é, precisamos do auxílio de sua neta.

— Eu não sei..., o que posso fazer para ajudá-los?

— É seu pai minha filha.

— O que tem papai, eu posso vê-lo? Como não pensei nisso antes, estou confusa, minha cabeça parece oca, eu não consigo me lembrar das coisas.

— Não sabemos onde ele está Júlia - Emilia se adiantou.

— Precisamos de sua ajuda para encontrá-lo. Ele tem uma ligação muito forte com você, de outras vidas.

Júlia escutava com atenção, procurando não esquecer nada.

— Já o resgatamos outras vezes das zonas inferiores, mas ele insiste em se punir e não quer ajuda e agora depois do que aconteceu com seu irmão.

— O que tem meu irmão?

— Ela ainda não sabia do irmão? Isso pode ser um choque e voltaremos a estaca zero - Ivan olhou para Emília.

— O que aconteceu com meu irmão? Emília, por favor... - Júlia suplicou a ela.

— Eu sinto muito dizer isso a você Júlia... Ele sofreu um acidente de carro e... está morto...

Ela apagou... e lágrimas correram de seus olhos.

— Enfermeira! Enfermeira! - Marck correu pedindo auxílio a enfermeira de plantão.

— O que foi Sr. Tuner.

— Minha mulher está chorando, podia ligar para o médico.

— Sr. Tuner, isso é comum em pacientes em coma, talvez ela apenas esteja tendo um sonho ruim, reze para ela.

Marck ficou irritado com a resposta, pegou o celular e ligou para Beatriz, mas infelizmente ela confirmou o que a enfermeira havia dito, só que de uma maneira menos irônica e tentando confortá-lo avisou que iria ao hospital para examinar Júlia.

Passaram-se 2 meses e Júlia não despertou mais, embora Emília e Antônia se revezassem em seu quarto, com preces e passes terapêuticos, seu espírito, assim com seu corpo estavam esgotados.

— Eu sinto muito Emília, não devia ter me precipitado.

— Não precisa se preocupar, de qualquer forma ela iria ficar sabendo a verdade. Pena ser eu a ter que contar a ela.

— Preciso lhe dizer uma coisa... Andei conversando com Ivan e ele acha melhor nós deixarmos Júlia fora dessa história. Ela já sofreu bastante e não vai ser bom ficar exposta.

— Também acho melhor, nunca me perdoaria se acontecesse algo pior.

— Do que vocês estão falando? - Júlia se manifestou levantando da cama.

— Ah meu anjo, que bom que voltou.

— Emília, vovó, do que vocês estão falando?

Elas se olharam, questionando se deviam ou não contar-lhe a verdade. Júlia insistia, estava ansiosa.

— É melhor chamarmos Ivan, ele vai explicar a você.

Estando a par da situação, Ivan logo se juntou a elas, e começou a esclarecer os fatos.

— Sabe Júlia, sua avó está empenhada no resgate de seu pai, mas ele resiste em receber ajuda, procurando vingança dos males que sofreu na vida terrena, sem se dar conta de que isso faz mal principalmente a ele mesmo. Achávamos que com sua ajuda poderíamos convencê-lo de alguma forma a ficar na colônia e receber o tratamento necessário para sua recuperação, mas depois do que aconteceu, temo que seria perigoso transitar com você por aí. Não podemos te expor aos perigos do umbral.

— Eu não estou entendendo, sei que posso ajudar, é meu pai, eu quero ir vê-lo.

— Não seria prudente de nossa parte expô-la a isso. O umbral é um lugar perigoso, um local de dor e sofrimento. Ele recebe toda energia negativa da terra. Espíritos errantes e sofredores que não aceitaram ainda sua condição permanecem ali se alimentando da energia dos habitantes da terra. Seu corpo poderá sofrer sérias complicações e você não está nada bem.

— Eu estou bem, ficarei pior se souber que não fiz nada para ajudá-lo.

Emilia olhou para Ivan, essa era a sua garota, decidida, guerreira. Antônia a abraçou.

— Poderá ser doloroso para você minha querida.

— Não importa se eu morrer. Acho que morrer tentando ajudar quem eu amo será melhor do que tudo o que fiz na vida.

— Você deixará Marck... Ele te ama de verdade. Já renunciou o seu amor uma vez...

Ivan tentava fazê-la desistir da idéia, apelando aos seus sentimentos.

— Marck... - ela disse recordando-se de sua imagem. — É incrível como posso sentir o amor dele daqui... Não... - ela balançou a cabeça. — Ele não me faria escolher. E olhem para o meu corpo, acho que não tenho muitas chances de voltar.

— Só estou querendo protegê-la - Ivan olhou para ela ponderando a situação. — Está bem sua teimosa, começaremos amanhã então, mas prometa que vai nos dizer se não estiver se sentindo bem.

— Prometo.

— Emilia vai lhe explicar algumas coisas, e procure descansar, pois vai precisar de muita energia.

Ivan se retirou com Antônia, deixando Emília e Júlia sozinhas. Emília tinha muita coisa à explicar a Júlia e isso era um assunto longo e delicado. Antes mesmo de começar ela indagou:

— O que Ivan quis dizer com: “você já renunciou ao seu amor uma vez?”

— Não se lembra não é meu anjo, isso foi há muito tempo.

— Pela sua cara, não poderá me revelar, não é?

— Não devia, mas talvez isso a faça pensar melhor e será mais sensata em sua decisão de nos ajudar. Vai ser muito perigoso para seu corpo.

— Quanto a isso não tenho dúvidas sobre minha escolha.

— Veremos! O que posso lhe dizer é que você, Marck, e Jackson já formaram um triângulo amoroso em outros tempos...

Julia sentou-se sobre a cama e cruzou as pernas, procurando prestar atenção e Emilia continuou:

— Jackie era o melhor amigo de Marck, eram inseparáveis, até que te conheceu e vocês se apaixonaram. Inconformado por perder a companhia do melhor amigo e enciumado por você ter preferido Marck ao invés dele que pertencia a uma nobre família, ele inventou que estava muito doente e que teria pouco tempo de vida. Marck e você decidiram romper com o romance e você se casou com Jackie para que ele pudesse realizar o sonho de ter um filho antes de morrer... Você descobriu a farsa de Jackie e se recusou a dormir com ele, ameaçando abandoná-lo e contar tudo para Marck. Bom, então...

— Ele me matou - completou Júlia. – Ele sempre diz que prefere me ver morta a me deixar ir.

— Sim, ele a matou, colocando veneno em seu chá. Todos lamentaram o infortúnio de sua morte súbita, mas nunca desconfiaram dele. Com medo de ser descoberto e sem saber como se explicar sobre sua doença fictícia, ele foi embora do país, alegando que passaria o resto de sua vida viajando e nunca mais souberam dele. Marck nunca se casou, se entregou a bebida e teve várias mulheres.

— Isso explica muita coisa e também me traz muitas perguntas.

— Eu sei, meu anjo, mas não precisa saber de tudo agora, o tempo vai lhe revelar. Bem... os anos se passaram e vocês tiveram a oportunidade de se reencontrarem no plano espiritual. Marck estava tão feliz de ficar ao seu lado e perdoou o amigo assim que ele se mostrou arrependido de todo o mal que lhes causara. Juntos, vocês decidiram dar uma nova oportunidade a Jackie, dessa vez ele os apadrinharia. Algumas medidas de precaução foram tomadas uma vez que quando nascemos de novo nos esquecemos dos compromissos assumidos por nosso espírito. Jackie nasceria antes, não poderia ter filhos, ele mesmo desejou tudo isso!... Quer que eu pare um pouco meu anjo, você parece cansada.

— Não, por favor ! É tão fascinante saber dessas coisas.

— Antônio seu pai, não concordou muito com esses planos reencarnatórios achando que Jackson ainda não estava preparado para voltar, na época ele era seu mentor espiritual uma espécie de conselheiro. Tentou de várias maneiras convencê-los de que ainda era cedo para voltarem, mas você insistiu com ele e acabou o convencendo. Achando que deveria ajudá-los, ele solicitou autorização para vir como seu pai, para poder estar por perto e protegê-la. Entende agora por

que ele sofre tanto com o que aconteceu e não consegue se perdoar?

Júlia balançou a cabeça consentindo, não disse nada. Seus olhos estavam cheios de água. Emília a abraçou. Eram muitas emoções para ela e achou por bem que descansassem um pouco. Ela acolheu Júlia em seus braços e fez algumas orações, aplicando-lhe passes terapêuticos.

— Vai se sentir melhor meu anjo, agora seria bom descansar.

Capítulo 26

As primeiras tentativas de busca à Antônio foram frustrantes, Júlia passou mal, o cheiro forte de enxofre e as energias negativas tiveram sobre ela uma influência devastadora e Ivan achou melhor eles retornarem. Somente na terceira vez é que Júlia se manteve estável e conseguiram localizar Antônio através de sua intuição.

Ele parecia um mendigo, vestia roupas velhas e sujas e se escondia encolhido num beco escuro e úmido, com um velho cobertor que exalava um forte cheiro de uréia.

— Pai! - ela se aproximou sem medo, sem hesitar.

Ele levantou um pouco a cabeça, desconfiado e ela tirou o capuz que cobria os seus cabelos, se revelando.

- Júlia! Meu bem, o que você está fazendo aqui? O que aconteceu a você? Não posso acreditar! Você está morta? Aquele desgraçado... O que fez a você?

— Pai.... O que está fazendo? Precisa de ajuda.

— Não..., não meu anjo - ele dizia ameaçando colocar as mãos em seu rosto, mas logo se encolhia envergonhado. Suas mãos e seu corpo estavam cheios de feridas, amarradas com trapos de roupas sujas.

Ela procurou abraçá-lo e confortá-lo e ele se esquivou, afastando-a de seu corpo.

— Não meu bem não faça isso, seu pai não merece... Eu sou um lixo.

A emoção tomou conta de ambos, enquanto isso, Ivan, Emilia e Antônia os cercaram e com os braços abertos emitiam vibrações, tentando proteger Júlia.

— Pai não diga isso! Eu te amo!

Antônio gemeu de dor como se recebesse uma facada com essas palavras.

— Não diga isso! - ele gritou. — Como pode amar um homem que estragou sua vida!

— Eu o amo, Pai, por isso estou aqui. E vou buscá-lo onde for preciso, até que me escute.

Antônio desatou a chorar, se permitindo ser abraçado pela filha.

— Você morreu?

— Não, isso não importa agora, precisa tirar esse ódio de seu coração, só assim vai se sentir melhor, não percebe que o ódio que sente se volta contra você mesmo?

— Eu não consigo. Preciso me vingar dele Júlia! Ele me tirou tudo o que eu amava!

— Às vezes, nossa vida toma o rumo que nós mesmos escolhemos. Não pode culpá-lo por tudo Pai.

— Eu não tenho mais salvação Júlia! Sou um fraco! Estou condenado, vai embora, me deixe! - Antônio a empurrava tentando se livrar dela.

— Sem chances, agora que o encontrei não vou mais te deixar.

— Acha mesmo que posso perdoá-lo, ainda mais agora com você morta?

— Pai eu não morri - apesar da emoção Júlia falava com muita clareza, envolvida pela energia dos amigos fraternos. — Eu estou em recuperação e seria muito bom para mim saber que o senhor está bem.

— Você, vocês estão tentando me enganar... Sei que minha filha morreu.

— Ela ainda não morreu Antônio, está dizendo a verdade, mas sua saúde pode piorar muito se você se manter ligado a ela no estado psíquico em que se encontra - Ivan tentou ajudar com as palavras.

— Eu não posso, não consigo...

— Você não precisa perdoá-lo Antônio, só precisa tirar o ódio de seu coração. Mesmo porque perdoar não significa aceitar o que o outro nos fez de mal. Apenas não pode querer vingança por suas dores. Essa angústia que sente não vai passar se conseguir o que quer.

— Pai! Por favor, vem com a gente.

Antônio se rendeu as apelações de Júlia e as palavras sábias de Ivan e retornou com eles. Ivan achou melhor eles permanecerem num dos postos de socorro, localizado para atendimento emergencial, a fim de recuperarem a energia utilizada para proteção, antes de voltarem à colônia. Júlia estava esgotada, as energias negativas da crosta tinham influencia em seu espírito mais do que neles. Assim, como Ivan temia, seu estado psíquico atingiu o seu físico, refletindo em seus exames.

— Emilia, preciso lhe dizer uma coisa.

— O que foi?

— Não me sinto bem, é estranho, acho... que estou morrendo.

— Você está com medo?

— Medo? Não, quer dizer... não sei, tenho medo que isso atrapalhe na recuperação de meu pai.

— Meu anjo, não deve se preocupar com isso, não vamos mais perdê-lo. Acho melhor mesmo você se afastar um pouco, para vermos como ele reage. Você precisa se poupar.

— Mas ainda quero fazer tanta coisa.

Emilia sorriu.

— Ainda vai fazer muitas coisas meu anjo, acredite!

— Emilia, preciso saber como está meu irmão, será que posso encontrá-lo?

— Sinto muito Júlia, ele estava drogado quando sofreu o acidente e continua ainda numa espécie de transe, não acredita que morreu.

— Talvez eu possa ajudá-lo também, como a meu pai!?

— Não creio que pode, ele já está recebendo a assistência de que necessita. Eu sinto muito Júlia, você também não está em condições, já ultrapassamos seu limite. Ele vai ficar bem acredite, tem um bom coração. Podemos orar por ele, o que acha?

Júlia consentiu, embora quisesse muito ajudar o irmão, percebia que não estava em boas condições para fazê-lo. Precisava se recuperar, assim escutando a prece de Emilia, adormeceu retornando ao seu corpo físico.

Beatriz atendeu ao celular enquanto fazia visitas de rotina.

— Nós a estamos perdendo Beatriz! - Dr. Marcos falou ao telefone. — Eu sinto muito.

— Acho que já esperávamos por isso Marcos. Pode deixar que eu converso com Marck.

Capítulo 27

Passava de 20:00 h quando Marck chegou do trabalho, estava cansado e abatido. Sua mãe o aguardava com a presença de Beatriz. Surpreso, ele foi logo perguntando.

— O que está acontecendo? Por acaso esqueci de alguma data importante?

— Não Marck - disse Tereza. – Nós queríamos lhe falar sobre Júlia.

— O que tem ela? Acabei de passar no hospital , mas não vi o Dr. Marcos hoje.

— Marck meu filho, as chances de que ela melhore estão cada vez menores. Você precisa continuar sua vida.

Ele já sabia o que ia ouvir, mas ficou chocado.

— Marck! - Beatriz se aproximou e segurou sua mão. – Sua mãe me chamou aqui para que eu pudesse ajudá-la nessa conversa. Isso não foi idéia minha, mas talvez ela tenha razão. Marcos me ligou hoje a tarde e disse que os exames de Júlia não estão bem.

— Querem que eu autorize a desligar o aparelho? - disse incrédulo, alterando sua voz. – Não posso acreditar nisso! Eu não posso fazer isso, ok? Não posso deixar

ela partir.

Enchendo os olhos de lágrimas, desolado ele se jogou no sofá. Beatriz também chorava enquanto falava.

— Talvez a gente só esteja prolongando o sofrimento dela. Pensa nisso.

— E ela já te deu a Sophia, meu filho!

— Eu não vou fazer isso ok? Não vou. E por favor me deixem em paz! – se levantou e avisou que sairia para dar uma volta com o cachorro. Bia se ofereceu para acompanhá-lo e ele recusou.

— Quero ficar sozinho!

Na praia ainda havia algumas pessoas. Ele se sentou na areia e soltou Dallas um pouco para que pudesse correr.

A brisa do mar tocava suavemente sua pele, acalmando-o. Lembrou-se de quando teve Júlia pela primeira vez. “Talvez ela precisasse mesmo se livrar de todo sofrimento que tivera nessa vida”. Marck soluçava.

Assoviou, chamando Dallas para perto e pode observar que alguém se aproximava.

— Oi Marck, sabia que era você quando vi Dallas! Espero não estar incomodando.

Era Melissa, a vizinha do 14º andar de seu prédio.

— Não - ele disse limpando os olhos. — Quer se sentar?

— Está chorando?

— Acho que entrou um pouco de areia nos meus olhos.

— Deixe-me ver!

Melissa segurou suavemente em seu rosto e viu que lágrimas teimavam em brotar nos seus olhos, escorrendo-lhe pela face.

— Meu Deus Marck, está acontecendo alguma coisa? Posso ajudá-lo?

— Não! Só Deus poderia me ajudar.

— Quer que eu vá embora?

— Não precisa, pode ficar!

Ela o abraçou, confortando-o e ficaram assim um tempo até ele se acalmar.

— É melhor irmos embora - disse se levantando e prendendo Dallas na coleira.

— Já está ficando tarde.

— Você ainda está muito tenso. Podíamos tomar um drink na minha casa e eu lhe faço uma massagem. O que acha?

Ele hesitou, lembrando-se de Júlia, mas talvez Beatriz e sua mãe tivessem razão e ele precisasse recomeçar sua vida e Melissa era uma bela mulher. Sem saber ao certo o que fazer, se deixou levar.

— Ok! Só vou deixar Dallas em casa!

Melissa o acompanhou. Aquele homem era extremamente interessante e ela não podia correr o risco dele mudar de idéia. Já em seu apartamento, ela preparou-lhe uma bebida forte, tirou-lhe a camisa e virando a cadeira, pediu para que se sentasse abraçando o encosto. Começou a fazer a massagem. Suas mãos eram delicadas e macias. Marck fechou os olhos e imaginou Júlia tocando em sua pele. As mãos de Melissa iam explorando seu corpo e lhe despertando fantasias. Quando já estava extremamente excitado, ele a puxou para si fixando seu corpo no dela, ela gemia de prazer enquanto ele a possuía... Marck respirou aliviado quando acabou e acordou com os protestos de Melissa.

— Marck acorde! O que está fazendo? Vamos para cama!

Envergonhado, viu que suas calças estavam molhadas. Havia sonhado com Júlia em seus braços.

— Me desculpe, Melissa! Não posso fazer isso!

Ela ficou indignada, observando-o vestir a camisa se desculpando e sair, sem ao menos beijá-la.

Capítulo 28

Dias após a conversa com Beatriz e Tereza, ele finalmente decidiu autorizar o desligamento do aparelho de ventilação artificial que mantinha Júlia respirando, seu coma já persistia por 12 meses. Dr. Marcos Lansac havia lhe explicado que muitas pessoas no mesmo estado de Júlia, ainda viviam anos sem o auxílio desse aparelho e ele também havia lido sobre casos semelhantes na internet.

Vencido o medo de perdê-la para sempre e convencido de que isso seria o melhor para ela, assinou os papéis da autorização com lágrimas nos olhos.

Aquele dia não foi trabalhar, queria acompanhar todo o processo no Hospital. Minutos antes do procedimento se realizar, pediu para os deixarem um pouco a

sós. Eles concordaram em aguardar ao lado de fora.

Aproximou da cama e a olhou ternamente, querendo gravar sua imagem para sempre. Segurou sua mão fria e delicada e sentou na cama enquanto lhe dizia:

— Ah Júlia! Porque isso foi acontecer?... Se eu pudesse te levaria daqui em meus braços para onde você quisesse.. Porque não me ouve meu amor... volta para mim.... É difícil saber que não vou mais vê-la ou tocá-la... você vai estar livre agora, vai poder voar se quiser... – Marck acariciava sua mão enquanto as lágrimas corriam soltas por seu rosto - eu... só estou tentando fazer o que acho que é melhor para você. Eu sempre te amarei não importa onde você esteja. Lamento pelas coisas que nunca faremos juntos... A nossa filha... foi a melhor coisa que já me aconteceu... prometo que vou cuidar dela... e vou lhe contar tudo sobre você... Ela se parece com você meu amor, queria tanto que pudesse vê-la...

A porta do quarto se abriu e Beatriz entrou.

— Marck! Sinto muito, não podemos mais esperar.

— Tudo bem! Eu posso ficar?

— Você não devia, está esgotado - ela passou as mãos em seus cabelos. — porque não vai para casa e fica um pouco com Sophia, eu lhe mantenho informado.

— Eu... preciso ficar!

— Está bem, vou chamar a equipe.

O desligamento do ventilador mecânico foi realizado de forma gradual, Júlia se manteve estável durante o processo, e após duas horas de monitoramento foi realizada a extubação completa. Para alívio de Marck, ela respirou normalmente sem o aparelho, não sabiam ainda por quanto tempo, mas isso ainda lhe dava esperança.

Seu semblante ficou sereno sem a presença daquele tubo e ela parecia um anjo, apenas descansando.

Os dias se passavam e tudo permanecia como antes. Um mês após o desligamento do respirador mecânico, Marck se encontrou com a fisioterapeuta na porta do quarto de Júlia. Pessoas no estado de coma recebem tratamento fisioterápico para evitar a atrofia muscular e Dra. Cristina fazia esse trabalho com Júlia desde o começo do acidente. Ela conhecia toda sua história de amor e dedicação.

— Marck! que bom te ver! - disse satisfeita abraçando-o.

— Bom também!

— Eu estava querendo te parabenizar! Pela sua decisão.

Dra. Cristina se referia aos aparelhos.

— Foi muito difícil!

Ele estava apático.

— Eu imagino querido, mas pode ter certeza que tomou a decisão certa.

— Ainda me pergunto sobre isso! Espero que Sophia me perdoe.

— Não pense assim! Júlia parece bem melhor agora sem aquele tubo. Seu semblante melhora a cada dia que passa, é como se toda a sua dor estivesse se esvaindo aos poucos.

— Obrigada pelas palavras doutora, só espero que isso não signifique que ela esteja nos deixando.

— Marck! Não pense assim, acredite, a vida não acaba com a morte do corpo, eu sinto muito por você e Júlia. Estarei orando pelos dois!

— Obrigado!

— Não quero atrapalhar sua visita! Entre logo, hoje ela está especialmente mais bonita.

Após se despedirem, ele entrou no quarto. Júlia estava realmente muito diferente, menos pálida, mais suave. Nani havia estado com ela de manhã, e arrumou seus cabelos e pintou suas unhas. Lembranças invadiram o pensamento de Marck, ele a beijou e se jogou na poltrona ao lado da cama. Abriu um livro que trouxera e começou a ler para ela em voz alta. Quando terminou o capítulo, fechou o livro dizendo:

— Preciso ir embora mais cedo meu amor, Nani está fazendo aniversário hoje e eles me aguardam para cortar o bolo. Ela tem sido muito boa com nossa filha - segurando nas mãos de Júlia, ele se levantou e beijou seus lábios se despedindo. Ao se afastar, teve a sensação de sentir um leve movimento dos seus dedos. Ele hesitou, seu coração bateu descompassado e segurando novamente nas mãos dela, se aproximou de sua face.

— Júlia meu amor, você pode me ouvir?

E para surpresa de Marck, lentamente ela abriu os olhos e inclinou a cabeça em sua direção. Uma lágrima correu-lhe pela face. Ela tentou falar, mas não conseguiu. Uma expressão de dor tomou conta do seu rosto.

Para Júlia o tempo não havia passado, ainda estava vivendo o pesadelo daquela noite. Aflita, ela começou a chorar.

— Não chore meu amor por favor ! Eu estou aqui, está tudo bem! Você está no hospital, ele falava tentando consolá-la, ao mesmo tempo em que acionava a campainha solicitando a presença da enfermeira para ajudá-los.

Depois disso, ele só a deixou quando ela adormeceu, mesmo assim teve medo que fechasse os olhos novamente, mas Dr. Lansac achou melhor sedá-la, pois estava muito agitada, e quase tirou o cateter com movimentos involuntários que conseguira fazer. Se tudo corresse bem no dia seguinte lhe tirariam o cateter. Marck ficou no hospital, queria estar no quarto quando ela despertasse.

Quase não dormiu, tal era a ansiedade que tinha em vê-la abrir os olhos. A noite se arrastou. Quando amanheceu o dia, ele sentiu Júlia mexendo com os dedos novamente.

— Meu amor, você acordou?

Ela abriu os olhos meio sonolenta. Marck chorou, enquanto beijava suas mãos dizendo:

— Eu sabia que ia voltar para mim...

Alguns dias se passaram, aos poucos ela ia se adaptando as suas limitações e tentando superá-las com a ajuda da fisioterapia e fonoaudiologia, a recuperação era lenta e necessitava de muita dedicação dos médicos e da paciente.

Marck chegou ao final da tarde com um presente. Ele abriu, pois ela ainda não conseguia coordenar os movimentos. Era um celular. Júlia olhou para ele curiosa, ainda não conseguia se expressar de maneira correta.

— Isso é para você ligar para mim se precisar, sentir minha falta ou qualquer

outro motivo. É só você apertar esse botão, eu já programei tudo, você não precisa falar nada. Eu virei até você. Pode ser qualquer hora do dia ou da noite, se precisar me chame que virei ao seu encontro.

Júlia nunca teve um celular, Jackson nunca permitira. Nem era autorizada a usar o telefone de casa se não fosse para ligar a ele. Ela sorriu emocionada tentando abraçá-lo.

— Obrigado por estar aqui! - conseguiu falar.

Marck a beijou, confortando-a

— Eu nunca vou deixá-la, meu amor!

Capítulo 29

Passados quatro meses de que Júlia recobrou a consciência. Lentamente ela recuperava os movimentos, fazendo de 6 à 8 horas de sessões de fisioterapia por dia.

Dr. Marcos ligou para Marck.

— Marck, acho que chegou a hora.

— Tem certeza, doutor? Não quero que nada de ruim aconteça, ela já sofreu muito esta semana, quando contamos do irmão, eu... não posso perdê-la novamente.

— Por isso mesmo Marck, acho que já sofreu bastante. O tratamento é muito intensivo e a recuperação é lenta, ela precisa de uma motivação. Também temos uma surpresa para você!

Eles marcaram para o encontro para às 15:00hs. Júlia estaria na sala de fisioterapia e alguns cuidados foram tomados, para quando recebesse a notícia. Marck levaria Sophia.

Aquela tarde Júlia percebeu algo estranho no comportamento da equipe médica. Todos estavam excessivamente cuidadosos com ela e haviam mais médicos e enfermeiros na sala do que o costume. Ela sabia que Marck viria, havia conversado com ele a pouco no celular e estava ansiosa para mostrar-lhe que já conseguia ficar em pé sozinha e até trocar alguns passos, mas não pensou que teria uma platéia.

Marck abriu a porta e com seu sorriso encantador de sempre perguntou:

— Eu já posso entrar?

— Não! - Júlia respondeu e todos ficaram surpresos.

— Preciso lhe mostrar uma coisa.

Marck ficou parado na porta. Júlia estava em pé na barra de apoio. Ela caminhou, trocando os passos cuidadosamente, apoiando os braços nas barras laterais até o final.

— Muito bem, meu amor!

Ele caminhou em sua direção.

— Espere! Volte para lá!

Ele se afastou um pouco. Todos ficaram olhando para ela. Júlia respirou fundo e lentamente continuou andando em direção a Mack, sem ajuda das barras. Ele a abraçou e não pode conter as lágrimas. Júlia podia ouvir o seu coração batendo acelerado! Passou as mãos delicadamente em seus cabelos negros, acariciando-o.

— Desculpe! Por fazê-lo sofrer tanto!

Ele a beijou.

— Você sempre me faz feliz Júlia! Trouxe motivo para minha vida! Eu fui o homem mais feliz desse mundo quando te amei! E mesmo quando você me deixou e mergulhou nesse sono profundo, ainda assim me surpreendeu e me deu o melhor presente que um homem pode receber de uma mulher...

Marck chorava emocionado e Júlia não entendia direito do que ele estava falando.

Orientada por uma enfermeira, Nani entrou na sala trazendo Sophia ao colo, a criança já tinha 9 meses. Todos ficaram em silêncio.

Júlia olhou a criança nos braços de Nani, intrigada.

— Essa é Sophia..., nossa filha! - ele conseguiu dizer.

Ela hesitou, olhou ao redor da sala procurando Dr. Marcos ou Beatriz para que lhe explicassem o que estava acontecendo.

— Você estava grávida quando sofreu o acidente - esclareceu Dr. Marcos — Não sabia? Estava de 2 meses.

Júlia ficou chocada, lembrou-se que antes do acidente sua menstruação estava atrasada, mas que não dera importância ao fato, pois já havia acontecido outras vezes e Beatriz havia lhe explicado que isso era normal quando se passa por situações de stress.

— Conseguimos autorização judicial para dar continuidade a gravidez, pois a criança poderia ter algum problema neurológico, mas ela é perfeita! - completou Beatriz.

— E linda como a mãe! - Marck falou.

Júlia cambaleou e ele a amparou envolvendo-a com segurança.

— Por favor... me ajude a sentar... eu... preciso sentir minha filha.

Imediatamente, acomodaram ela em uma poltrona e colocaram Sophia em seus braços. Júlia sorria e chorava ao mesmo tempo em que acariciava a criança. Sophia já parecia conhecê-la, nem estranhou quando Nani a deixou nos braços de Júlia. Os pequenos olhinhos verdes iguais aos dela olhavam curiosos para as lágrimas que molhavam o rosto da mãe. Aos poucos as pessoas foram se retirando da sala. Dr. Marcos foi o último a sair e antes presenteou o casal com a notícia de que Júlia poderia ir para casa, desde que voltasse todos os dias para dar continuidade do tratamento. A felicidade deles era plena.

Júlia foi recebida no apartamento de Marck com euforia, Nani e Dona Tereza prepararam o jantar e fizeram de tudo para que ela ficasse confortável, embora ainda tivesse que usar cadeira de rodas. Nani a ajudou com a refeição, pois ainda não conseguia coordenar os movimentos com precisão. Ela derrubou o copo de suco quando tentou colocá-lo na mesa.

— Sinto muito - falou sentindo-se constrangida. — Ainda não consigo coordenar alguns movimentos.

— Não se preocupe Júlia, nós sabemos de suas limitações - D. Tereza a tranquilizava enquanto Nani limpava a toalha.

— Isso não foi nada, meu amor! Não precisa se chatear - Marck tentava confortá-la.

Beatriz e Gustavo também participaram da ceia e se despediram assim que o jantar acabou, pois sabiam que Júlia se cansava facilmente e não queriam incomodar. Tereza e John se encantaram com Júlia que sorria o tempo todo, observando Sophia a engatinhar pela sala atrás de Dallas, fazendo-o trocar de lugar várias vezes.

— Marck meu filho, você tem que mandar esse cachorro tomar banho toda semana, por causa de Sophia.

— Ele está indo mãe! - ele dizia enquanto tentava fazer Sophia parar, distraíndo-a com um brinquedo.

Quando se retiraram, Nani pegou Sophia no colo e entregou para Júlia.

— Dê um beijo de boa noite na sua mãe, Sophia! - ela disse suavemente. — A Nani vai te levar para dormir.

— Eu queria tanto poder ajudar Nani!

— Vai ter tempo para isso meu anjo! Não deve se cansar!

Júlia beijou Sophia afagando seus cabelos.

— Ainda não posso acreditar...

Marck se sentou ao seu lado no sofá e a abraçou, dizendo:

— Já está na hora de você se deitar também meu amor! Não deve se esforçar demais.

Ela consentiu e ele a levou no colo até o quarto, colocando-a sob a cama.

— Espero que tenha gostado da sua nova casa. Não é uma mansão como estava acostumada. Minha mãe ajudou mudando algumas coisas para recebê-la.

— Está tudo perfeito! Sua família é maravilhosa!

— É nossa família Júlia! Você faz parte dela agora.

Enquanto ele acariciava seu rosto, ela silenciou lembrando se da mãe, a única pessoa de sua família que ainda lhe restava e que a renegara.

— Eu vou chamar a Nani para ajudá-la com as roupas.

Marck interrompeu seus pensamentos, ameaçando sair do quarto. Júlia o deteve.

— Não precisa! Você pode me ajudar.

Seus olhares se encontraram.

— Eu... acho melhor não... - ele disse apertando os olhos. — Você ainda está se recuperando e eu...

Júlia se sentiu insegura, estava mais magra e pálida, os cabelos foram mantidos curtos, devido ao tempo que ficara no hospital. Ela mesma ainda não havia se acostumado com sua aparência, talvez não se sentisse mais atraído.

— Me desculpe... - ele continuou, balançando a cabeça. — É que... já faz tanto tempo... eu... eu tenho medo de não resistir - disse finalmente.

Ela piscou os olhos respirando fundo e pode sentir o perfume dele preencher seus pulmões.

— Então não resista! - disse lhe estendendo as mãos. — Vem... me beija por favor, eu preciso de você!

Ele a beijou suavemente e Júlia correspondeu sem pressa. O beijo foi se

tornando provocante, intenso e ele obrigou-a a se deitar, mas se conteve ao vê-la arquear, estremecendo ao toque mais ousado. Júlia segurou suas mãos conduzindo-as novamente pelo seu corpo. Enroscou-se a ele, chamando-o sem usar palavras, apenas com um sorriso meigo nos lábios que iluminaram até a sua alma.

— Eu te amo Marck Tuner! - falou entre suspiros ao seu ouvido — Sempre te amei!

E entre carícias e beijos longos, numa perfeita dança onde seus corpos se uniam, eles se entregaram àquele momento sublime e se amaram como se fosse a primeira vez.

Capítulo 30

Mal havia amanhecido e Júlia acordou ao som do choro de Sophia. Tentou se levantar sozinha e acabou acordando Marck, que mantinha o braço envolta de sua cintura.

— O que foi meu amor?

— É que Sophia está chorando. Eu queria ajudar a Nani!

— Eu te levo. Você não precisa se preocupar, ela sempre lembra essa hora, deve estar com fome.

Marck levou Júlia à cozinha, onde Nani preparava uma mamadeira. Pegou Sophia que chorava manhosa no carrinho e entregou-a para Júlia. Meio nervosa, ela tentava consolar a criança. Nani veio ao seu socorro com a mamadeira.

Júlia pode sentir pela primeira vez o prazer de alimentar sua filha nos braços. Sophia dormiu antes de acabar o leite, soltando o bico da mamadeira.

— Ela dormiu Nani! - Júlia disse emocionada.

— É assim mesmo, fica cansada de sugar e agora tira um cochilo, daqui a pouco desperta novamente.

Nani pegou a criança no colo

— Vou colocá-la no berço, depois preparo um café para vocês.

— Nani! - ela disse detendo-a. — Obrigado por estar aqui! E cuidar de Sophia para mim. Você é um anjo que Deus colocou em minha vida! Não tenho como agradecer.

Elas se abraçaram emocionadas, enquanto Nani falava:

— Já fez muito por mim, querida, apenas por despertar! Eu a tenho como uma

filha, não ia suportar se você partisse.

Depois do café, Marck deixou Júlia no hospital e foi trabalhar.

— Eu venho para almoçar com você! - ele avisou.

Na agência foi recebido com um café da manhã especial na sala de reuniões. Era uma forma de reconhecimento pelo ano difícil que Marck tivera.

— É aniversário de alguém hoje? - indagou quando entrou.

— Soubemos que levou Júlia para casa ontem e achamos que é um motivo para comemorar.

Ruan se aproximou abraçando-o.

— Parabéns “cara”!

— Obrigado! Obrigado pessoal!

— Quando vamos ter o prazer de conhecê-la? Ou será que você vai escondê-la dos amigos?

Ele riu descontraído.

— Ela ainda está se recuperando, eu não quero atropelá-la com festas! Mas não vai faltar oportunidade.

— Você tem razão!

Enquanto se serviam, Marck chamou Vanessa ao lado para perguntar como estava sua agenda para tarde.

— Eu cancelei seus compromissos de hoje!

— Como?

— É que é sexta-feira e devido às circunstâncias, achei que devia voltar para casa mais cedo.

— Tem razão, ia te pedir para fazer isso mesmo!

Mais tarde ele pegou Júlia no hospital.

— Está com fome? - indagou.

— Ainda não!

— Quero te levar em um lugar antes! Tudo bem?

— Ok! - ela disse curiosa.

Após dirigir um pouco, Marck parou o carro dizendo:

— Eu vou vender seus olhos... é uma surpresa.!

Júlia ficou intrigada.

— Não se preocupe - ele disse tirando um lenço do porta luvas do carro. — Vai ser por pouco tempo.

Ela consentiu. Marck dirigiu por mais algum tempo e parou o carro. Desceu, acomodando-a na cadeira de rodas e a conduziu para dentro de uma casa.

— Nós chegamos - disse enquanto tirava-lhe a venda dos olhos.

Júlia olhou perplexa onde estava. Era uma sala ampla sem móveis algum, onde havia apenas um piano preenchendo o ambiente.

— Eu comprei para você meu amor! Espero que goste, não entendo muito sobre pianos.

Ela sorriu emocionada, enquanto ele a conduzia mais próxima.

— É maravilhoso! Obrigado! - ela disse enquanto tentava tirar algumas notas. Depois olhou para ele, encarando seus olhos azuis e continuou. — Mas não posso aceitar Marck... é um presente muito caro, e ... nem sei se vou voltar a tocar.

— Não diga isso! É claro que vai Júlia, é só uma questão de tempo, precisa ter paciência, vai dar tudo certo. - ele beijou suas mãos e continuou. — Também comprei esta casa para nós. Já, já Sophia vai começar a andar e acho que precisa de mais espaço! Vai ser mais seguro para ela. O Dallas também precisava de um quintal. Quando você estiver melhor poderá decorá-la do jeito que quiser!

— Porque está fazendo isso?

— Porque quero vê-la feliz. Todo esse tempo que ficou no hospital, Nani me contou como você vivia, suas privações..., eu não quero que se sinta prisioneira de meu amor, quero que faça as coisas do seu jeito, que faça o que tem vontade, que sinta prazer em viver comigo.

— Eu já tenho tudo que preciso por você estar comigo!

— Não, Júlia! Você acostumou a viver sua vida para os outros! Quero que comece a viver para você! Que tenha sonhos e procure realiza-los e eu vou te amar mais ainda. Eu devolvo o piano se você me disser que não gosta de tocar!

— Não! Eu gosto... - ela falou um pouco entristecida.

— Graças a Deus! - ele disse com ar zombeteiro procurando animá-la. — Não sabe o trabalho que deu para colocar ele nessa sala! Sabe as pessoas não constroem casas pensando em comprar um piano.

Ele a beijou e em seguida a conduziu para o resto da casa. Empolgado, lhe mostrou todos os cômodos e os planos que tinha para uma pequena reforma. Júlia apenas o observava, admirando sua alegria.

— Vamos embora agora, você precisa se alimentar... senão o Dr. Marcos vai brigar comigo!

— Não vai se atrasar para o serviço?

— Eu tirei a tarde para ficar com você, está precisando de roupas, vou levá-la ao shopping, fazer compras, o que você quiser, desde que esteja disposta.

Conduziu-a ao carro e antes de ligar o veículo, ele perguntou:

— O que quer comer?

— Hambúrguer - respondeu rapidamente.

— Hã?!

— Isso mesmo, um “x” qualquer coisa com bastante catchup e maionese... humm e batatas fritas também - completou erguendo as sobrancelhas.

— Isso não me parece muito saudável! - ele disse meio que rindo.

— Eu sei, é que estou enjoada da comida do hospital.

— Está bem então.

E ela continuou.

— E depois eu quero correr na praia e sentir a brisa do mar...

Marck balançou a cabeça enquanto falava:

— Posso te levar na praia meu amor, mas correr você sabe que ainda não pode!

— Não me interrompa - Júlia disse meio autoritária, fechando os olhos como que imaginando o que queria. — E depois... - abriu os olhos encarando-o. — Quero fazer amor com você!

— Você sempre me surpreende! - ele disse sorrindo enquanto a beijava.

Capítulo 31

Dois anos se passaram. Júlia se recuperou completamente, fazendo apenas consultas mensais de acompanhamento. Duas vezes por semana dava aulas de piano num projeto social em uma comunidade carente da periferia. Eles se mudaram para a casa nova e cederam o apartamento para Nani morar com Vitor e a filha. Beatriz e Gustavo estavam noivos. Tudo caminhava perfeitamente bem.

Na varanda da casa, após o dia corrido, sentindo o aroma da grama recém aparada e apenas sob a luz do luar, Julia estava sozinha. O dia fora cansativo, cheio de atividades e cuidados com a pequena Sophia, que agora dormia serenamente. Completamente absorta em seus pensamentos, não percebeu que alguém se aproximava e estremeceu quando braços fortes entrelaçaram-se ao redor de sua cintura e a voz tão familiar sussurrou-lhe ao ouvido.

— Tenho ciúmes dos teus pensamentos.

— Pois terá que sentir ciúmes de você mesmo, já que preciso me concentrar para não ficar pensando em você o tempo todo – ela disse com a voz suave e o recebeu com um beijo.

— Está falando isso só para me agradar – disse virando seu corpo para ele para poder mirar-lhe os olhos.

— É sério...

— Sério?

— Sempre que me distraio acabo pensando em você.

— Quer dizer então que eu distraio a senhorita?

— Aham... – Julia balançou a cabeça afirmativamente

— E isso é bom ou ruim?

— Às vezes muito bom e às vezes ruim, porque pareço uma tola apaixonada, e fico pensando em coisas como... – ela hesitou.

— Como o que? - Marck insistiu.

— Que já nos conhecíamos antes de tudo isso acontecer... - Marck sorriu incentivando-a a continuar – Que fomos atraídos de alguma forma e que pensar em você me trouxe de volta.

— Eu também me sinto assim, como se já te conhecesse, e te encontrar... foi a melhor coisa que aconteceu para mim – piscou enquanto sorria. - Mas tenho certeza de que não é isso que está pensando agora. Está preocupada com o julgamento, amanhã?

Ela o encarou, passando as mãos delicadas em seu rosto.

— Ficaria magoado comigo se eu o perdoasse?

— Meu amor, ele quase a matou... - Marck falou indignado - Tenho certeza de que o faria se soubesse que estava grávida.

Ela escutava pacificamente.

— Mas eu estou aqui agora, não estou? — os olhos verdes brilharam por estarem marejados. — E ele está velho demais, não vai aguentar a prisão por muito tempo, perdeu tudo que tinha e com certeza será condenado pela morte de Tomas.

Marck absorveu suas palavras ternamente, percebendo-lhe a aflição, passou a mão em rosto enxugando suas lágrimas enquanto lhe dizia.

— Eu vou estar com você amanhã meu amor... e vou apoiá-la seja qual for a sua decisão. Eu te amo porque tens essa alma linda!

E num abraço apertado, trocaram um beijo cheio de emoções, despertando o desejo que sentiam de se amar. E entre beijos e carícias ousadas, nem perceberam como chegaram ao quarto escuro. Peças de roupas foram esquecidas por todo caminho. E num jogo intenso de sensações prazerosas, ao qual já haviam se acostumado, eles se entregaram de corpo e alma.

xxx

No julgamento, Júlia vestia um conjunto de saia e “tailleur” beges, que contrastava com uma camisa escura de seda, uma roupa sóbria e discreta, combinando com a ocasião. Os cabelos já crescidos foram presos num coque deixando algumas mechas caírem ao lado que revelavam os traços finos e delicados de seu rosto. Marck a acompanhava de terno preto e camisa clara. Surpreendeu a todos com sua beleza e jovialidade quando chamada à depor e mais ainda ao plenário, quando se pronunciou dizendo:

— Jackie sempre alimentou um amor doentio por mim, não acredito que queria me matar, acho que perdeu o controle da situação.

O promotor tentou convencer o juiz a impugnar seu testemunho, alegando o fato de estar em coma por mais de um ano, mas o Juiz rejeitou a objeção devido a documentos médicos que atestavam suas plenas faculdades mentais.

Jackson foi condenado a 5 anos pelo assassinato de Tomas e absolvido pela tentativa de assassinato de Júlia, uma vez que ela própria alegara não haver a intenção do ato.

Antes que o levassem, ela ainda pediu para conversar com ele. Trouxeram-no algemado, estava abatido e mais magro. Júlia aguardava sentada e se levantou assim que entraram.

— Jackie eu... – ela ficou sem palavras.

— Porque está fazendo isso sua vadia! Queria olhar na minha cara para rir de mim! Já não basta o que você fez? – ele disse agressivamente.

— Não eu ... eu sinto muito... só queria saber se posso ajudá-lo.

— Não me venha com falsidades Júlia, agora sei quem você é, se pensa que vou lhe dar o divórcio por essa caridade que fez em seu depoimento, está enganada. Não vai se livrar de mim. Lembra disso!

Ela balançou a cabeça pesarosa, Marck tinha razão não devia mesmo conversar com ele, seu advogado já havia entrado com o pedido de separação litigiosa, agora com a condenação de Jackie, era só uma questão de tempo. Jackson pediu aos guardas que o levassem.

Meses depois Júlia acompanhava Marck em um evento da agência. O salão de

festas fora devidamente organizado por um Buffet, contratado por Vanessa. Eles comemoravam o prêmio de destaque do ano merecidamente recebido pela equipe. Ela conversava animada numa roda com os amigos quando sentiu um calafrio percorrer lhe a espinha, um estranho mal estar tomando conta de seu corpo.

— Sente-se bem Júlia? — Beatriz perguntou preocupada ao notar sua palidez.

A voz pareceu distante, olhou ao redor procurando identificar quem a chamava e deixou a taça de champagne cair ao chão. Gustavo a amparou antes de desfalecer por completo.

Abriu os olhos apenas alguns minutos depois e estava em um corredor escuro, demorou um pouco para conseguir enxergar alguma coisa. Vozes, na verdade o que mais pareciam gemidos de uma pessoa a guiaram até uma sala fria e úmida, um cheiro forte de mofo pairava no ar. Respirou com dificuldade e pode notar alguém encolhido num canto. Imediatamente reconheceu a imagem de Jackson. A sensação de mal estar aumentou, quando percebeu que ele também a via.

— Vem... me ajuda — ele pediu de maneira aflita, lhe estendendo a mão.

Ela hesitou, mas foi invadida por uma profunda compaixão, fechou os olhos procurando pensar em coisas boas uma vez que o medo a dominava por completo e já ia lhe estendendo as mãos quando foi impedida pela figura de um homem. Ele segurou suas mãos delicadas e as beijou com carinho.

— Pai?

— Não precisa fazer isso meu anjo, nós viemos para ajudá-lo.

Uma jovem de aparência familiar já auxiliava Jackson. A presença do pai e da amiga de luz, amenizaram o mal estar que ela sentia e aos poucos sua respiração voltou ao normal.

— Precisa ir agora meu anjo, Jackie está em boas mãos. Fique tranquila.

Olhou para a jovem que estendia a mão para Jackie, ajudando-o a se levantar. Pequenos raios de luzes saiam delas e Júlia entendeu perfeitamente o que estava acontecendo.

— Ele... ele está morrendo não é mesmo? – disse apertando os olhos.

— Não deve se preocupar com isso meu anjo.

— Eu... me sinto culpada... por tê-lo traído... — cobriu o rosto envergonhada. — Sinto que tudo isso poderia ter sido diferente.

— Não deve se culpar. As circunstâncias a levaram a fazer o que fez. Não se iluda minha filha, ele nunca foi um homem de bem, se fosse não a teria comprado, e nem a submetido as humilhações pelas quais passou. Alimentou o ódio de muitas pessoas nessa jornada, causou muita dor e sofrimento. Você teve muita paciência enquanto viveu com ele, nada que fizesse poderia mudar essa situação. Ele fez escolhas erradas e agora está começando a colher o que

semeou, mesmo assim ainda tem a benção de poder estar recebendo a nossa ajuda. Estamos aqui por suas preces. Sabemos que sempre ora por ele meu anjo, mesmo depois de todo sofrimento que te causou.

— Eu... não queria vê-lo sofrer, de certa forma sinto culpa por não amá-lo da maneira que me ama.

— O amor deve construir e edificar minha filha, nunca destruir. Quando amamos queremos dar o melhor de nós. Jackie nunca te amou, só alimenta um sentimento de inveja. Tem ciúmes do amor que une você e Marck. Vocês são almas gêmeas, se buscaram, se encontraram, se uniram. Procure viver intensamente essa oportunidade que teve e busque a felicidade. Jackson terá o amparo de que precisa graças a você.

Os olhos de Júlia se encheram de lágrimas e Tony a abraçou confortando-a.

— Você tem uma alma linda filha, merece ser feliz.

— Eu... sinto saudades... quando irei vê-lo novamente?

— Eu sempre vou estar com você minha filha.

Tony a abraçava delicadamente tentando protegê-la. As luzes em torno deles se tornaram intensas e envolveram totalmente o corpo de Jackson. Júlia foi forçada a fechar o olhos e quando conseguiu abri-los novamente estava deitada em um sofá, piscou várias vezes um pouco confusa. Mãos já conhecidas seguravam as

suas e a voz que sempre a estremecia soou suavemente.

— Precisa parar de me assustar assim meu amor.

Ela sorriu de volta recebendo um beijo carinhoso em seu rosto.

— Deve ter sido uma queda de pressão – Beatriz tranqüilizava Marck, enquanto media a pressão de Júlia pela terceira vez consecutiva. – Como se sente?

— Bem – Júlia tentou se levantar. – Um pouco cansada – disse ainda um pouco atordoada com o que acontecera.

— É melhor continuar deitada Jú. Ainda está com a pressão baixa. Puxa, você me assustou, não sabia se eu te socorria ou o babão do seu marido, que quase enfartou quando te viu.

— Me desculpem..., eu não sei o que aconteceu, mas já estou melhor, de verdade, podem ficar tranquilos.

Marck olhou desconfiado, acariciando suas mãos com carinho.

– Eu vou ligar para Dr. Marcos, acho melhor que ele te veja amanhã.

Beatriz concordou, e Júlia não interviu, achou melhor não comentar nada sobre o ocorrido, estragaria a festa, sabia que as pessoas hesitavam em acreditar nesses fenômenos e nem mesmo ela sabia como definir o que lhe havia acontecido.

A notícia do falecimento de Jackson só viria no dia seguinte. Marck a havia deixado com Sophia em frente ao prédio de Nani e seguira para o trabalho preocupado com o ocorrido na noite anterior, desde então Júlia lhe pareceu distante, um pouco triste talvez, ele não sabia definir e mal havia chegado a agência um telefonema de seu advogado o fizera retornar.

Ele as avistou na praia assim que desceu do carro, ela gostava de observar Sophia enquanto brincava nas areias claras com potinhos e panelinhas e sentir a brisa do mar. Costumava dizer lhe que quando a brisa do mar acariciava sua pele, era como sentir a força e suavidade do abraço de Deus e que isso a fazia se sentir em casa. Marck nunca entendeu o que isso realmente significava.

Ainda era bem cedo e o movimento era fraco, apenas alguns surfistas aproveitavam para desafiar as ondas e poucas pessoas se exercitavam. Antes de ir ao encontro delas se sentou num banco do calçadão, pensando em como lhe daria a notícia, sabia que ela se abateria, mesmo depois de tudo que passara, ainda se preocupava com Jackson. Ele se lembrou de como ela era boa e não conseguia guardar rancor das pessoas, uma das primeiras coisas que lhe pediu quando se reabilitou, foi que a levasse para visitar a mãe. Visita triste e dolorosa, uma vez que Dona Edith se mostrou indiferente e fria com a filha. Mack se lembrou de como teve vontade de dizer umas verdades para a velha senhora de cabelos grisalhos, quando ela se referiu a Sophia como sendo fruto de uma traição amorosa, acusando Júlia de viver em pecado, mas se conteve a tempo quando ela segurou em sua mão e seu olhar o atingiu como um bálsamo, sufocando palavras grosseiras que ameaçaram sair de seus lábios. Mostrou-se forte e serena durante a visita e voltou para casa calada durante toda a viagem. Depois disso manteve contato com a mãe, telefonando periodicamente para saber como ela estava. Os pensamentos foram interrompidos quando alguém lhe cumprimentou.

- Marck? Que bom te ver!

Ele se virou e encontrou Melissa. Ela estava realmente linda com trajes de ginástica colados ao corpo malhado, os longos cabelos negros presos num rabo de cavalo e estava acompanhada de um jovem musculoso, do qual logo se livrou dizendo:

— Pode continuar que depois eu te alcanço.

O rapaz acenou sorrindo e continuou andando.

— E aí tudo bem?

Marck se lembrou da última vez que a encontrara - Estou bem, muito bem – disse sorrindo envergonhado.

— Eu soube que se mudou.

— É... – ele evitava encará-la, ao mesmo tempo que tentava não perder Júlia e Sophia de vista.

— Conheci Júlia, hoje no elevador, ela estava com Sophia. É uma pessoa encantadora.

— Ah...

As respostas monossílabas a fizeram perceber o quanto ele estava... Envergonhado? Talvez receoso? Ansioso, ela diria uma vez que não parava de olhar para a praia.

— Eu acompanhei o julgamento na mídia, não se falava outra coisa no prédio. Isso esclareceu muitas coisas.

Ele apenas olhou intrigado.

— Estou me referindo ao seu comportamento. Você mudou.

— Mudei? – disse sem muito entusiasmo, ultimamente era isso o que mais ouvia.

— Mas sei que está bem agora, e estou feliz por vocês.

— Acha mesmo que eu mudei?! - disse automaticamente somente para não parecer indiferente.

— Muito... – respondeu pensativa. – você parece...

Agora os olhos dele não desgrudavam da praia. O vento soprou mais forte, fazendo com que a saída de banho de tecido fino colasse ao corpo de Júlia. Como um ímã que lhe atraía ela se virou em direção ao calçadão, encontrando os olhos azuis que a observavam. Sorriu ao vê-lo acenando. O sorriso tímido e suave que lhe encantou desde a primeira vez que a vira. Ele não pode conter um suspiro enquanto se levantava automaticamente e sem ao menos se despedir saiu ao seu encontro. Ainda teve tempo de ouvir Melissa dizendo:

- ...enfeitado – ela iria dizer feliz, muito feliz, mas ao vê-lo sair daquela maneira não pode se conter.

Ao ouvi-la dizendo aquilo ele olhou para trás tentando se despedir. Tarde demais, ela já havia partido. Continuou andando e pensando. “Feiticeira, lá está minha feiticeira”, sorriu de si mesmo e desses pensamentos. Não sabia como defini-la. Uma jovem do interior, simples e sem experiência de vida. Logo ele que conhecera muitas mulheres, mulheres famosas, inteligentes e belíssimas, mulheres de todos os tipos, safadas, ingênuas, casadas e solteiras, ele não sabia como explicar. Ela tinha um brilho próprio, que encantava a todos que a conhecia. Um carisma natural. Talvez houvesse mesmo algo de mágico na mulher que ele amava. Com ela não se importava se estivesse num restaurante sofisticado ou numa simples lanchonete, a satisfação que sentia era a mesma. Coisas simples como caminhar de mãos entrelaçadas passaram a ter maior valor. Receber o sorriso doce e delicado após um dia cheio no trabalho, era a maior de suas recompensas, fazendo com que ele procurasse ser cada vez melhor. E a maior das lições para Marck, que ainda tinha dificuldade para aceitar, era o amor incondicional que ela transmitia, procurando sempre perdoar por mais que se sentisse magoada, buscando o que havia de melhor nas pessoas, e tudo isso sem palavras, apenas com pequenos gestos e atitudes no dia a dia. E quando suas mãos firmes tocaram as delicadas, a palavra saiu de forma natural, sem ele ao menos dar importância ao fato.

- Oi “anjo”...

FIM

Contato com o autor: je_verpa@yahoo.com.br

[1] Feira Literária Internacional de Paraty